

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Literatura

Área de especialização | Criações Literárias Contemporâneas

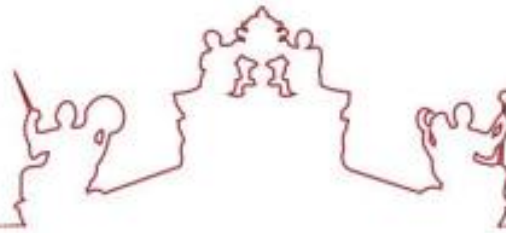
Dissertação

“A Saudade: Génese de uma Palavra”

Alexandra Isabel Silva Rico

Orientador(es) | António Cândido Franco

Évora 2024



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Vogais | António Cândido Franco (Universidade de Évora) (Orientador)
Cláudia Sousa Pereira (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2024

Agradecimentos

A dissertação que se segue tem por mérito a distinção de alguns elementos a quem gostaria de agradecer todo o apoio prestado. Nomeadamente, ao Professor Doutor António Cândido Franco, a quem agradeço a honra de ter recebido a sua orientação académica e pessoal. Sendo que, para além do seu contributo do ponto de vista intelectual, retiro também o seu aconselhamento inestimável que permitiu a concretização deste trabalho, que por momentos duvidei vir a concluir. Em segundo lugar, agradecer aos meus pais, Carlos Rico e Irene Rico, por todo o esforço e amor que sempre me dedicaram. Permitindo-me, em 2015, a vinda para Évora rumo a uma das etapas mais felizes da minha vida, pela qual lhes estarei eternamente grata. Pois, só assim consegui prosseguir os estudos na licenciatura de Línguas e Literaturas, sem a qual posteriormente nunca conseguiria ingressar neste mestrado. Agradecer também à minha irmã Adriana Rico, a minha eterna pequena, que sempre foi e será a maior impulsionadora para a perseguição dos meus sonhos. Por fim, agradecer ao homem que entrou na minha vida para ficar, Ruben Silva, com quem tive o privilégio de partilhar silêncios infinitos, enquanto redigia as páginas que aqui se seguem.

Ao meu avô Manuel,
e restantes avós Irene, Ana e José,
por quem igualmente adivinho eterna saudade.

Em especial à minha avó Ana,
a quem prometo proteger e guardar para sempre as suas memórias.
Assim, lembrar-me-ei pelas duas.

“Pois só morre quem ama, e quem é amado
Vive sempre, em espírito saudoso...”

Teixeira de Pascoaes

“Saudade é criação, perpétuo casamento fecundo da Lembrança
com o Desejo, do Mal com o Bem, da Vida com a Morte...”

Teixeira de Pascoaes

Nota Prévia

A dissertação que *A Saudade: Génese de uma Palavra* tem por norma as regras ortográficas oficiais em vigor na língua portuguesa. Tendo este acordo, iniciado a sua obrigatoriedade formal no ano de 2009, apesar de ter sido apelidado como Acordo Ortográfico de 1990. Por esta razão, o trabalho que se segue respeitará as regras por este estabelecidas. Note-se ainda que, terá sido em consciência que algumas das citações aqui apresentadas, constarão com expressões de grafismos anteriores à atual forma. Menções essas que estão conforme *ipsis verbis* as respetivas fontes assinaladas.

Resumo

A dissertação, *A Saudade: Génese de uma Palavra*, surge pela ideia de fundamentar uma resposta para a origem da identidade saudosista portuguesa, tendo sido necessário esmiuçar cronologicamente o processo de consolidação da palavra na nossa cultura, ao longo dos séculos até aos dias de hoje. Desde a sua formação etimológica, que serviu o estudo de Carolina Michaëlis, até à polémica de António Sérgio e Teixeira de Pascoaes. Relevando-se a história um aliado deste processo construtivo, pois auxiliando a compreender a relação afetiva que justifica a importância deste conceito na cultura portuguesa, sendo essa a causa para a tão difícil tradução da saudade para outros idiomas.

Concluir-se-á que a verdadeira apreciação somente reside no distanciamento temporal, servindo esta dissertação para elogiar todos aqueles que se inspiraram na saudade, em especial na literatura portuguesa, permitindo-lhe a sua eternização na nossa língua.

Abstract

The dissertation, *A Saudade: Génese de uma Palavra* (Longing: Genesis of a Word), comes up from the idea of finding an accurate answer to the origin of the Portuguese nostalgia. For this purpose it was necessary to chronologically examine the process of strengthen the word definition in our culture, over the centuries up to the present day. Since its etymological formation, which served the Carolina Micha lis study, to the polemic of António Sérgio and Teixeira de Pascoaes. Through this constructive process, history proved to be an important ally, because it helped us to understand the affective relationship that justifies the importance of this concept in the Portuguese culture. The reason why it is so difficult to translate *saudade* into other languages.

In conclusion the true appreciation only lies in temporal distance. This dissertation serves to praise all those who have been inspired by *saudade*, especially in Portuguese literature, allowing it to be eternal in our language.

Índice

Agradecimentos	4
Dedicatória	4
Epígrafe	5
Nota Prévia	6
Resumo	7
Abstract	8
Índice	9
Introdução	10
I – <i>A Saudade Portuguesa</i> de Carolina Michaëlis	15
I. O amor de Inês de Castro	16
II. O mito da tradução	19
III. A origem etimológica	22
IV. O significado da Saudade em Portugal	26
II – O primeiro episódio narrado da saudade portuguesa	29
I. Fernão Lopes, o cronista real	29
II. A personagem de Dona Inês de Castro	31
III. A execução ordenada por El-Rei Dom Afonso IV	32
IV. O casamento de Dom Pedro e Dona Inês	34
V. O Rei Saudade	36
III – A saudade em Camões	38
I. A epopeia <i>Os Lusíadas</i>	38
II. Episódio de Inês de Castro n'Os Lusíadas	42
III. A poesia lírica camoniana	46
IV – A saudade em Teixeira de Pascoaes	56
I. A temática da saudade em <i>Marânus</i>	56
II. Pascoaes na obra <i>Regresso ao Paraíso</i>	62
V – O Saudosismo em Portugal no início do séc. XX	70
I. A Renascença Portuguesa	70
II. As Revistas Portuguesas: <i>A Águia e Seara Nova</i>	72
III. A polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes	77
Conclusão	94
Bibliografia	107

Introdução

A dissertação que se segue, intitulada de “A Saudade: Génese de uma Palavra”, tal como o nome sugere tem como ambição fundamentar a origem etimológica e conceptual do vocábulo. Assunto sobre o qual deverá incidir a pesquisa académica de que foi alvo este trabalho, tendo em vista a desmitificação do fenómeno da saudade, por meio das motivações históricas e culturais que influenciaram este povo, no recanto mais oeste da Europa a sentir esta ausência agri-doce como mais nenhuma outra nação. De tal modo que pelas próprias palavras de Carolina Michaëlis, em Portugal “O termo Saudade é quase tão antigo quanto a fundação da nacionalidade” (Manso, 2017: 89).

Tendo por isso, completa fundamentação a necessidade de tratar de forma analítica a exposição cronológica, acerca da evolução semântica da saudade na língua portuguesa, mais propriamente no ramo da literatura, da qual se fez o levantamento neste trabalho. Numa primeira fase, focada na evolução gráfica da palavra e das morfologias que o afetaram, trazendo consigo câmbios de significado. Através do estudo de Carolina Michaëlis fica notório o aperfeiçoamento gramatical em concordância com o comportamento sociológico que propícia essas mesmas mudanças, acompanhando o significado atribuído à saudade. Sendo que a forma como se escreve nos dias de hoje é o resultado do aglomerado de toda a ascensão cultural espontânea, que ocorreu no território nacional. Mais tarde, chegando-se à conclusão que terá havido necessariamente uma bifurcação “(...) nas bases linguísticas a influência de *salus / salutatis / saude* na formação de Saudade, a qual, segundo Carolina Michaëlis e outros, se veio a sobrepor a *Solitate / Soydade*.” (Manso, 2017: 89).

Na cultura lusitana, pela sua íntima conexão com a palavra saudade, nasce assim o fenómeno da incapacidade de tradução do seu significado na língua portuguesa. Uma vez que a saudade, transporta consigo uma espiritualidade que não corresponde às inúmeras tentativas de equivalência noutra idioma. Somente evocando a ausência afetiva de algo ou alguém, que reside numa memória passada. Em contrapartida, em comparação a outras culturas, Portugal destaca-se pela expressão de fé, desejo, esperança e votos de boa saúde que incute na expressão saudosa. Descentralizando-a da conotação limitante reservada às memórias vividas no participio passado, e proliferando o seu sentimento ao presente por ser aqui que se sente, e ao futuro, no qual se difunde a sua filologia.

Fernão Lopes concede através das páginas da Crónica dedicada a El-rei Dom Pedro I a partilha, e por conseguinte a perpetuação deste amor saudoso que tão bem caracteriza a intensidade do seu povo trovadoresco. Isto é, relativamente ao caso

amoroso de Dom Pedro I e Dona Inês de Castro, no qual se testemunha este sentimento alegre e doloroso que se vive de um jeito quase masoquista. Um relato de uma história que presencia o prazer vindo da saudade, através do desejo do encontro. Primeiro em vida e depois na morte. Emoção que alimenta a paixão, que tal como o nome indica implica sofrimento, como é exemplo na religião católica: a paixão de Cristo. Tendo sido este um episódio deveras traumático na história de Portugal, considerando as cicatrizes profundas que o reinado de D. Pedro deixou para trás. Um homem enlouquecido pela sua perda, que terá praticado um dos atos mais grotescos em nome da saudade que nutria por sua amada Dona Inês de Castro. Colocando nela a coroa, mesmo depois de morta, no pobre cadáver exumado para aquele fim. Uma encenação digna de várias peças dramáticas que dali vieram a nasceram inspiradas pelo beija-mão ao esqueleto de Inês com a corada pousada nela. Lado a lado novamente com Pedro. Insanidade, que havia de surgir de uma saudade infinda a par de um amor incomparável, talvez somente equiparado ao fatalismo a que assiste em Tristão e Isolda.

Em seguida, dedicar-se-á o terceiro capítulo ao aclamado poeta Luís Vaz de Camões. Autor da grande epopeia clássica *Os Lusíadas*, e de um vasto reportório lírico igualmente digno do seu mérito. Obra que posiciona a personagem de Vasco da Gama no papel de narrador, contador de histórias que dão a conhecer Portugal ao rei de Melinde. Interessado em saber mais sobre o povo que acabara de desembarcar em águas índicas. Sendo que durante este diálogo volta a surgir o tema da saudade, através dos versos destinados a Inês de Castro. A donzela vítima de Dom Afonso IV, avô de seus netos a quem implorou misericórdia antes de ser silenciada. Ação que Camões faz questão de lamentar, distanciando-se da atitude covarde perante uma donzela em clara desvantagem de forças. Sendo este um homicídio despropositado e vergonhoso para o reino, pois ao contar as suas façanhas mais chocantes. Contudo, note-se a verdadeira intenção do poeta ao honrar a memória de Dona Inês, vítima de uma emboscada ao amor mais belo a que Portugal assistiu alguma vez. Ressaltando o lado saudoso que despoleta em D. Pedro I, homem de temperamento forte que desfalece entregando-se à memória da sua mulher que se esforça por manter viva no seu coração, não se permitindo nunca esquecer. Um relato fascinante que culmina demonstrando a devoção de um amor pleno, tanto carnal como espiritual.

Considere-se, que também o seu reportório lírico capta a essência que predomina no estado de espírito lusitano, que interpela uma constante insatisfação. Ao mesmo tempo que se alimenta de uma esperança sebastianista capaz de o resgatar do desconcerto do mundo, vítima do tempo que nunca estagna deixando-o desfrutar sem receio de vir a perder aquilo que bom se vive. Descrevendo-o como um povo que apesar

de sofrido, estará predestinado pelos Deuses a grandes feitos, alguns já praticados e de outros que estarão por vir. Mentalidade esta que promove o orgulho patriotista entre os portugueses. Sendo esta uma preocupação que se viria a repercutir mais tarde na filosofia de Teixeira de Pascoaes.

Assim, será possível compreender através da leitura deste trabalho a co dependência assente nesta temática Inesiana, e na sua justificativa do cerne da questão da saudade na cultura portuguesa. Para além da reflexão que naturalmente ressaltará ao leitor, quando este se propuser a questionar-se sobre os fatores que induziram a esta forma de estar, tão inerente como se sabe condição de nascer português. Apesar de não haver estudos científicos que comprovem esta tendência saudosa. Mas, que se evidencia até com um certo orgulho muitas vezes no comodismo desanimado com que lida no seu dia-a-dia com as banalidades. Uma vertente da saudade que António Sérgio, figura emblemática do anti saudosismo e discípulo de Verney, certamente reprovava ainda hoje. Visto que a saudade requer uma delicadeza que não cabe ao entendimento lógico que os racionalistas acreditam ser a chave para a conclusão de todos os problemas com que o Homem se depara.

Um povo que consegue resumir numa só palavra toda a sua personalidade. Saudade, a melancolia nostálgica que se satisfaz pelo prazer de recordar, e de querer mais sem saber como. Um povo valente ao ponto de desbravar “mares nunca dantes navegados”, como declamou Camões em *Os Lusíadas*, mas preso dentro das suas próprias redes que o impedem de expandir-se interiormente. À exceção da literatura, dos seus honrosos poetas. Homens que conscientes desta realidade, remaram para que o seu povo olhasse um dia para Portugal com a beleza com que estes o viram. Criando nele virtude mesmo nos seus defeitos, pois o patriotismo comporta-se da mesma maneira que qualquer outro amor.

Teixeira de Pascoaes, apelidado como pai da doutrina Saudosista, derivado ao papel fundamental que desempenhou com grande mérito na divulgação dos ideais da saudade. Enquanto ingredientes básicos à formação da modernidade, uma nova era, que viria a par da implantação da República Portuguesa. Portanto, numa fase delicada do ponto de vista da instabilidade partidária que se arrastou durante praticamente duas décadas com eleições constantes dos representantes nacionais. Dando abertura a uma liberdade de expressão e de originalidade na criação de pensamentos por parte dos intelectuais de Coimbra, que opinaram as suas soluções para a reestruturação do país. Através de publicações em revistas como: *A Águia*, *Orpheu* e a *Seara Nova*. Tendo em

conta o fosso monumental que havia comparativamente ao desenvolvimento político e cultural nos restantes estados membros da Europa.

Passo a citar:

“O grande teorizador da Saudade foi Teixeira de Pascoaes (1877-1952) que ajudou a dar corpo ao movimento Renascença Portuguesa que, na ressaca da instauração da República em 1910, se propunha a renovar Portugal colocando a Saudade como conceito ontológico central da portugalidade que importava desbravar.” (Manso, 2017: 90)

Portanto, um autor que atinge o auge da sua carreira mesmo antes da criação deste movimento cultural da Renascença Portuguesa. Daí que, na organização cronológica da dissertação a análise das suas duas grandes obras, *Marânus* e *Regresso ao Paraíso*, tenham vindo a ser exploradas primeiramente. Antes de chegar à polémica do início do século XX, debatida entre Teixeira de Pascoaes e António Sérgio. Dois antagonista do Saudosismo e do Racionalismo, respetivamente. Pois, uma vez que será do conhecimento geral que Pascoaes representa o oposto daquilo que Sérgio promove com o seu discurso direcionado para encaminhamento do país para o pensamento científico, longe das filosofias que a seu não representavam atitudes pragmáticas capazes de renovar o espírito lusitano. Conforme passo a citar a descrição feita por Leonardo Coimbra: “Pascoaes não é dado às Ciências, nem ao raciocínio analítico; é, sob a inspiração, um vidente, um condensador de recordações, em descarga...” (Coimbra, 1922: 54).

Um homem solitário, mas genial pela sua forma de ver o mundo. Que se traduz, aliás de certo modo em jeito autobiográfico em *Marânus*. Afirmção justificada pela personagem que retrata, recolhida no meio da Serra do Marão. Na terra natal do poeta que ali passou o resto dos seus dias, rodeado pela natureza transmontana que o deslumbrava e surpreendida, tal como acontece a uma criança que tudo descobre pela primeira vez. Assim, contam como era Pascoaes os seus familiares e amigos próximos. À semelhança da personagem principal do seu romance em verso publicado em 1911, que tal como ele passava os dias a caminhar, percorrendo trilhos pela montanha que se transformavam rapidamente em viagens introspectivas. Tanto que, quanto mais adianta mais parece “As descobertas da paisagem são o caminho do mergulho interior: descobre o Marão precisamente quando em libertação mnésica começa a atingir o abismo da alma profunda.” (Coimbra, 1922: 52). Vindo ao seu encontro a figura iluminada feminina, que visa tomar a forma de deusa da Saudade. A musa inspiradora que sempre envolveu o interesse quase obsessivo de Pascoaes.

Uma saudade que se prolonga uma vez mais, enquanto temática em *Retorno ao Paraíso*. Poema publicado em 1912, um ano após *Marânus*, em que Teixeira de Pascoaes supera as expectativas de um público que vinha sendo sensibilizado recentemente para este estado de espírito quase que letárgico de tão melancólico. Tratando-se desta vez de uma obra com traços de carácter épico, um romance em verso que busca através de personagens bíblicas, tais como Adão e Eva, iniciar uma jornada espiritual que dê respostas ao esquecimento a que ambos foram sujeitos no Inferno de Satã. Levantando uma questão essencial à saudade, a memória do Homem que lhe permite ter consciência do vazio daquilo que já viveu e sentiu. Pois, sem memória não existe saudade, e sem esta não existe um caminho de regresso ao paraíso, uma vez que não há nada que almejar. Sem dúvida, este será o ponto de partida fundamental à compreensão desta obra. A saudade sendo interpretada como: princípio, meio e fim. Uma vida sem saudade, será portanto uma vida sem passado, e sem futuro. Sendo que não há nada que almejar, quando não se sabe de onde se veio, nem para onde se quer ir. Assim, a saudade torna-se uma emoção necessária, ainda que dolorosa é incontestável o prazer nela inerente ao saborear a doce memória passada que nos salva um pouco da realidade.

Por fim, concluiremos este estudo com a polémica de Pascoaes e Sérgio. Um debate que deixou à superfície uma metáfora muito particular entre rouxinóis e cotovias, dirigindo-se aos saudosistas e racionalistas respetivamente. Não deixando de ser irónico que Pascoaes tenha feito referência a estas duas aves, ainda antes de ser ter havido uma polémica. Referindo-se a estas como parceiras do mesmo voo, o que corresponde ao pensamento de Teixeira de Pascoaes, que crê não ser possível escapar à saudade e à poesia por mais que se queiram afastar. Passo a citar, versos da obra *Retorno ao Paraíso*: “E voam rouxinóis e cotovias, / Na sombra do crepúsculo: / - Estas, saudosas das manhãs divinas, / - Aqueles, do luar” (Pascoaes, 1912: 18). Assim, deixando ao critério do leitor a reflexão que ficará a pairar no ar, sobre com qual dos lados da discussão culmina a identificar-se. Naturalmente que quem tiver lido esta dissertação à partida estará muito mais inclinado para o primeiro caso. No entanto, servirá esta tese sobretudo para refletir acerca da nossa cultura. Um objeto de estudo de caso, tanto pelas suas virtudes literárias aqui mais profundamente esmiuçadas, como pela sensibilidade de espírito que implica esta saudade vivida tão intensamente por este povo. Ser português significa na verdade muitas coisas, mas o entendimento sobre a riqueza da palavra saudade será porventura uma das nossas maiores heranças.

I - A Saudade Portuguesa de Carolina Michaëlis

Ao longo da obra, *A Saudade Portuguesa* de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, observam-se inúmeras menções literárias, que são feitas ao vocábulo da saudade. Desde, as célebres trovas de Dom Dinis, às cantigas de amigo, aos reportórios de Fernão Lopes e aos versos Camonianos. Realçando a sua mancha literária notável, naquela que é a Cultura Portuguesa na qual o sentimento saudoso se distingue dos de mais, “de tão meigo soa nos lusitanos lábios” (Michaëlis, 1990: 45).

Um estudo atento, que desde logo nos primeiros parágrafos, associa o berço patrimonial da saudade ao episódio histórico do caso amoroso entre Dom Pedro I e Dona Inês de Castro. Pois, no que diz respeito ao tema, “encarna o amor português na sua forma medieval: misto singular de ternura e de rudeza, ou mesmo de ferocidade.” (Michaëlis, 1990: 11). Tendo, como principal fonte de inspiração prosaica, nem só o amor carnal e espiritual, mas principalmente o seu final trágico violentado pela morte de Inês. Perda física do amor materializado de Dom Pedro, que resultaria no desespero mais saudoso alguma vez assistido. Ultrapassando os limites da razão, enxergando apenas a dor sobre um reinado enlutado pela ausência da “mísera e mesquinha”. Sendo que, terá sido através da vingança póstuma que El-Rei consagrou a sua saudade ao coroar o “cadáver que fora exumado” (Michaëlis, 1990: 15), nada mais nada menos que as ossadas de Dona Inês de Castro.

Tanto que, Carolina Michaëlis tencionava numa primeira instância dedicar-se somente ao estudo do aclamado verso: “Saudade minha? Quando te veria?”. Algo que depressa se revelou insuficiente para a densidade semântica em que se traduzia o vocábulo da saudade, especificamente falando no que diz respeito ao território nacional. Isto, porque, apesar da universalidade do sentimento nostálgico e da conversão linguística proveniente desse mesmo estado de espírito:

“Certo é apenas que não correspondem plenamente ao termo português. Certo, sobretudo, que não têm nem de longe, na economia dos respetivos idiomas-irmãos, a importância e frequência da *saùdade* na língua portuguesa; nem tão pouco o *quid*, o não-sei-quê, de misterioso que lhe adere.” (Michaëlis, 1990: 45)

Conclusão essa que obrigou a uma análise mais extensa e profunda, acerca da História e da Literatura, não só portuguesa, como também da Península Ibérica. Assim como da figura feminina de Inês de Castro, que veio personificar todo este contexto singular onde se insere a saudade lusitana, em que Michaëlis entende a necessidade de observar a vertente ideológica, inerente ao *ser português*, que vivencia com especial

carisma o sentimento agridoce, ou “the joy of grief, como dizem os ingleses”. (Michaëlis, 1990: 12)

I. O Amor de Inês de Castro

Carolina Michaëlis usufrui do levantamento de inúmeras referências literárias, que reafirmam e proclamam o episódio de Castro como o mais saudoso da História de Portugal. Tanto que afirma: “Com respeito aos dramas de Inês, considero como tradição histórica não só o amor de perdição do herdeiro da coroa, é ao seu desenlace sangrento; mas também os seus reflexos além-tumba.” (Michaëlis, 1990:13). Assimilando a ideia pela qual se remonta este drama verídico, pela inevitável associação à origem emocional da atualmente conhecida saudade contemporânea. Isto é, como sendo um marco datado que principia a conceção sociológica que hoje se interpreta como sentimento saudoso. Uma fusão de emoções contraditórias, que permitem o prolongamento do amor, para além das suas barreiras físicas, neste caso impostas pela morte. Como pronuncia a expressão manifesta, disso mesmo a “coroação do cadáver que fora exumado – seis anos após o prematuro fim da mísera e mesquinha” (Michaëlis, 1990: 15).

Vários foram aqueles que lhe fizeram honras em suas trovas, peças dramáticas e romances. Tornando a célebre catarse por parte El-rei Rei Dom Pedro I, numa lenda épica à altura do seu cognome, o justiceiro, uma vez que glorificou todo o amor por este vivido, inclusive além morte, através de três atos significativos: a vingança sobre os responsáveis pelo assassinato; o cortejo fúnebre que levou Inês de Coimbra até Alcobça; e por fim, a coroação do seu cadáver e a sepultura que nela consagrou a coroa que sempre lhe pertenceu, mas que nunca a viveu. Um acontecimento que chega até aos dias de hoje, pelas mãos de Fernão Lopes: “São os factos, numa palavra narrados com eloquência, mas sem exageros, por esse patriarca dos historiadados portugueses mais antigos e em documentos coevos.” (Michaëlis, 1990: 14).

Sendo que também preocupava a D. Pedro, o rumo que os corpos de ambos tomariam após a sua morte, o desejo de que repousassem por fim, entre as paredes cruzadas do Convento de Alcobça. Vontade salientada no seu testamento, musicalizada pela voz dos versos de Rui Pina, no *Cancioneiro Geral*: “rei, rainha, coroados, / muito juntos, nem apartados / no cruzeiro d’Alcobça.” (Michaëlis, 1990: 20). Desejos póstumos que refletem o poder do carácter performativo desta saudade incomparável na nossa História. Em tempos que ocupavam os dias do bendito El Rei enviuvado, que tão depressa expressava a sua crueza como rapidamente se traduziam

os termos pelos quais agia. Tendo vivido até ao fim dos seus dias, de forma praticamente insana e revoltada, pelo inconformismo do desaparecimento abrupto de Inês.

Versos a partir dos quais se divagou de boca em boca, dando origem ao tão famoso caso que enlaça as duas maiores obras fúnebres esculpidas em Portugal. Os túmulos de D. Pedro e Dona Inês, repousados no Mosteiro de Alcobaça. Segundo os quais o posicionamento das lajes, deixou margens à imaginação: “(...) que Pedro mandara colocar o túmulo de Inês, não junto do seu, lado a lado (...), como realmente fizera, mas pés contra pés, para que no momento de acordarem ao som da trombeta do Juízo Final, ambos pudessem, mais uma vez, confundir os seus olhos” (Michaëlis, 1990: 16). Lenda que reafirma a inegável importância histórica em que se traduziu este romance, do ponto de vista afetivo e social. Numa época em que ao amor cortês não lhe era permitido ser encarado para além de um mero contrato nupcial, donde os interesses régios suprimiam qualquer obstáculo.

Um episódio que perpetuou a saudade de Dom Pedro para sempre na cultura portuguesa, propagando pelo seu povo a dor inerente ao ato grotesco da sua vingança. Conforme se apreende da leitura de Michaëlis: “Em poucas palavras direi como esta lenda se desenvolveu, a meu ver. Em germe já estava nos três feitos históricos em que Pedro desabafara, rudes sinceramente, os seu impulsos vingativos” (Michaëlis, 1990: 19). Sendo por isso as suas loucuras um eco de uma saudade sem fim, citando António Ferreira: “Tu serás cá Rainha, como foras / (Entendo: como terias sido, se vivesses) / Teus filhos, só por teus, serão Infantes” (Michaëlis, 1990: 21). Versos donde ressalta o coro saudoso encorpado na anatomia dramática, que bafeja rancor para com os dias felizes que não haviam de chegar. Talvez, sendo por isso, este o retrato que mais se aproxima com a condensação daquela que se tornaria a noção de saudade contemporânea. Um sentimento que aglomera a capacidade de almejar o retrocesso ao dias melhores vividos no passado, e ao mesmo tempo, estrebuchar de fome contra a impossibilidade de experienciar um futuro fabuloso. Significado este que coloca a saudade, no papel de vocábulo tradutor de um forte desejo insaciável por algo ou alguém que não se possui no presente. Característica que lhe confere uma certa transversalidade temporal, colocando o indivíduo numa posição interativa em simultâneo com os três tempos verbais: passado, presente e futuro.

Todavia, nem só Ferreira louvou na sua obra a tão aclamada rainha depois de morta, foram variadíssimos os autores que se deleitaram sobre o drama Inesiano. Outros tantos, como Garcia de Resende, Lopez de Ayala, Fernão Lopes e Camões foram

exemplo dessa mesma inspiração. Sendo que o último, foi sem dúvida um dos grandes responsáveis pela sua difusão cultural, ao fazer-lhe referência no grande episódio: *Os Lusíadas*. Menção que havia de servir para aumentar ainda mais a fama de Inês de Castro, através do célebre “verso alado da *mísera e mesquinha*” (Michaëlis, 1990:22), palavras pelas quais ficaria conhecida posteriormente à publicação de Camões. Reflexo do desprezo que a acompanhou sempre ao longo da sua vida entre as paredes que rodeavam a corte, que naturalmente difamavam o seu caso amoroso com Dom Pedro. Esse que também ficaria eternizado pela mão dos versos camonianos, apelidando-o como “*aquela que depois a fez rainha*” (Michaëlis, 1990:22). No fundo, resumindo a sua vivência à dedicação oferecida a este amor tão saudoso quanto aquilo que se pode assistir em vida.

Também Bermudez no seu texto “Inês vingada”, deflagrou os detalhismos mais mórbidos da coroação que se tornaria num dado histórico comprovado pelas mãos do “fabulista-mór da historia e da literatura nacional: Manuel de Faria e Sousa”. (Michaëlis, 1990:25) Dado simbólico que enfatiza a veracidade dos factos anteriormente narrados, ainda que muitas vezes de forma dramática ou poética. Realçando os contornos gregos da teatralidade com que Dom Pedro coreografou toda a sua vingança, certamente muitas vezes encenada nos seus pensamentos mais sombrios à luz da saudade que vivia. Assim sendo, foi graças a Faria e Sousa, “Esse autor, benemérito como Camonista” (Michaëlis, 1990: 25), que cerimónia da coroação de Inês se estabeleceu “na sua Europa, no *Epitome de historia portuguesa* (1677), e no *Comentário dos Lusíadas* (1639) – Canto III.” (Michaëlis, 1990: 25).

No entanto, terá sido através do castelhano Veléz de Guevara, na obra *Reinar despues de morir*, que a alteração gráfica da palavra saudade apresentou pela primeira vez a sua forma atual. Evocada pela voz da personagem de Inês de Castro que lamenta a ausência de Dom Pedro, em conversa com a sua dama Violante: “Saudade minha, / ?quando vos veria?” (Michaëlis, 1990: 34). Versos que se repetem consecutivamente entoando um coro lamurioso, onde a sua referência é evidente: “Em todo o caso, a saudade de Inês, - o ausente adorado – o caro penhor meu - só pode ser Pedro, seu príncipe.”(Michaëlis, 1990: 36).

Não esquecer porém que “A linguagem falada por Pedro e Inês era a galego-portuguesa dos trovadores e jograes (...)” (Michaëlis, 1990: 39). Dado que, no consagrado Mote da Saudade de Dom Dinis, assumiria a grafia habitual da lírica ibérica desde 1200 até 1350, com a forma *suidade* ao invés de *saudade*. Conforme se verifica: “*Suidade minha, ¿quando te veria?*” (Michaëlis, 1990:40).

Um vilancete que por mais interpretações que se lhe dediquem, tem por mérito a simplicidade com que sonoriza aquela nostalgia agridoce da ausência, a saudade, que ainda seja tão sentida se complica na hora de expressar, o tal sentimento simultaneamente doloroso e prazeroso ao qual o enamorado se propõe aquando da distância do amado. Servindo-se de uma dor que aflige, mas também ameniza a sua ansiedade mais que não seja por lembrar de quem lhe faz falta, trazendo-lhe memórias felizes. Segundo Michaëlis, “De há muito eu conhecia o Dístico velho e popular que dá ao “bem” ausente o nome carinhoso, triste e doce de “Saudade minha”, expressando em seguida todos os dissabores da ausência na breve pergunta “Quando te veria?” muito singela, mas ainda assim quintessência, alfa e ómega, de todos os suspiros nostálgicos.” (Michaëlis, 1990: 42).

Um sentimento que aflige um povo, de uma forma peculiar quando se observa a quantidade de criativos que de dela se ocuparam ao longo de toda a história portuguesa. Mais do que uma palavra, representa um estado de espírito que emerge segundo as mais diversas expressões criativas e filosóficas, que contestam talvez o mais evidente rasgo significativo da verdadeira essência da alma lusitana. Pois, “(...) já em fins do século XVI a Saudade era considerada quase como filosofia ou religião nacional.” (Michaëlis, 1990: 44), mais tarde reafirmada pelos movimentos patrióticos que através dela inflamaram a necessidade de absorver o orgulho nacional. Como foi o caso do Saudosismo, que mais tarde nos debruçaremos ao estudar Teixeira de Pascoaes.

II. O Mito da Tradução

Carolina Michaëlis tocou uma questão particularmente pertinente no que concerne ao mito que os portugueses tanto gostam de empolar. Aquela que defende a incapacidade de tradução desta palavra de significado saudoso, a indescritível saudade e o incomparável contexto cultural que nela assenta. Sendo por isso, um aspeto fundamental na compreensão introspetiva da importância que um vocábulo poderá ter na identificação de um povo. Um traço universal que caracteriza a personalidade latente da sociedade portuguesa.

Contudo, não se poderá confirmar esse analfabetismo cultural de um modo tão leviano, pois é certo que a nostalgia saudosista atinge qualquer indivíduo que tenha consciência das suas emoções, seja em que parte do mundo for. Contudo, certo é que o verdadeiro mito, que se defende será a incapacidade que as restantes dialéticas têm em atribuir linguisticamente um nome às sensações intelectualizadas. Facto que confirmam as declarações de Michaëlis, em *A Saudade Portuguesa*:

“É inexata a ideia que outras nações desconheçam esse sentimento. Ilusória é a afirmação (já quase quatro vezes secular), que mesmo o vocábulo Saudade – mavioso nome que tão meigo soa nos lusitanos lábios, - não seja sabido dos Bárbaros estrangeiros (estrangeiro e bárbaro são sinónimos), não tenha equivalente em língua alguma do globo terráqueo e distinga unicamente na Galiza de além-Minho.” (Michaëlis, 1990: 45)

Contrariamente ao que argumenta a romântica teorização portuguesa, existe um significado equivalente atribuído à palavra *sehnsucht*. Reivindicada pelo dicionário alemão, que promete através da sua literatura oferecer semelhante mística à da saudade portuguesa. Pois, como se verifica na obra de Carolina: “Plena concordância há, porém, entre Saudade e a Sehnsucht dos Alemães, tão penetrantemente exteriorizada na figura comovedora de Mignon, a expatriada (a heimatlose), e nas belas canções de Goethe (...).” (Michaëlis, 1990: 48). Alegando quase em absoluto as mesmas intenções do seu significado, mesmo que aparentem dismorfias em relação aos respetivos significantes. Isto é, compreende-se a carga nostálgica conectada à memória, que nela remonta tamanha vivência querida, persistindo o sentimento saudoso partilhado por estas duas culturas. Ainda que distantes, no que respeita à distância entre territórios, conseguem ser tão aproximadas na sensibilidade com que lidam com a vontade inconcebível de experienciar aquilo que já passou, e por isso não volta a ser o mesmo, com o que haverá de ser um dia vivido e que já se lamenta não ser igual ao que foi. Sendo por isso no fundo a saudade “(...) o desejo e a esperança de no futuro tornar ao estado antigo de felicidade.” (Michaëlis, 1990: 48).

No caso de Portugal, Michaëlis defende como motivação primordial o profundo trauma adverso à bonança que os Descobrimentos trouxeram à nação. Tendo sido justificada esta consequência sociológica, através do seu estado de espírito bucólico tão característico na sua forma de estar, e também de se expressar artisticamente falando. Por isso, “Nem nego que a Saudade seja traço distintivo da melancólica psique portuguesa e da suas manifestações musicais e líricas, muito mais do que a *Sehnsucht* é característica da alma germânica.” (Michaëlis, 1990: 51). Cada uma com um peso distinto sobre o âmago da *persona*, que no todo representa a massa espiritual de cada cultura.

Sendo que:

“A saudade e o morrer de amor (outra face do mesmo prisma de terna afetividade e da mesma resignação apaixonada) são realmente as sensações que vibram nas melhores obras da literatura portuguesa, naquelas que lhe dão nome e renome.” (Michaëlis, 1990: 52)

Afirmação que confirma o poder reflexivo que a literatura tem acerca das emoções que movem o seu povo. Sem surpresas, nem cautelas necessárias, segundo

Carolina Michaëlis, será possível resumir as grandes fontes de criação literária portuguesa em dois temas que se complementam: a saudade e o amor sangrento. Palavras que sintetizam o episódio de Inês de Castro e Dom Pedro, assim como inúmeras obras literárias que desse rastilho despoletaram tornando-se nos grandes nomes da literatura nacional. Como foi caso de Bernardim Ribeiro, que nos consagrou com um discurso inovador para a época lançando a primeira novela pastoril em terreno ibérico, a obra *Menina e Moça*, também conhecida por *Saudades*, na qual o enredo e o ambiente envolvente se fundem num só, outrora *locus amoenus* e outra *locus horrendos*. A dualidade masoquista em que toda a literatura portuguesa se deleita para fazer catarse dos seus desafogos, típicos da alma lusitana insatisfeita não por defeito, mas por feitio. Havendo desde sempre, uma sede saudosa incurável que se alastrou desde as gerações antepassadas, e que certamente seguirá espalhando-se pelas raízes que lhes sucederem. Ainda antes da paixão de Castro, já se haviam registado versos saudosos inclusive por parte de D. Sancho, “o mais velho dos trovadores portugueses” (Michaëlis, 1990:55). Visando os primórdios da poesia arcaica, “Encontro-os naquela singela composição, em que o robusto rei D. Sancho o Velho desdobra o sentimento da saudade nas suas duas componentes principais: cuidado e desejo.” (Michaëlis, 1990:53). Uma compreensão que resulta da leitura dos versos por este compostos, onde a musicalidade decadente sugere a tão amarga saudade. Associada à manifestação significativa dos lamentos que sugerem a ausência do “amigo”, por quem nutre grande desejo e cuidado.

Note-se que aquando destas primeiras aparições literárias no Cancioneiro, não existia ainda um sentido nítido acerca da saudade. Haveria certamente a intenção de escrever sobre os sentimentos muitas vezes contraditórios que a compunham, mas sem a intencionalidade objetiva de contrair tudo isto numa só palavra. Pois, “As fórmulas primitivas so-e-dade so-i-dade su-i-dade ainda não se haviam cristalizado na mais melodiosa saudade.” (Michaëlis, 1990: 56). Terá sido a necessidade que a formalizou mais tarde, uma vez que “Ainda se referiam essencialmente ao estado de solidão e abandono do que está triste” (Michaëlis, 1990: 56). Portanto, um estado ainda muito pouco lapidado comparativamente ao significado que a saudade acabaria por culminar unificando. Assim, não se poderá negar que “as qualidades ternas, suaves, submissas, resignadas da paixão portuguesa, já lá estão, com certeza” (Michaëlis, 1990: 56), sendo por bem as referências que a elas anteriormente se faziam, o molde necessário para a construção sólida da sua própria ideologia. Apesar de que analisando alguns casos, nessa época a saudade já tinha intenção de manifestar a exaltação de perda e o

sentimento de abandono, fazendo a ponte entre “o amor e a ausência: - nostalgia portanto.” (Michaëlis, 1990: 56)

Em suma, o mito da tradutibilidade coloca-se pela dimensão que o termo saudade revela na cultura portuguesa. Não pelo significado em si assente, que universalmente é conhecido, mas porque a saudade em Portugal carrega um sentido muito mais vincado, do ponto de vista histórico do que na maioria dos outros idiomas. Num país em que reis foram trovadores, poetas que o próprio sangue que lhes corria nas veias continha saudade, intensificando a ideia de que um povo se conhece por aquilo que escreve. Por isso, quem um dia ler Portugal será no mar salgado das ondas da nostalgia que justamente se irá perder. Em terra de marinheiros que muita saudade deixaram aos que em terra ficaram para trás.

Citando Michaëlis:

“(…) não nego de maneira alguma que o doloroso e doentio achar-menos d’aquilo que amamos – pessoa ou coisa – provocado pelo alongamento quer corporal quer espiritual, o recordar-se do tempo feliz nela miséria, fosse mais frequente do que algures, na terra portuguesa. E nos séculos dos Descobrimentos e das Conquistas longínquas na África, Ásia, América.” (Michaëlis, 1990: 49)

III. A Origem Etimológica

A procura pela construção inicial de uma palavra é fundamental para a teorização de um argumento que justifique o seu significado. Pois, esta será reveladora do seu cerne etimológico, uma vez que apresenta todo o historial de alterações linguísticas que o vocábulo sofreu, desde a sua formação inicial até à forma que apresenta atualmente.

Como tal, Carolina Michaëlis orientou o seu estudo nesse sentido, no que diz respeito à saudade portuguesa, como se poderá entender pelo o nome da sua própria obra. Onde o étimo se atribui à palavra latina *solitates*. Nome feminino que detém o antigo reconhecimento genérico de raiz original. Sendo que, deste vocábulo, surgiram a saudade portuguesa e a *soledad* castelhana, ambas expressões ibéricas com sentidos semelhantes, mas com algumas diferenças. Caso sobre o qual Manuel Faria e Sousa, já se havia pronunciado muito antes no comentário que dedicou aos *Lusíadas*, onde explicou a degeneração portuguesa, como sendo um posterior aperfeiçoamento linguístico da forma galega:

“un apetito regalado i oloso: assi la corrupcion de *Soidade* en *Saudade* para el oydo português vino a parar en voz regalada i mas significativa, que la verdadeira, del desseo, pena i dolor terníssimo del bien ausente; i significacion que no se ajusta em outra lingua” (Michaëlis, 1990:67).

Confirmando assim, mais uma vez, a tão patente na cultura portuguesa incapacidade de traduzir o significado da saudade.

Pelo que, Carolina, se encarrega senão mais do que investigar os trajetos psicológicos que levaram a esta modificação linguística. Muito mais do que o contexto gramatical que já estava devidamente desenvolvido pelos intelectuais. Assim, se trata da:

“(...) tentativa de explicar de que modo, por influxos psicológicos – associação de ideias e etimologia popular – o vocábulo herdado *soe-da-de*, passando por *soidade*, que deu *suidade* (*suydade*), chegou a ser *sauidade*, em tempos relativamente modernos, mas que por ora não se podem fixar com exatidão.” (Michaëlis, 1990: 68)

Porém, onde residirá o seu maior mistério, será na matéria a que recorre para a construção do ditongo *au*, “substituição esporádica de *o-i*” (Michaëlis, 1990: 77). Dado que, provocou uma evolução atípica na língua portuguesa, gramaticalmente falando. Pois, observe-se que de várias formas a poesia foi marcando este seu registo histórico, ao longo de uma inconstante tendência vocabular que variava entre *soedade*, *soidade* e *suidade*. Sendo que, até esse momento nada seria surpreendente de assinalar, logo que os “ditongos decrescentes se deviam fundir necessariamente em *úi*” (Michaëlis, 1990: 69). Toda uma desconstrução regular da primária *solitates*, correspondendo à perda do *l*, reduzindo o número de consoantes médias e mantendo o número de sílabas.

Contudo, haveria para além desta normativa uma fonte desconhecida da qual surgiria mais tarde, por fim a saudade. Um fenómeno digno de especulação, pois nada indicaria esta alteração até determinado estágio. Recorde-se que, segundo a autora:

“Em Portugal tivemos igualmente, após o pre-histórico *soedade* (de que eu não posso indicar exemplo), o arcaico *so-i-da-de*, documentado nas *Cantigas del-rei D. Denis*. O ulterior *su-i-dade* ficou sendo a forma preferida dos escritores clássicos até 1580, acompanhado do adjetivo *suidoso* de que, parece, não se fazia uso fora das fronteiras.” (Michaëlis, 1990: 73)

Inclusive, o maior poeta português “Luís de Camões, que pessoalmente teve tanta ocasião de sentir *saudades* (...) empregava ainda, sem diferença de sentido, ora *soidade* e *soidosa*, ora *saudade* e *saudoso*.” (Michaëlis, 1990:74). Convergindo na ideia de que nada mais se tratavam do que morfologias ímpares com significados permanentemente concordantes. Sendo, *soidade* aquela que mais se terá tornado notória, até 1580. Apesar de terem havido aparições da sua forma contemporânea, tanto no século XIV, como posteriormente, desde o século XVI. Um acontecimento, de certo modo, invulgar do ponto de vista linguístico, pois existiram períodos de alternância da feição com que a palavra *saudade* se apresentava textualmente. Daí, o interesse da

autora em esmiuçar as motivações que levaram à evolução deste vocábulo, intersetando sobretudo pelos vínculos sociológicos e psicológicos que desencadearam esta saudade portuguesa. Distinta de tantas outras, na colossal importância que detém comparativamente a outros idiomas estrangeiros.

Observe-se o caso de Otto Klob, na *Vida de Santo Amaro*. Segundo Carolina Michaëlis, esta será a derradeira prova de que a saudade de sentido contemporâneo, já seria vivenciada e reconhecida durante o século XIV. Tendo em conta, que nesta obra é feita uma alusão primordial que serve de justificativa à transição do ditongo original *oi*, em *au*, como já havia sido referido anteriormente. Assim terá a intervenção de Klob, feito toda a diferença na análise que Michaelis produz acerca desta mutação gramatical, que como se sabe escapa à norma. Pois, uma palavra nunca antes associada diretamente, estará no fundamento desta divergência na reunião vocálica dos ditongos – saúde.

“No primeiro trecho, *saudade* é positivamente emenda de *saude*, segundo a reprodução *sau(da)de* do próprio Klob. E a *saude* dava sentido nela. Mas não o dá no segundo passo, onde Klob imprime *saudade*, como se realmente assim estivesse no original. Nele só realmente assim estivesse no original. Nele só serve *saudade-tristeza*. E não *saudade-salvação* de *saude* nem *salutate*.” (Michaëlis, 1990: 76)

Portanto, aqui reside pela primeira vez uma ressalva lógica que remete ao significado atual da saudade, como um estado de alma ligado tanto ao passado como ao futuro. Uma conceção que muitos acreditariam estar somente agora consolidada, pelas mãos dos autores que nela tanto se debruçaram por diversos caminhos, talvez numa vertente mais sebastianista. Mas que, numa fase ainda praticamente gestacional, já revela conter emoções que ultrapassam a espera solitária, a ausência e tristeza, dali provenientes. Sendo uma expressão a que inclusive se recorreu para desejar votos de boa saúde. Característica que suscita a intenção de estender o significado para algo muito mais extenso do que somente a melancolia erma. Compreenda-se que, numa época em que a vida corria riscos muito mais afoitos, em que o estado de enamoramento não se separava do medo latente da perda, não restarão dúvidas de que a saudade medieval nutria também o cuidado, o desejo de boa saúde, e a esperança no regresso são, do alvo objeto de estima.

Por isso, Michaelis acrescenta:

“Temos de recorrer, repito-o, à analogia, à associação de ideias, ou à etimologia popular, isto é a processos psicológicos, para encontrarmos a chave do enigma e explicar a substituição esporádica de *o-i* por *au*, que, aumentando a sonoridade melancólica do vocábulo, aumentou ao mesmo tempo sua significação: o conteúdo, o espírito, a alma.” (Michaëlis, 1990: 77)

Uma vez que, através desta alteração gráfica, o vocábulo sofreu um prolongamento tanto sonoro, quanto simbólico. Amplificando o seu sentido à medida que a contração do ditongo *o-i*, se substitui pelo mais demorado *au*.

Defendendo que conforme a Literatura lida com palavras, e não com números, a linguística não poderá ser isenta a esse facto, nessa forma desprovida de alguma sensibilidade ao observar os contornos etimológicos de um vocábulo. Pois, deste desabrocham um conjunto de influências, sobre o qual atuam ao longo do tempo, modificando a sua pronúncia, a sua forma, e por fim, mais importante a sua interpretação espiritual. Note-se que quando este estudo é redigido, a preocupação recai sobre a vertente humanística por detrás da saudade, o que auxilia bastante Michaelis na sua teorização. Confirmando uma tendência generalista, naquilo que seria o intento ao verbalizar saudade por alguém. Por fim, um desejo profundo de bem querer, “Eis o que penso e como combino *suidade* com *saúde* e com *saludade*, e *solus* com *salutaris*.” (Michaëlis, 1990: 78)

Um manifesto contemplado em tantos registos escritos, testemunhas dos seus atributos voláteis interpretativos, como servem de exemplo as cartas dirigidas “ (...) a quem está longe, em terras estranhas, ou pelo menos afastado deles corporal ou espiritualmente.” (Michaëlis, 1990: 78). Permanecendo nelas a mensagem implícita de saudações nostálgicas, “(...) tão curiosas e instrutivas, desejando *saude* (...)” (Michaëlis, 1990: 78), claramente numa vertente cuidadora, e nem sempre de carácter amoroso, a saudade atinge o indivíduo, de uma forma tão mais abrangente do que somente através do seu olhar romântico sobre a vida. Isto é, sendo capaz de nutrir esta emoção um ponto de vista fraterno, sem qualquer cariz amoroso que tanto se vê deflagrado numa primeira fase da concepção da palavra na poesia cavaleiresca. Assim, admirando uma evolução natural que atua neste significado transversal, seja qual for a época em que esta se analise. Apesar de nela se refletir o aprofundamento da complexidade do Homem, que progressivamente se questiona, acerca dos seus propósitos e das suas necessidades que vão para além da sua sobrevivência básica. Na saudade está presente, sem dúvida essa interação individual de um entendimento mais aflorado, sensível perante os obstáculos que se lhe atravessam, quer de distância física em relação ao passado, como de dificuldade em volver a certos momentos felizes.

Assim sendo a saudade revela-se interminável, pois a saúde que nela se emprega tantas vezes, dando azo à tão insólita fusão dos ditongos, terá também vestígios de uma ligação devota desejando à salvação do bem querido.

“Não tenho presente exemplo algum em que, apar de *Suidades* se enviassem também desejos de *salvação*, mas estou certa de que entre gente devota, sinceramente religiosa, não faltaria quem procedesse, empregando *saudade* no sentido de *salvação*.” (Michaëlis, 1990: 79)

Um reportório etimológico que assenta em formas tão variadas, conforme se viu anteriormente, mas que culmina na sua mais perfeita combinação nominal feminina: *saudade*. Pois, “(...) da *saude*, das *saudações* e das *suidades* à antiga (e talvez de desejos de *saudade*, (*salutate*) enviadas e tornadas) é que a, meu ver, saíram as *saudades* modernas (...)” (Michaëlis, 1990: 81). Terão sido, estas as linhas que conduziram ao quadro final que hoje caracteriza esta palavra tão antiga, talvez tão longínqua quanto as *saudades* do povo português, que ainda hoje ecoam sobre a cultura nacional. Desde, a “(...) *saude* desejada aos ausentes; das *saudações* com eles trocadas; da sensação de *soedade* *soidade* *suidade* provocada pelo afastamento; e do desejo da única *salvação* possível.” (Michaëlis, 1990: 81).

IV. O Significado da Saudade em Portugal

Recorde-se que a *saudade*, mais do que apenas uma palavra, representa um estado de alma de um povo fragilizado pela sua própria história. Sendo certo que, aquilo que o distingue será sem dúvida alguma, a sua forma de estar perante os acontecimentos que lhe sucederam. Pois, um povo trata-se no fundo de uma aglomeração personificada das característica que mais sobressaem nos seus habitantes. A sensibilidade artística e intelectual, dos seus poetas e filósofos, são o reflexo disso mesmo, pois representam as suas ideias de forma livre. Traduzindo a identidade da pátria, sem que se darem conta do seu papel histórico, fundamental para a compreensão psicológica e sociológica de uma nação. Tal como, Carolina Michaëlis, confirmou ao dar-se conta da necessidade de mergulhar na essência portuguesa, de forma a compreender a amplitude que resulta desta sua *saudade* interminável.

Desde a *suidade* de Camões, até aos dias de hoje, muita tinta se chorou sobre o papel em território lusitano. Um povo nostálgico, por vezes aprisionado em demasia às memórias do passado. Inconformado e agorado com aquilo que não tem remédio, mas deveras ocupado para intentar planear soluções. Assim são, os portugueses, enamorados pelo temperamento ameno que tudo sofre com prazer. Saudosos nas suas perdas e conquistas, voltados para a soledad castelhana, por vezes mais do que para a *saudade*. Alheios ao que lhes é nacional, em prol do que é estrangeirado. Fruto do estigma de que Portugal nunca se adianta aos outros, sem pressa de evoluir, de renovar ou restaurar, um país envelhecido de alma que necessita do regresso do seu messias

para se reerguer. São traços que permitem o reconhecimento abstrato entre os seus, muito para além de uma bandeira em comum. O orgulho em proclamar a saudade, como palavra única no mundo. Dado verídico, que certamente cativou Michaëlis nesta investigação sem precedentes.

“(...) Portugal, onde de um tempo para cá poetas e filósofos se ocupam com fervor da psicologia da alma nacional, e do sentimento doce-amargo que lhes parece ser o traço mais característico da apaixonada ternura portuguesa.” (Michaëlis, 1990: 42)

Ternura essa saudosa, que primeiramente se consolida através da ideia de solidão. Tendo por base a ausência do outro, num desejo de reencontro urgente, de forma a apaziguar o desconcerto causado pela sua falta. Seja, talvez, apenas essa a intencionalidade visada, na tentativa de outros idiomas traduzirem este vocábulo. Claramente, desconhecendo o outro prisma que veio a desenvolver mais tarde. Muito mais complexo, e desmedido na sua simbologia, uma vez que “Consiste sobretudo em ter descartado de saudade a ideia originária de solidão, reservando-a para essa forma culta, e para *soidão*.” (Michaëlis, 1990: 88). Uma evolução semântica protagonizada pelo aperfeiçoamento do seu significado, culminando na mais apurada forma que a saudade conheceu.

Assim, constata-se uma separação de conceitos, entre a saudade dita antiga e a saudade de sentido contemporâneo. A primeira, respetiva a estados de alma solitários, nostálgicos e introspetivos, que mais se identificam com a *soidão*. Relativa a um estágio inicial da formação da palavra, como já anteriormente referido. Sendo, a segunda, “representante moderno, nascido da fusão de *soidade* com *saudade-salutate* *saudar* *saudações*” (Michaëlis, 1990: 89). Nutrida de um significado vasto, que inclui memórias de um “bem que está ausente”, também como desejos de volver a cruzar caminho com essa realidade distante. Portanto, bastante mais ambíguo do ponto de vista temporal. Pois, tanto remete à lembrança saudosa como, ao mesmo tempo, manifesta a esperança apontada ao futuro. Sendo que, “Esse bem desejado, ausente, pode ser: tanto a terra em que nascemos, o lar e a família, os companheiros da infância, como a bem-amada, ou bem-amado.” (Michaëlis, 1990:89)

Concluindo, trata-se de um sentimento doloroso, no fundo com uma nota levemente agridoce. Isto, claro, na perspetiva portuguesa com que a saudade é interpretada. Há, portanto, uma ânsia contida que aspira a essa emoção, pois provará que houveram momentos, ou pessoas, pelas quais valeu a pena viver.

Uma vez que:

“Com respeito a esse sentido, designa sobretudo o vácuo nostálgico ou o peso esmagador que nas ausências dilata ou oprime o coração humano – agravado, quantas vezes pelo arranhar da consciência (o “gato” de Heine); pelo remorso que nos acusa de não havermos estimado, aproveitado e efusivamente reconhecido o bem que possuíamos.” (Michaëlis, 1990: 89)

Dado que confirma a necessidade de perda, após a posse, para depois ser capaz de experienciar a verdadeira sensação de nostalgia da saudade. Uma questão que muitas vezes leva o indivíduo à antecipação dessa ausência, permitindo-lhe em situações que ocorrem ainda durante o presente, ligar-se a esse estado de espírito tão peculiar pela capacidade que tem de se exprimir durante ânimos tão opostos. Quer seja de extrema felicidade, ou agonia.

II – O primeiro episódio narrado da saudade portuguesa

I. Fernão Lopes, o cronista real

Durante o século XV, Dom Duarte decretou a redação da crónica de Dom Pedro, seu avô em primeiro grau, pela voz de Fernão Lopes, autor que imortalizou tantas das histórias daqueles que deram vida às dinastias portuguesas, que até ao presente ainda ecoam. Realizando, por isso, um registo valiosíssimo pelo testamento vitalício que emprega aos que nelas constam, pois legitimam os factos ali narrados, tratando-se por isso vestígio cronológico dos acontecimentos que até esse tempo estão datados. Conteúdo que se verificou ser de extrema importância, não só pela provação da linhagem dos descendentes ao trono, como pelo seu carácter épico, e por isso edificativo das personagens da vida real. Sendo que, terá sido primeiramente o objetivo fundamental das crónicas: a conservação dos feitos reais e a justificação, caso fosse necessária, da sucessão por via legítima hereditária da coroa.

Contudo, poder-se-á concluir através do discurso de Fernão Lopes, que este não será totalmente dotado de uma isenção moral discursiva. Pois, D. Duarte teria ligações estreitas com estes antepassados de reinados ainda muito recentes, que ficaram eternizados por via da escrita Lopesiana. Incluindo o domínio de D. João, que se estima ter sido alvo de produção o seu manuscrito, aquando da sua ainda vivência. Pois, sabe-se que este faleceu somente em 1433. (Rodrigues, 2006:11)

Mais tarde, a História corroborou aquilo que já se fazia prever pelas suas intenções cronográficas, que Fernão Lopes através dos seus relatos permitiu às gerações futuras o acesso privilegiado ao seu indiscutível legado arqueológico. Respetivamente, do ponto de vista político nacional, que por norma não tem costume basear-se num estudo tão fidedigno quanto este. (Macedo, 1949: 262) Bem como havendo sido apelidado por Alexandre Herculano, autor e historiador consagrado do século XIX, nada menos que o pai da História de Portugal. Título este que lhe assentou, apesar da sua proveniência humilde, aumentando ainda o seu mérito ao tornar-se o autor mais tributado na redação de crónicas. Requisitado pelas mais altas patentes reais que não se equivocaram na publicação das suas árvores genealógicas, aumentando-lhes assim o ego monárquico. Através de um talento que orchestra de forma tão subtil as suas palavras, que facilmente convoca os seus ouvintes à leitura atenta da sua versão dos acontecimentos narrados:

“Os constantes saltos na ação, no espaço e na história, mostra a sua mestria em saber colocar os factos no local da crónica onde determina que têm de estar. Esta técnica procura criar um profundo jogo psicológico no autor, pois ao longo de toda a obra, Fernão Lopes orienta o leitor para conclusões que quer promover, de forma subtil, mesmo quando coloca várias versões sobre o mesmo facto.” (Russo, 2019: 130)

Tendo sido, através da sua trilogia: *Crónica de Dom João*, *Crónica Dom Fernando* e *Crónica Dom Pedro*, que terá atingido o seu maior reconhecimento enquanto autor. Consagrando-se um nome na literatura portuguesa, de certo modo intemporal uma vez que lhe foram atribuídas as respetivas autorias das mesmas obras, nomeadamente em primeiro lugar da *Crónica de Dom Pedro I*. Perfazendo ao todo, através do somatório das três obras, um período de setenta e sete anos de reinados. (Russo, 2019:16) Manuscritos em torno das suas virtudes, mas também dos obstáculos que se lhes foram apresentando pelo caminho. Daí que, Fernão Lopes, não tenha deixado escapar nas entrelinhas do romance mais saudoso da história de Portugal, o episódio de Pedro I e Inês de Castro. Caso que se foi deflagrando até hoje, por conta da conotação verosímil que lhe foi atribuída aos factos, pelas palavras dedicadas a estes pelo cronista que a meu ver impediu que o mito inesiano tomasse proporções menos credíveis. Correndo talvez o risco de cair em esquecimento, o amor e a saudade que reinaram durante o período de monarquia de D. Pedro, mesmo quando este era ainda infante. Pois, de tal ordem, foram trágicos os acontecimentos propagados pelo desespero e desejo incansável de vingança, que facilmente este amor dantesco se tornaria, aos olhos da idade moderna, numa lenda sem provas dadas dos atos grotescos praticados por Dom Pedro em honra da sua falecida amada.

Segundo a referência de Miguel Unamuno, o autor tratava-se de um “Heródoto sencillo”. Isto é, fazendo ponte entre o trabalho do cronista Fernão Lopes e o antigo historiador da Grécia Antiga. Uma comparação que por si só revela a excelência com que o cronista executava as suas funções historiográficas, através de uma exigente pesquisa sobre a qual depois narrava as obras dos seus mecenas.

“As modernas gerações estão, com a publicação das crónicas, especialmente beneficiadas, pois encontrarão em Fernão Lopes um importantíssimo repositório de experiência política e nacional que lhes escapa numa história assente em esquemas abstratos e discutíveis, como é aquela que comumente estuda.” (Macedo, 1949: 262)

Assim, Fernão Lopes revelou-se uma figura de extrema importância para consolidação da saudade. Uma vez que ao prestar serviço a Dom Duarte, permitiu que Dona Inês fosse consagrada historicamente como personagem feminina incontornável no panorama nacional, pelo protagonismo que desenvolveu em torno da vida deste rei. Concluindo, que se porventura tivesse algum dia a Saudade um rei, certamente que esse trono se destinaria a Dom Pedro I, “O Rei Saudade” como Cândido Franco o apelidou.

II. A personagem de Dona Inês de Castro

A mulher que encantou Dom Pedro, a dama da sua prometida esposa Dona Constança, havia de roubar o coração do homem que ficou conhecido pela sua abominável frieza, em circunstâncias particulares que lhe auferiam ao peso que tinha no peito saudoso. Na edição de Luciano Cordeiro, serve ainda de destaque a deixa com que este termina o prólogo, acerca do caso de Dom Pedro I e Inês de Castro:

“Mas que pena que não tenhamos d'elle a historia d'aquelle — «grande desvayro» — dos amores de Ignez de Castro e que a gentil figura nos apareça apenas como uma obsessão cruel do extraordinario monarcha que procurara já distrahir-se um pouco nos braços de Theresa Lourenço, a bemaventura mãe de Dom João I.” (Lopes,1895:13)

Assim, fazendo uma breve introdução ao tema, que anuncia desde logo a ausência de um testemunho maior acerca dos preâmbulos de Castro. Desde o seu enamoramento ainda bastante ingênuo, pois perante as atrocidades que haveriam de suceder, certamente que a ninguém lhe ocorreria o seu final trágico. Sabendo-se que foi uma das mais cruas vinganças a que se assistiu na história de Portugal. Contudo, não só desta paixão se alimentou o corpo de Dom Pedro, até aos seus últimos dias. Uma vez que já no fim, depois da perda de Inês, entregou-se à solidão na companhia de Teresa Lourenço, de quem se alimentou para sobreviver ao choque. Tratando-se isso mesmo um importantíssimo relatório, que de outra forma, não seria tão evidente, inclusive ditando o nome desta sua última mulher. Ao mesmo tempo, que o desprezo com que se lhe faz referência a atinge, comparando-a ao seu grande amor já há muito silenciado por seu pai, Dom Afonso IV. Segundo a qual reza a lenda, que foi executada apesar tremendas súplicas, nos jardins da Quinta das Lágrimas em Coimbra. Local de encontro destacado pelo futuro rei, para as escapadelas furtivas do casal, que se via recolhido por entre a floresta jardinada à beira do rio Mondego.

Outrora, dando origem àquele que viria a ser o episódio mais saudoso de Portugal, pois como então se sabe até aos dias de hoje, não houve tão grande amor que causasse tanta tristeza e revolta. Causando em D. Pedro, apesar da esperançosa cura que o tempo emprega às feridas, marcas profundas no seu reinado e na vida pessoal que desfrutou, desde o primeiro instante em que se cruzaram e até ao seu último suspiro. Pois, note-se que a vida de ambos foi afetada no melhor e no pior dos seus cenários, quantos não desejariam ter vivido um amor tão poderoso quanto este, em que foi possível amar e ser amado na mesma medida catastrófica. Certo é, que num primeiro olhar analítico, a saudade se manifesta como uma mera consequência do desaparecimento de Dona Inês, mas não se poderá negligenciar este aspeto: Dom Pedro era um herdeiro ao trono casado, conforme o seus deveres de filho varão o

exigiam, ao passo que Inês era apenas uma dama galega, que se via intrometida nos planos de D. Afonso IV para Portugal. Por isso, muito antes do seu assassinato, já existira a saudade pelo meio destes dois, não só por culpa do casamento encenado que Pedro tinha que assumir publicamente, como também pelo exílio a que Inês fora sujeita na fronteira espanhola, de forma a arrefecer o mais possível esta paixão que nunca se havia de extinguir.

III. A execução ordenada por El-Rei Dom Afonso IV

Prova desse desacordo de interesses, é dada por Fernão Lopes, ao contar pelas suas palavras a factualidade dos eventos: “Já tendes ouvido compridamente, onde falamos da morte de D. Ignez, a razão por que a El-rei Dom Affonso matou, e o grande desvairo que entre elle e este rei Dom Pedro, sendo então infante, houve por este aso.” (Lopes, XXVIII:111) Tendo sido, a maior motivação do rei para o massacre, o afastamento de ventos de Castela que pudessem ameaçar as ideias de Dom Pedro. Acabando por culminar deste impulso, a materialização ideológica da palavra mais portuguesa de sempre: a Saudade. Mais precisamente, a saudade além vida, do desejo de um passado inacabado e de um futuro na penumbra da lembrança nunca havia de chegar a concretizar-se.

Porventura, justificando-se a atitude de D. Afonso IV pelo sentimento assombrado, que a passada ocupação castelhana em território nacional lhe causava. Colocando fim à vida a Inês de Castro, por culpa dos seus antepassados galegos que ameaçavam o bom discernimento de Dom Pedro. Em conformidade com os factos, terá sido esta a maior causa que entregou a morte de tão frágil donzela. Sem se dar conta, de que havia de ser alvo de saudade eterna por parte do seu companheiro, e também do seu próprio país, contagiado pelo desgosto do mesmo. Por conclusão, tendo sido a sua morte, o resultado da proximidade da família Castro com Dom Pedro I, por negligência da sua relação com Inês, ao ponto de seu irmão Álvaro Peres de Castro chegar mesmo a sugerir que Dom Pedro ocupasse o lugar da coroa de Castela, em 1354. (Russo, 2019) Algo que não terá agradado de todo ao rei de Portugal, que ao ver ameaçado o futuro do trono, não enxergou outra solução que não eliminar o núcleo de toda esta influência corrompida pela ambição. Por isso, aos olhos de muitos, Inês de Castro não será tão inocente assim, pelo menos quanto a fazem crer na história lusitana. Puxando àqueles que em feitiços acreditam, mais parecia para quem no amor deles não acreditava, que Dom Pedro fosse uma vítima dos encantos da jovem galega, que mais depressa seria capaz de arruinar um reino com o golpe de um beijo, do que todo um

exército armado. Assim, acrescentando o receio de que D. Fernando fosse eliminado de modo a permitir a consequente ascensão dos herdeiros bastardos, filhos de Inês de Castro, ao trono. Conclusão essa a que chegaram, tornando inadiável a execução da mesma a 7 de janeiro de 1355. (Russo, 2019: 109)

Sendo, que somente aqui se pressente a passível vulnerabilidade da imagem angelical da dama galega de Dona Constança, perante as especulações suscetíveis nas mais variadas leituras que se fazem da história. Certo é que, “A pureza do amor de Pedro e Inês nunca é posta em causa, mas isso não impede que tenhamos conhecimento de algumas intenções menos confessáveis por parte de Inês, que apenas Cândido Franco não subscreve.” (Rodrigues, 2006:120) Isto é, no contexto de uma análise literária contemporânea, em obras que se debruçam sobre o caso amoroso de Pedro e Inês, para se inspirarem e elevarem as suas crenças. Acerca dos factos históricos já confirmados e credíveis, pois de serem interpretados conforme o entendimento analógico de cada um. Tanto que, em outros casos, como por exemplo na escritora Rosa Lobato de Faria, deixam transparecer para a personagem de Dom Pedro a descoberta de um rasgo fugaz de poder por parte de Inês quando se coloca a iminência de seus filhos virem um dia a ser reis. (Rodrigues, 2006: 121)

Caso de estudo, também seria a dimensão que este amor havia de ter assistido, não fosse o sangue nele derramado. Depois de toda a luz, amor e ternura que este encontro pronunciou, apesar de todas as barreiras. Será por isso irónico que sempre que se fala de tal amor na história, seja por culpa da violência que foi em seu nome praticado, quer por Dom Pedro, mas também por seu pai primeiramente através do assassinato de Dona Inês de Castro. Tanto que, na crónica narrada por Fernão Lopes terão sido identificadas duas temáticas: o carácter justiceiro de Dom Pedro e o seu amor por Inês, que a partir daí eternizaram a imagem com que Dom Pedro ficou sendo visto pelo seu povo na história de Portugal. (Russo, 2019:32) Um rei de personalidade vincada, tendo sido mesmo encarado por alguns com um certo grau de loucura, principalmente após o desnordeio da sua perda. Portanto, homem de paixões de que se lhe conhecem três mulheres oficiais: Dona Constança, sua primeira esposa; Inês de Castro, o seu grande amor; e por fim, Teresa Lourenço, mulher a quem se entregou nos seus últimos dias. Segundo Aquilino Ribeiro, a deixa final de Fernão Lopes na crónica, sugere subtilmente num tom irónico, a forma como apresenta o seu suposto elogio ao rei. Uma vez que, o glorifica como sendo incomparável, o reinado no qual Dom Pedro governou Portugal. (Russo, 2019:34)

IV. O casamento de Dom Pedro e Dona Inês

Outra questão de especial relevância que Fernão Lopes apresenta, trata-se do matrimónio officioso entre os membros do casal. Sendo que, durante a vida de seu pai, D. Pedro I nunca viu reconhecida Dona Inês enquanto sua legítima esposa. Apesar de defender por diversas ocasiões a formalização da união, que mesmo havendo sido feita em segredo, não deixou de ser concretizada e devidamente testemunhada por fontes que certo dia foram chamadas a cumprir o seu dever, declarando a sua presença em tal matrimónio. Celebração, que sempre foi renegada por D. Afonso IV, como se pode comprovar na seguinte citação, de Lopes:

“Ora, assim é, que enquanto Dona Inez foi viva, nem depois da morte d'ella enquanto El-rei seu padre viveu, nem depois que elle reinou até este presente tempo, nunca el-rei Dom Pedro a nomeou por sua mulher; antes dizem que muitas vezes lhe enviava El-rei Dom Afonso perguntar se a recebera, e honral - a - ia como sua mulher, e elle respondia sempre que a não recebera, nem o era.” (Lopes, XXVIII:111)

Nunca recebendo a bênção do avô dos seus filhos, Dona Inês acabou por falecer sem sonhar que algum dia viria a ser coroada rainha de Portugal, mesmo depois de morta. Pois, a loucura de Pedro levaria avante a sua terna vontade de elevar Castro ao trono que estaria ao seu lado. Num momento que para alguns superou todos os limites da racionalidade, ao exumar o corpo que se via consumido por toda a saudade que havia deixado para trás, exigindo o beija-mão ao cadáver que mal suportava a coroa. Um cenário épico, digno de uma peça dramatúrgica ensaiada, que por isso viu a realidade ser transportada para o teatro e literatura, onde a saudade, tal como Dom Pedro a sentia, tinha espaço para ser expressa livremente.

Contudo, Fernão Lopes ao narrar a crónica de Dom Pedro, afirma que nem assim deixaram de pairar dúvidas sobre o casamento. Pois, muitos alegavam que este se via inspirado pelos atos de D. Pedro de Castela, que enamorado por outra dama que não a sua rainha acabou por, após a morte da mesma, anunciar que já havia sido casado primeiro com a mulher a quem o seu coração pertencia. Passo a citar: “E mais diziam, que este feito queria parecer semelhante a el-rei Dom Pedro de Castella” (Lopes, XXIX: 119). Assim, D. Pedro de Portugal era vítima do falatório monumental, que girava em torno da polémica relação com Dona Inês. Observando-se deste modo, uma cadência progressiva no que concerne à imagem que o infante procriava perante o seu povo, que agora o reconhecia enquanto seu próprio rei. Por isso mesmo, será possível fazer uma leitura, na qual Dom Pedro vivesse desde cedo com alguma revolta perante as obrigações que o cargo lhe assistia. Tendo em consideração o seu carácter justiceiro, não havia de compreender a subjugação desumana a que os seus desejos estavam

sujeitos, perante a fome que tinha pelas carnes já arrefecidas de Inês. Entregue à pena da saudade, este homem nunca experienciou tal amor, sem que a culpa e recriminação de uma nação inteira lhe caíssem sobre os ombros. Infelizmente, para mal dos seus pecados, estava em causa uma guerra antiga: a luta de poderes entre Portugal e Castela. Tal como já havia mencionado anteriormente, sendo por isso Dona Inês uma ameaça representativa pelas suas origens galegas, tornando-a desde logo, uma aproximação muito mais perigosa do que qualquer outra que o infante Dom Pedro pudesse ter tido.

Assim, “(...) fez el-rei chamar um tabelião” (Lopes, XXVII:.110), anunciando a oficialização do matrimónio com Dona Inês, quando era apenas “infante, vivendo ainda el-rei seu padre” (Lopes, XXVII:.110). Segundo o seu juramento, estando em Bragança à data da união, que por este fica indefinida quanto ao dia e mês em que tal cerimónia haverá ocorrido, sendo estimada a passagem de uns sete anos desde aí. Pois, então terá sido, nesta altura que Inês de Castro foi declarada, aos olhos de Deus, legítima esposa de Dom Pedro I, com quem partilhou vida até à sua morte. (Lopes, XXVII:.110)

Ao longo do capítulo XXIX, de realçar que Fernão Lopes reflete sobretudo acerca da opinião pública que levantava nuances de desconfiança sobre a veracidade deste casamento. De tal forma, que a tão grande falta de lembrança, por parte do próprio D. Pedro, quanto à data do seu juramento haverá culminado numa tremenda dúvida por parte da mesma fação. Prevalendo, apesar de todos os esforços por parte do monarca, a persistente depravação deste relacionamento que a tantos obstáculos teve que resistir, até por fim usufruírem lado a lado do descanso eterno sob o teto de Alcobaça.

Conforme passo a citar, na *Crónica de El-Rei Dom Pedro I*:

“Outros, mais subtis de entender, letrados e bem discretos, que os termos de tal feito mui delgado investigaram , buscando se aquillo que ouviam podia ser verdade, ou pelo contrario, não receberam isto em seus entendimentos parecendo- lhe de tudo ser muito contra razão. Cá porque o crêr da cousa ouvida está na razão e não na vontade , porende o prudente homem que tal cousa ouve, que sua razão não quer conceber, logo se maravilha, duvidando muito.” (Lopes, XXIX: 116)

No entanto, será relevante constatar que durante toda a história de Portugal se presenciou esta invariável troca de convicções pelos mais diversos nomes, mesmo que afastados pelos mais distantes períodos cronológicos. Tão depressa convergiam, como se afastavam das hipóteses que defendiam alguma consistência no manifesto oficioso do rei. Tanto é que, “Rui de Pina, defende tal como Fernão Lopes que o casamento não se deu.” (Russo, 2019: 33). Uma circunstância que se justifica por si mesma, pelas

observações que o cronista de Dom Duarte profere ao longo da crónica dedicada a D. Pedro. Levantando uma suspeita claramente vincada, como se pode comprovar a respeito do alegado casamento com Inês de Castro, uma vez que “buscada a verdade d'este feito, a razão n'isto não consente;” (Lopes, XXIX: 118). Tendo, aliás Fernão Lopes feito uso das suas expressões para evidenciar a falta de coerência das alegadas testemunhas, pois não havendo lembrança alguma de Dom Pedro I, relativamente ao dia em que se juntou religiosamente a Inês, pouca seria a verdade nela inclusa segunda a opinião do cronista. Pois, como havia de cair em esquecimento tal data, tanto pelo próprio como por todos os presentes, inclusive daquele que celebrou a união matrimonial e dos que a testemunharam. Logo, sendo o dia da oficialização deste casal tão fortemente antagonizado. (Lopes, XXIX: 118) Apesar disso, recorde-se que contrariamente “No século XVIII a tendência foi defender a existência do casamento.” (Russo, 2019: 33)

V. O Rei Saudade

Conclui-se, assim, a análise deste episódio da *Crónica de Dom Pedro*, pelo meio de uma reflexão acerca da relação entre o mesmo e o vocábulo da saudade. O ponto crucial que rege esta dissertação.

Sendo D. Pedro “O Justiceiro” ou “O Cru”, os cognomes relativos ao seu carácter de procurador de justiça. Apesar de que, o apelido de “Rei Saudade” ser aquele que melhor lhe assenta, tal como o identificou o professor Cândido Franco no título do seu romance: *A Rainha Morta e o Rei Saudade*. Dado que o ênfase colocado na última palavra do título, anuncia uma inevitável “relação de causa efeito” entre a morte e a saudade que esta evoca em Dom Pedro conseqüentemente, sendo o sentimento da sua perda o principal protagonista da ação. (Rodrigues, 2006: 82)

Sem dúvida, um reinado conturbado com toda esta temática de contornos românticos. Quer pelo sofrimento que originou nos elementos envolvidos, como pelo amor que servia de alívio ao lado negro desta paixão entre o rei e a dama Inês. Uma relação que podia ter passado despercebida ao olhar atento de Fernão Lopes, não fosse tão óbvia a vontade do próprio Dom Pedro, em não deixar cair em esquecimento a barbárie a que o seu coração foi sujeito. Uma personalidade singular, quer pela maneira como passou os seus últimos dias entregue a uma tristeza incomparável, como também pela revolta exteriorizada pela execução dos responsáveis da morte de Castro. Para além da guerra que levantou contra D. Afonso IV, mandatário deste desfecho, sangue do seu

sangue que lhe roubou a oportunidade de viver um reinado pleno, lado a lado com a mulher que desde sempre amou.

Dominado pelo sentimento da saudade, nunca havia de conseguir superar a dor de não poder encontrar-se de novo com a figura esbelta que dominava a sua razão. Como o filósofo Blaise Pascal havia de descrever tão perfeitamente: “O coração tem razões, que a razão desconhece”. Assim era, este amor eterno. Tal como a essência da saudade impunha, um misto de emoções contraditórias muitas das vezes. Compilando um desejo de estar perto, com um certo prazer em não possuir, só para mais tarde não ter como resistir à tentação da verdade daquilo que se quer. Este foi um rei que compreendeu como nenhum outro, este estado de sítio, esta forma de estar que denomina o que é ser português. Por isso, merece a sua lembrança, honrosa tal como operou durante o luto de Dona Inês. Somos talvez um povo, que aprendeu por imitação do seu mais alto destacado, o que era não ter vergonha de chorar pela perda de uma mulher. Recorde-se que eram tempos pouco acalorados, do ponto de vista da premissa de escolha. Um infante não havia de ter reconhecido o direito a casar com quem bem que aprazesse. O casamento era meramente um contrato nupcial, da qual resultavam benefícios diplomáticos para o reino. Sendo esse o seu primordial dever, enquanto filho varão ao qual foi entregue a sucessão por via da atribuição divina. Resumindo, não havia de existir lugar para qualquer distração emocional aquando da união matrimonial.

Dom Pedro, alheio a todas estas motivações lógicas, somente tinha olhos para Dona Inês. Segundo dizem, desde o primeiro instante em que se cruzaram, todos os que estavam em seu redor se apercebiam da química que os prendia um ao outro. Portanto, um amor proibido com toda a saudade que esse estatuto lhe implica. Pela demora nos encontros, pelos dias que andavam escondidos, pelo sabor do beijo amargo na hora da despedida. Muitas vezes, trocados ao longo dos trilhos verdejantes na Quinta das Lágrimas. Donde, por tradição, se havia de mais tarde cantar em verso: “Coimbra tem mais encanto na hora da despedida”. Fado da cidade que indiretamente reflete a nostalgia que os amantes por ali deixaram ao longo do seu rasto. À beira do rio Mondego, local místico em que o mosteiro parece inundar-se das lágrimas ali derramadas um dia. Pois, tão frequentemente se vê aquele claustro, outrora refúgio de clausura de Dona Inês, vitimado pelas cheias que o afundam e impedem de ser visitado.

III – A saudade em Camões

I. A epopeia, *Os Lusíadas*

Em 1572, Luís Vaz de Camões publicava pela primeira vez a obra poética *Os Lusíadas*. Obra essa que se tornaria na maior epopeia portuguesa, a grande carta de amor camoniana ao seu povo. Tendo sido alvo dos maiores elogios e apreciações literárias, que ainda hoje a consideram intemporal e valiosíssima pela dimensão histórica adornada pelas nuances mitológicas aplicadas no poema, com uma certa dose de genialidade.

Assim sobressaindo naturalmente desta análise a intencionalidade sobre a temática da saudade, que inevitavelmente haveria de ser tocada pelo autor nesta obra, pela importância extrema que este sentimento reflete acerca da identidade cultural portuguesa. Uma vez que a epopeia tem como principal objetivo a glorificação da personagem coletiva, nomeadamente dos portugueses, não será de estranhar o deleitamento que Camões propõe acerca da origem afetiva da saudade.

Decerto um sentimento que não escapa aos versos dedicados a Inês de Castro, mais uma vez tida como embaixadora da nostalgia, num contexto em que a saudade já encontra traduzida repetidamente através de um estado de espírito agridoce. Tal qual acontece à semelhança da sua vivência partilhada com Dom Pedro I, em que no fundo os seus protagonistas experienciam de uma tragédia singular, ainda que em nada se oponha à sensação de prazer e felicidade sinestésica que acompanha o seu desfecho dramático. Sem dúvida um caso que auxilia a clarear o fenómeno da saudade portuguesa, que nunca se permite afastar totalmente de nenhum dos polos opostos que a constituem, por um lado do sabor agreste e adocicado de lembrar o que já passou, e também daquilo poderia ter sido um dia vivido num futuro imaginário. Conforme se tratam os contornos peculiares desta forma de sentir tão tipicamente lusitana, a que Camões foi mais uma vez tão sensível a captar nos seus versos. Rimando não só através das ações praticadas pelos seus heróis, como também cantando os seus desgostos e alegrias, que culminam num retrato aprimorado do carácter lusitano.

“Daqui podemos retirar que a saudade é um sentimento universal e não particular que atinge o seu auge na poesia lusitana, sendo mais uma característica poética do que racional.” (Manso, 2017:91)

Sendo que, para esse efeito Camões indicia a narração do poema em dois estratos: História de Portugal e viagem à Índia, sendo a primeira colocada na voz de Vasco e Paulo da Gama, e a segunda num narrador principal voltado para o leitor. (Bernardes, 2022: 28) Para além disso, recordem-se as influências clássicas a que o autor foi beber

para a construção da epopeia. Não havendo por isso que estranhar, a envolvimento das personagens mitológicas, como por exemplo Vénus e Baco, que congemina ora a favor ora contra a façanha dos portugueses. (Bernardes, 2022: 29) Génesis da qual, Adamastor se insurge como obstáculo físico, mas também psicológico nesta viagem de descoberta à Índia por meio marítimo. Oriundo do mito que circundava em redor das dificuldades em passar o Cabo das Tormentas, mais tarde aclamado, em prol do sucesso lusitano, o Cabo da Boa Esperança, situado na África do Sul, que pelas suas características geográficas provocava tempestades desastrosas que assombravam a bravura dos navegadores que heroicamente até lá remavam, e que muitas vezes dali não passavam, com barcos destruídos e muitas vidas ceifadas.

Será assim que Luís de Camões redigirá de forma sublime esta epopeia, convergindo a veracidade e a fantasia narrada, através de uma mestria que as impedem de entrar em colisão. Aliás muito pelo contrário, servindo a mitologia a seu ver para a confirmação histórica dos factos narrados, e para a exaltação desta premeditação divina atribuída ao povo português. Sem esquecer que “É com a verdade que se inicia o poema e é com ela que acaba.” (Bernardes, 2022: 29) Permitindo através desta mesma condução da história, a menção de variados episódios que contribuem muitíssimo para o conhecimento não-ficcional do leitor, a par do acompanhamento do conteúdo fictício do poema, que surge como um complemento articulado pelo próprio narrador. (Bernardes, 2022: 30). Situações que proclamam o principal foco de Camões, glorificação heroica dos lusitanos que se veem representados por individualidades como Afonso Henriques, Vasco da Gama, Inês de Castro, entre outros. Cada um com as suas virtudes assinaladas, ainda que não lhes escapem algumas falhas que os humanizam também, perante os olhos dos Deuses.

De modo que, “Por vezes, Camões serve-se da mitologia para expressar juízos profundos sobre o Amor, a Vida, a Guerra, a Morte e a Natureza.” (Bernardes, 2022: 33). Usufruindo dessa mesma voz metafórica, para expressar os seus pensamentos acerca das dificuldades de percurso daqueles que as atravessaram. Exaltando muitas vezes pelo meio dessas observações, o lado épico da obra que vê a bravura dos portugueses ser exacerbada por conta das adversidades a que foram obrigados a sobrepor-se, desta forma, vendo realçar a esperança saudosa de conquistar os dignos louvores aquando da chegada a porto firme.

Destaque-se desta interpretação, a conjuntura agreste que os navegadores vivenciavam na época dos descobrimentos. Uma vez nutrindo uma ingenuidade profunda acerca dos perigos inerentes ao mar, que tanta riqueza lhes trazia, como

tristezas lhes guardava. Como tão bem havia de descrever Fernando Pessoa, no seu gesto epopeico de contemporaneidade, logo nos primeiros versos do poema de *Mensagem*: “Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!”. Apóstrofe, cujo o intuito residia na vontade de exprimir o sofrimento que implicava toda esta bravura por parte da personagem plural, do povo português. Emoção de especial relevo para a análise que se processa, relativamente ao impacto da saudade na genética lusitana, como Carolina Michaëlis atesta na sua obra, esta relação de causa-efeito sobre os antepassados marinheiros e a crueza com que se vive este sentimento nos lábios de quem ali nasce à beira mar. Aspeto histórico, que pressupõe uma sabedoria distinta, quase predestinada a essa sensibilidade peculiar em relação aos restantes povos. Tendo por base a sua experiência comum, relativamente à ausência dos entes queridos que partiam e muitas vezes já nunca mais regressavam, absorvidos pela espuma do mar que os engolia travessos à ousadia que reinava em tentar dominá-lo.

Terá sido nesta linhagem de pensamento que Luís de Camões manifesta a personagem do Adamastor, sendo este, a personificação dos horrores que o mar adivinha. Um rochedo grotesco, de carácter impetuoso, transformado em pedra devido à fúria dos Deuses que adestraram a sua lição. Uma vez que, outrora o gigante revoltado com o amor não correspondido de uma ninfa, haveria de colher os frutos de se transformar num penedo. Uma metáfora que antagoniza a coexistência do amor com qualquer ato de soberba irracional, que obstrua o verdadeiro sentido de recompensa que este sentimento ecoa.

Contudo, nem só a Inês de Castro é atribuído o mito da saudade, também é exemplo disso a menção que Camões assenta a D. Sebastião. Jovem monarca que unia toda a esperança de uma nação, uma vez que apresentava todas as condições para governar um reinado longo e próspero. A par da frescura que refletia o seu ímpeto patriotista, próprio da sua tenra idade que tudo vivia com intensidade. Portanto, por um lado a saudade de Inês voltada para a nostalgia do passado, e por outro a saudade de Sebastião virada para a fome de futuro. Ambos estados de espírito que não se produzem baseados no presente, para além do vazio que ocupam naqueles que por eles desesperam. Assim, “Em boa verdade, é a D. Sebastião que Camões conta histórias como a de Inês de Castro e a do Adamastor;” (Bernardes, 2022: 40) Através das quais se tende a evitar cometer os mesmos erros, anteriormente já praticados. Sendo em ambos os episódios, evidente a conclusão de que a ira e raiva não produzirão bons resultados, quer para si mesmos ou para terceiros. Pois, D. Sebastião será previamente aludido das tremendas desgraças que daí advieram.

Dado que, haverá sido por isso que Camões:

“(...) optou por matéria histórica e que escolheu um modelo de narração no qual a sua voz se pudesse fazer ouvir. Sem a consumação dessas opções, o poema não poderia, de facto, funcionar como proclamação de esperança e apelo a um monarca vivo e jovem.” (Bernardes, 2022: 41)

Afirmção que promove uma vez mais a ideia subjacente à intencionalidade da produção da obra, *Os Lusíadas*. Apesar de não apresentar uma correlação tão óbvia quanto à necessidade de fazer propaganda ao orgulho patriotista, a par da preparação do novo rei D. Sebastião; será convincente declarar a inevitável exposição do que é ser português, e do quanto a saudade lhe está intrínseco. Que goza sem se dar conta, do prazer do descontentamento contente, que o torna por vezes tão incapaz de se superar perante os obstáculos emocionais, muito mais do que dos físicos. Tendo por isso, Camões recorrido à metáfora global da saudade na obra, pois unifica a verdadeira essência por detrás do herói coletivo.

Assim, deverá considerar-se de especial relevo a dedicatória que Luís de Camões direciona a Dom Sebastião, desde logo inicia deixando aos seus leitores a sugestão com que o seu poema deverá ser interpretado. Num tom narrativo em jeito de conselheiro, que alude à tomada de melhores decisões no futuro para o bem da nação. Tendo em conta as virtudes, muitas vezes descritas quase como sobre-humanas, que ditam o desfecho incomparável até à data, conquistado pela perseverança e audácia dos portugueses em desbravar o caminho marítimo para a Índia. Pois, “De facto, ler a epopeia camonianiana sem ter em conta a presença decisiva que nela tem a figura de D. Sebastião é ignorar aquele que é porventura o aspeto que mais determina o seu sentido global.” (Bernardes, 2020: 136) Facto que torna indispensável a assimilação do conteúdo que o autor promove na dedicatória. Uma vez que reforça a necessidade de recordar certos episódios da história, em vez de outros, ressaltando destes sempre algum exemplo a cumprir, ou até mesmo corrigir como foi o caso de D. Afonso IV, perante a injustiça que pratica contra Dona Inês de Castro. Sendo esta, uma morte lamentável para a pátria que se viu governada pelas mãos sujas de sangue, da barbárie de ceifar a vida a uma mulher indefesa, apesar do apelo vão dos seus filhos que haviam de ficar órfãos, netos do próprio rei.

Isto é, Camões ocupou-se desde logo a começar pela dedicatória dos seus versos, da exposição da intenção clara que estava impregnada no poema: a preparação do futuro rei, Dom Sebastião, legítimo herdeiro ao trono português. Dado que dessa tutoria à governação seria essencial destacar o valor do reino, sabendo a responsabilidade que estava incumbida pelo poder soberano, que segundo os

monarcas, garantia a destinação do cargo ao homem capacitado. Contudo, daquilo a que se assistiu na história nem sempre foi esse o caso, daí que educar um pouco a sensibilidade de D. Sebastião não era uma preocupação irracional.

“Inclinaí por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgados numerosos.”

(Camões, Canto I: 9)

De salientar que foi através da atenção que lhe foi atendida na dedicatória, que o jovem rei surgiu como personagem ouvinte da narração. Papel de destaque que cumpria com o hipotético diálogo de aconselhamento introduzido através de episódios meticolosamente eleitos para esse propósito:

“Em boa verdade, a Dedicatória camonianiana não só identifica um dedicatário como o transforma em narratário, isto é Camões coloca D. Sebastião dentro do poema, anunciando assim que tudo o que vai narrar lhe é destinado: os episódios que escolhe, a importância que lhes confere e ainda a dimensão pedagógica que lhes imprime.” (Bernardes, 2020: 139)

Podendo mesmo afirmar-se que a saudade atua nestas circunstâncias como um meio preventivo contra o passado. Auxiliada pela memória que não só permite a amarga lembrança do que já passou, como calibra o gatilho da mente que antecede o efeito da causa. Caracterizando-se a saudade de Camões como uma ultrapassagem do patamar emotivo em que na maioria das vezes se constrói. Dando lugar a uma reflexão um pouco mais calculista sobre essa melancólica lembrança, que fornece as armas necessárias ao treinamento de um jovem rei.

Por fim, Camões declara a sua derradeira expectativa esperançosa em Dom Sebastião, por meio da comparação que executa entre ele e Dom Afonso Henriques, o rei fundador de Portugal. Colocando-o assim, no papel de um rei precoce que irá com a sua ingenuidade devolver a inocência cândida ao novo reino que será implantado. Destinado a imortalizar os heróis que dele fizeram uma nação tão ilustre, quanto se observa na narração da epopeia.

II. Episódio de Inês de Castro n´*Os Lusíadas*

No caso do episódio de Inês de Castro, Camões retira proveito do papel de narrador ativo ao contar a sua versão da história deste amor proibido. Tendo sido

comparado por muitos à lenda celta de Tristão e Isolda, cujo o destino separou os amantes mas nunca cessou a paixão que os assolava, até à hora em que a morte os levou. Será portanto, por via desta fatalidade que ocorre entre as duas lendas que sobressaem os seus destinos semelhantes. Mas, voltando à obra *Os Lusíadas*, certo é que o autor sentiu “necessidade de intervir em defesa de Inês, suprimindo a omissão dos cavaleiros do séculos XIV. Do mesmo modo, convoca o Rei ouvinte para corrigir a inclemência de Afonso IV.” (Bernardes, 2020: 149) Dado que revela a indignação tangível nos versos que Camões dedica à donzela, que segundo a sua interpretação terá sido difamada ao ponto da conspiração orquestrada resultar no final que se conhece. Sendo que a revolta do poeta é visivelmente traduzida na forma como a ela se refere: “Aconteceu da mísera e mesquinha, / Que depois de ser morta foi rainha.” (Camões, Canto III: 118), onde a fama de Inês é a seu ver repugnante, pois em nada se parece com a mulher que conquistou o coração de Dom Pedro, por quem nutria um amor profundo pelo qual foi condenada.

Resultando de um momento tremendamente épico para a história da saudade em Portugal, uma vez que o seu povo havia de chorar lágrimas eternas, lado a lado com o seu viúvo e descendente ao trono, futuro el-rei Dom Pedro I. Mais tarde conhecido pelo cognome, O Cruel, pela loucura que o dominou, após o desaparecimento de Inês, tal como já havia sido referido anteriormente dando origem a um período particularmente instável durante o seu reinado. Contudo, ignorando as responsabilidades afetadas por esta saudade desmesurada, certo é que a marca de Dom Pedro havia de ter repercussões incalculáveis na cultura portuguesa. Segmento onde as cicatrizes deste amor são tão visíveis quanto o rasto de sangue que ainda hoje perdura nas pedras da fonte da Quinta das Lágrimas. Claro que o tema da saudade mesmo para a época, não era de todo uma novidade. Pois, já tinha sido anteriormente tocada na literatura medieval, inclusive pelo rei D. Duarte (1391-1438):

“ (...) décimo primeiro rei de Portugal, apresenta-a como sentimento ligado ao coração e oposto à razão, com tradução apenas no léxico galaico-português, sendo, então recorrente nas Cantigas de Amigo, em Bernardim Ribeiro (1482?-1552?), Frei Agostinho da Cruz (1540-1619), D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), Almeida Garrett (1799-1854) que em pleno romantismo, lhe traçou um lugar especial no imaginário português ao defini-la como “gosto amargo” e “delicioso pungir”. ” (Manso, 2017: 90)

Saudade que acaba por integrar-se nos interesses cuja lírica camonianiana mais incide, como o amor e a mulher enquanto musa. Razão pela qual talvez lhe seja um episódio tão sensível, querendo transmitir a Dom Sebastião a prática de bons valores cavaleirescos que impedem o mau trato a uma donzela.

Por fim, sendo evidente a quantidade hiperbólica de menções que o poeta exprime relativamente ao saudosismo representado em Inês de Castro, desde logo na primeira estância quando lhe dedica a sua atenção, caracterizando a tragédia em que culminou o amor de ambos como sendo: “O caso triste e digno de memória” (Camões, Canto III: 118) Introduzindo assim à narrativa histórica a principal emoção que lhe aprazera ao ouvi-la contar, a saudade do passado. Note-se que diversas vezes sucede a associação entre a saudade, “As lembranças” e as “memórias”. Vocábulos que servem ao poeta de sinónimos mais ligeiros do ponto de vista da riqueza semântica atribuída ao seu significado, mas que lhe permitem referir-se aos sintomas que a saudade provoca naqueles que dela padecem.

Como por exemplo, na seguinte estrofe decassilábica que remete para a inevitável recordação de Dona Inês que habita no coração de seu príncipe, futuro el-rei Dom Pedro I de Portugal. Neste versos, Camões descreve as exaltações que assombram a alma de um homem cujo seu grande amor lhe foi roubado demasiado cedo, para aquilo que viria ser um breve penar até à sua morte, que provavelmente lhe terá vindo buscar seu corpo já oco de prazeres, no seu último suspiro desejoso de reencontrar Inês novamente no pós-vida. Um retrato ultrarromântico do que foi este amor sofrido, que tudo teve para constituir o elenco perfeito e com o enredo arrumado para escrever folhas infinitas de obras dramáticas, literárias e inspirar doutrinas como a saudosista.

“Do teu príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam,
E quanto enfim cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.”

(Camões, Canto III: 121)

Uma dedicatória à saudade este episódio narrado a Dom Sebastião, no qual o tom intimista sobressai sobretudo quando se desvendam os “doces sonhos” nos quais o infante repousa a sua saudade nos braços de Inês. Lugar seguro onde experiencia uma alegria disfarçada, que lhe permite recuperar energias para o dia seguinte, em que apenas a tem presente “em pensamentos que voavam”. Mas, nem só dos desvios interiores de D. Pedro, Camões se inspirou, pois também incorporou os estados de alma que haviam de intervir a favor de Dona Inês em tantas ocasiões. Representando a sua figura feminina, detentora de uma personalidade marcante capaz de enxergar o título que lhe havia de assentar um dia na coroa que seu amante lhe entregou à aureola do

crânio já cadáver. Uma rainha não reconhecida em vida, mas que sagrou essa mesma forma de estar pelo jeito com que encarou os assassinos a quem lhe encomendaram a sua morte. Segundo o poeta, rogando “Saídas só de mágoa e saudade / Do seu príncipe e filhos, que deixava, / Que mais que a própria morte a magoava,” (Camões, Canto III: 124) Reinando em si, a saudade antecipada dos que cá havia de deixar, sem sequer privilegiar qualquer réstia de sentimento egoísta que poderia transparecer perante uma ameaça de vida. Uma honorabilidade que apenas assiste aos que para lá da herança, têm em seu sangue o verdadeiro e meritório sentido de pura realeza. Ato que envergonha a atitude de Dom Afonso IV, que se acobardou até na forma de se livrar da mãe de seus netos, revelando a sua falta de nobreza sobre o cargo que ocupava.

Mais adiante, o poeta faz referência à Quinta Lágrimas, em Coimbra. Local que serviu de abrigo a tantos encontros do casal e que haveria de ser palco do banho de sangue. Na fonte das lágrimas, onde reside “memória eterna” do que ali se passou, jazem as “lágrimas choradas” que na “fresca fonte rega as flores”. Tal como Camões rima na seguinte estrofe:

“As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
“Dos amores de Inês”, que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome Amores!”

(Camões, Canto III: 135)

Assim, conclui-se a presença da saudade na epopeia camoniana por meio da análise do episódio de Inês de Castro. Reafirmando a importância que Inês conquistou sobre o simbolismo desta palavra na nossa cultura. Sendo mesmo, esta tragédia um marco nacional que ultrapassou fronteiras, ecoando o nome da rainha coroada defunta noutras línguas que demonstraram empatia com este amor além vida. Tanto que, Camões terá sido certamente, um dos autores que mais importância teve no processo de propaganda da saudade portuguesa. A epopeia d’Os *Lusíadas* foi construída a pensar na melhor forma de elogiar o povo lusitano com tudo o que bom e de mau reteve ao longo da história. O objetivo era, por isso, claro: tornar o povo português um herói coletivo, digno da sua memória. Daí que fosse crucial vincular este laço afetivo com a saudade, que faz parte da construção identitária de Portugal. De tal modo, que poderá mesmo afirmar-se que Pedro e Inês foram para os portugueses os progenitores da saudade. Sendo que, sem a violência deste amor provavelmente Camões não se teria ocupado tanto deste estado de espírito agreste, mas em simultâneo também tão

prazeroso. Tudo isto naturalmente, no seio da conjuntura que Camões tinha elaborado para a conclusão desta obra. Ocorrendo a interpretação da saudade, através da leitura conhecedora da verdadeira essência cultural que move e encanta o coração deste povo tão corajoso, quanto romântico. Pois, para saber sentir esta melancolia doce e amarga é preciso saber distinguir a beleza colateral de tudo o que trágico nos acontece. Tanto que os portugueses, segundo a interpretação de Camões, seriam realmente dotados dessa sabedoria, de um jeito que apenas os Deuses lhe saberiam reconhecer e recompensar com a concretização dos seus feitos quase sobre-humanos.

III. A Poesia Lírica Camoniana

Considerando-se Camões a grande personalidade literária da língua portuguesa, será compatível afirmar que a temática da saudade também sobressai na sua poesia lírica. Um homem cujos sentimentos o arrebatam com a ferocidade de um Adamastor. Pois, quem fala de poesia camoniana, fala de universalidade. Uma vez que o seu talento se traduz na habilidade de tornar arte os problemas que afetam a humanidade. Sejam estes o amor, a morte, a questão existencial, e até mesmo a saudade implícita à condição humana em constante movimento e evolução, tanto espacial como temporal. Talvez, por isso, Camões tenha tocado tantos corações ao longo dos séculos. Inclusive das gerações mais recentes que ainda hoje estudam o poeta, de norte a sul do país. Numa leitura que contribui para a perpetuação do orgulho à pátria por parte das camadas mais jovens. Conclusão a que o autor pretendia certamente chegar com o seu legado poético. Pois afinal, Camões sentiu Portugal no seu esplendor com todos os seus defeitos e virtudes.

Uma sensibilidade de observação que se manifesta noutra dos seus grandes assuntos, como o desconcerto do mundo. Por outras palavras, o desajuste da realidade externa em redor dos seus olhos, face à sua experiência interna. Caracterizando-se por uma profunda insatisfação perante aspetos da vida real, como por exemplo as injustiças sociais, que tal como se nota no seu discurso o atormentam profundamente. Algo que o motiva a um questionamento constante, acerca do mundo e da sua relação com o Homem. Um tema por si mesmo, propicio à reflexão metafísica do verdadeiro sentido da vida. Naturalmente, encaminhando-o para o levantamento de respostas às suas interrogações, muitas vezes através de uma análise das composições de vertente religiosa. (Matos, 1992: 42)

Contudo, será pela divagação amorosa de Camões que o seu contacto com a saudade mais se irá salientar. Um poeta que varia conforme o seu estado de espírito,

no tom com que se expressa sobre a paixão. Em certos momentos, em voz terna e romântica, a par de outras vezes em que o seu discurso prima pelo erotismo e até jeito espirituoso com que aborda a questão. Mas nem só, também a seriedade se assola. Onde a saudade surge enquanto sentimento que se instala, por culpa do obstáculo que se sobrepõe ao amor. (Matos, 1992: 42) Seja este o distanciamento físico ou espiritual, a saudade não se coíbe de alimentar a fome não consumada pelo encontro carnal. Sendo que nem só desse afastamento floresce o sentimento nostálgico, pois também poderá apontar-se o vivenciamento da saudade através de um amor platónico. Neste caso, uma saudade baseada na vontade de experienciar algo projetado para diante, por ainda não se ter concretizado, fruto apenas da fantasia imaginativa.

Assim sendo, será no âmbito desta dualidade amorosa entre sensualidade e pureza, que Camões interpretará a sua noção de saudade na poesia. Assemelhando-se o paradoxo de prazer agridoce que a saudade convoca, com a inerente relação que este mal-estar se associa ao amor não correspondido, ausente, pecador, entre tantos outros. Tendo sido o poeta ao longo da sua obra, convocado pelo desejo de compreender a complexidade que envolve as contradições do amor.

I. Poema, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Luís Vaz de Camões

Neste soneto, como o próprio título indica pelo primeiro verso, “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, o eu-lírico inspira a volatilidade da vida. Assemelhando as transformações que lhe ocorrem internamente, com as constantes alterações da natureza ao longo das estações do ano. Fazendo metáfora do Homem,

enquanto ser orgânico que é, portanto um animal elemento do seu meio ambiente. Em que tal como as folhas caducas, também as suas vontades mudam. Havendo portanto, uma paridade entre as alterações que ocorrem na natureza e no próprio sujeito poético, representante de “Todo o mundo” (v.1) no seu processo de crescimento e inconstância ao longo da vida.

Sendo neste tom nostálgico que decorrerá todo o alinhamento das quadras, que por fim darão lugar a dois tercetos que traduzem a conclusão deste pensamento. Num poema em que nada se questiona, somente se afirma a constante necessidade de movimentação. Tal como o tempo, imparável quer se queira ou quer não. Sem dar espaço para a negação, o poeta reforça o poder da ciclicidade da vida por diversas vezes aquando da utilização exacerbada do verbo “mudar”.

Na primeira quadra introdutória, o protagonismo passa pela expressão da velocidade a que o tempo passa e o Homem cresce. A meu ver, primeiramente traduzindo o aspeto psicológico dessa transformação, pela mudança dos seus desejos, da sua estima e das suas virtudes. Afirmações que conseqüentemente resultam, na conclusão de que nada será permanente neste mundo, nem a existência do Homem, quanto mais das suas próprias vontades. De tão frágeis e singelas, em relação às alterações que a natureza sofre, como se confirma mais adiante. Uma vez tratando-se o Homem do reflexo involuntário dessa constante mutação a que o tempo obriga.

Enquanto que na segunda quadra, o sujeito poético desenvolve a ideia inicialmente construída da vulnerabilidade inerente à condição de estar vivo. Sendo o indivíduo “Continuamente” (v.5) exposto à renovação, pelo qual reclama um certo saudosismo, pela forma como encara este embalo acelerado com que se vê envolto. Não vendo nestas mudanças um cenário que corresponda à expectativa da sua “esperança” (v.6). Sendo que do passado, resultam as memórias retiradas daquilo que mau lhe aconteceu “as mágoas na lembrança” (v.7), ao passo que tudo de bom lhe há acontecia lhe restam “as saudades”(v.8).

Neste segundo momento do soneto, a saudade revela-se enquanto sentimento que distingue a qualidade das recordações do sujeito poético. Apresentando um contraste nítido entre aquilo que este adjetiva pejorativamente, segundo as contínuas “novidades” (v.5) e as lembranças saudosas com que sonha um dia reviver, mas sem efeito. Assim, a saudade glorifica o passado impedido de ser volvido, que o passar do tempo fortalece pela brandura com que lembra os dias outrora menos amargos. Mais uma vez, fazendo justiça à sua definição de sentimento de memória agridoce, pela incapacidade de reviver, mas pela alegria de ter vivido.

Dando início através do primeiro terceto, à segunda parte do poema na qual a natureza exemplifica o poder da passagem do tempo, sobre os elementos que a

compõe, inertes à imposição deste fenómeno impossível de travar. Razão pela qual a saudade é sentida em qualquer que seja o tempo verbal, no qual o indivíduo se debata. Pois, sabendo da sua impotência no combate à mudança, haverá sempre algo que lembrar, alguém que se tenha medo de perder, e um momento que se gostaria de poder pausar para sempre. De tal forma, que até o chão “de verde manto”(v.9) , característico do estado primaveril, assiste às mudanças de estação que o cobrem conforme a altura do ano em que o atinge. Transformações que acompanham os estados de espíritos rotativos do próprio sujeito poético, que variam entre a felicidade do “doce canto” (v.11) e a melancolia causada pela “neve fria” (v.10).

Por fim, reafirma-se não só que a mudança faz parte do estado cíclico da vida, como a fragmentação desses câmbios são vistos ao passar de “cada dia” (v.12). Um avanço que naturalmente afeta também a forma como decorre essa transformação dos tempos, não se tratando de uma condição unilateral, pois também o modo como a mudança atua é alvo dessa instabilidade. Assim, o Homem saberá que padece da condição efémera que lhe está atribuída. Talvez por isso, levando a evolução com alguma tristeza, pois sabendo que a constatação dessa viragem significará de certo modo a aproximação do seu fim.

II. Poema, “Que me quereis, perpétuas saudades?”

Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança inda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais,
E se torna, não tornam as idades.

Razão é já, ó anos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que passais,
Nem todos pera um gosto são iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado,
Que quase é outra cousa, porque os dias
Têm o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
Não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
Que do contentamento são espias.

Luís Vaz de Camões

Ao longo do poema “Que me quereis, perpétuas saudades?”, o sujeito poético revolta-se contra a saudade que o impede de desfrutar do presente. Sendo prova disso mesmo, as sucessivas interrogações, (“Que me quereis, perpétuas saudades? / Com

que esperança inda me enganais?”, v.1), que estabelecem uma comparação entre o ritmo do poema e o compasso acelerado que marca a vida. Tal como ela é pautada sempre em andamento.

Também notável será o desgaste que esta novidade lhe traz. Preso às lembranças que através das saudades lhe avivam as memórias aparentemente esquecidas. Afeiçoando-se mais à sua tenra idade, na qual um dia se sentiu feliz, do que durante a atual circunstância em que reside. Dado que se apercebe, por fim “Que o tempo se vai não torna mais” (v.3). Verso que confirma este mal estar com o envelhecimento e a mudança que esse mesmo facto deveras lhe atinge. Não sendo explícito, apesar de tudo, a sua inconformidade com a decadência física que esse avançar da idade consigo comporta. Mas, sendo contudo clara a sua insatisfação para com as mudanças que se encarregam de lhe roubar a “esperança” (v.2). Talvez fruto da inocência de outrora, que anteriormente lhe fazia crer que o futuro seria mais doce. Deste modo, declarando-se a culpabilidade que recaí sobre o tempo, que para além dos anos que lhe roubou, lhe arrancou também a sua modesta ingenuidade. Uma vez que mesmo que o tempo volte, “não tornam as idades” (v.4) e aquilo que estes ensinamentos um dia lhe trouxeram.

Pois, na verdade o Homem nunca mais volverá a ser o mesmo, sendo essa a sua real mágoa sobre a mudança. A perda dessa infantilidade que faz com que brinque e perca o seu tempo, não lhe dando o devido valor na altura em que decorrem os momentos saudosos. Sem saber ainda que esses (“Razão é já, ó anos, que vos vades”, v.5), lhe haveria de trazer melancolias infindáveis. Sendo que, na segunda quadra do soneto, retoma a questão da crise existencial que essa mudança invade sobre as vontades do Homem. Isto é, generalizando o discurso do sujeito poético, que a meu ver tem como expressão uma dimensão muito mais ampla do que a sua experiência individual. Tal como se de uma Ode ao tempo se tratasse, através do recurso estilístico que a anáfora executa na sua forma de expressão (“Nem todos pera um gosto são iguais, / Nem sempre são conformes as vontades.”, v.7 e 8).

Dando, assim origem a uma conclusão voltada para o diálogo interno, no qual o sujeito poético se debate com “Aquilo que já quis” (v.9), mas que entretanto “é tão mudado” (v.9). Refletindo-se sobre esta flutuação de ideias que acompanha as contradições que o passado releva em relação às vontades de agora. Surgindo de certa forma, uma espécie de antagonismo entre o que a vida reserva, e o que culmina do destino e do tempo que lhe é disposto. Uma mágoa que ressalta pelo poder que essa insatisfação provoca, de tal ordem no sujeito poético, que este mesmo já custa a

reconhecer o seu íntimo adulterado por todas estas mudanças que lhe estão indiretamente impostas pelo curso natural da existência humana. (Matos, 1992: 80)

III. Poema “Alma minha gentil, que te partiste”

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Luís Vaz de Camões

Neste soneto de Camões, o amor tratado como um tema trágico do ponto de vista da separação física dos membros do casal. Observando-se o sujeito poético, na forma de um amante de semblante enviuvado, destroçado pela perda da sua musa que partiu cedo demais, antes da sua hora.

Sendo que logo na primeira quadra, o distanciamento é evidente entre os dois patamares que os separam: “cá” e “lá”. Sendo que, segundo no verso: “E viva eu cá na terra sempre triste” (v.4), o sujeito poético descreve a sua vivência desde a sua partida como que um ato de sobrevivência num cenário de purgatório, em relação à paz que esperançoso acredita alcançar também ele no pós-vida. Tanto que, afirma: “Repousa lá no céu eternamente” (v.3). Uma dicotomia entre o céu e a terra, a paz e a tristeza, a imortalidade e a efemeridade, no fundo entre a morte e a vida. Apesar de que sabemos, não há luz sem escuridão. Uma vez que toda esta perda alimenta a valorização do tempo que foi passado, enquanto ambos estiveram juntos e partilharam o amor infinito que os unia. Continuamente até mesmo para além da vida térrea.

Donde o sujeito poético reacende pelos dois, através da saudade que o inflama, as memórias recorrentes da paixão que outrora os acalentava. Pois, “Se lá no assento etéreo” (v.5) não houver “Memória desta vida” (v.6), cabe-lhe a si manter viva a

recordação saudosa “daquele amor ardente” (v.7). Assim, manifestando uma crença clara de que a morte residirá num lugar mais ameno, onde a dor e tristeza não terão lugar. Arrecadando para si mesmo, a responsabilidade de sofrer pela falta que a sua amada lhe faz, e pelo seu pouco conhecimento sobre o que fora um dia perdido. Uma vez que esta separação vespertina aproxima o sujeito poético da sua relação com Deus.

Podendo verificar-se no primeiro terceto e segundo terceto, que concluem o poema, um pedido de auxílio para que os seus dias de amargura não durem muito mais. Dirigindo-se à sua amada para que peça a Deus, fazendo com que a sua vida apartado dela não durem muito mais (“Roga a Deus, que teus anos encurtou / Que tão cedo de cá me leve a ver-te”, v. 12 e 13).

Porventura, comparável a história narrada nestes versos com a história de Dom Pedro I e Dona Inês de Castro. Deveras semelhantes no modo como retratam a morte de uma figura feminina, que deixa para trás o coração destroçado a sangrar saudades do toque, e também do espírito que antes o acompanhavam. Realçando, neste encalce a mútua vontade de se juntarem e partirem também eles para junto das suas almas virgens que os aguardam sem saberem a dor que cá deixaram ficar.

Assim, o poema “Alma minha gentil, que te partiste” será reflexo da interpretação de Camões, acerca dos temas do amor e da saudade. No qual, sobressaem pelo tom nostálgico soturno atribuído às suas estrofes, de estrutura clássica, em jeito de diálogo com um interlocutor passivo do qual não se ouvirá qualquer resposta, para além daquela que o sujeito poético aspira sentir

Mais tarde, rimas estas que culminariam a inspirar outras vozes da literatura portuguesa. Como foi o caso de Teixeira de Pascoaes, na “Elegia do Amor”. Poema em que são igualmente visíveis as mazelas que a ausência da partida provoca no Homem, ainda mais quando se trata da sua ligação amorosa afetiva. Um papel que quando desaparece, deixa para trás um vazio no seu par. Algo que a poesia reforça, colocando nos seus versos a mágoa verdadeira ou encarnada, fruto do exercício de espiração do poeta. Mas, que por fim são na realidade o retrato mais cru daquilo que se passa no interior de um coração despedaçado. Sendo que há estados de espírito na vida de um ser humano, que não são tangíveis de serem traduzidos em palavras, excetuando em forma de estrofes. Uma vez que quando são cantados, fluem os pensamentos com mais honestidade, e numa velocidade muito mais harmonia.

Assim, fazendo um breve paralelismo entre “Alma minha gentil, que te partiste” e a “Elegia do amor”, justificando de que maneira Camões parece ter sido inspirado por

Teixeira de Pascoaes, tantos séculos após ter redigido a sua composição poética de tema Inesiano, por assim dizer.

Ora, será então digno considerar em ambas as composições, a associação entre a fé e a morte, o sentido da vida e as preces que empregam um tal de Deus, como entidade superior. Talvez por parecer ser detentora de uma sabedoria cósmica que os sujeitos poéticos não reconhecem, mas sobre a qual refletem: “E eu, triste, meditava / Na vida, em Deus, em ti...” (Pascoaes); “Roga a Deus, que teus anos encurtou” (Camões) Para além disso, a proximidade entre o sujeito poético e a outra face deste amor será igualmente notória, desde já pela forma como se dirigem ambos os poetas através de um discurso direto introduzido pelo pronome “-te”: “Ouço-te em minha dor. / Ouço-te em meu desgosto” (Pascoaes); “E se vires que pode merecer-te / Alguma coisa a dor que me ficou / Da mágoa sem remédio, de perder-te” (Camões). Por último, existirá a meu ver um sentimento saudoso partilhado pelos dois sujeitos em torno da perda das amantes, que de almas tão puras e bondosas viraram anjos pousados no céu, roubados cedo demais. Seguindo-se acerca disso, os exemplos: “E punha-me a cismar / Que era tão boa e pura, / Que, muito em breve – sim! / Te chamaria o céu!” (Pascoaes); “E a lua, para nós, / Os braços estendeu. / Uniu-nos um abraço, / Espiritual, profundo, / E levou-nos assim, / Com ela, até ao céu / Mas, ai, tu não voltaste / E eu regressei ao mundo.” (Pascoaes); “Alma minha gentil, que te partiste /Tão cedo desta vida descontente, / Repousa lá no céu eternamente” (Camões); “Que tão cedo de cá me leve a ver-te / Quão cedo de meus olhos te levou.” (Camões).

IV. Redondilhas de Babel e Sião

O poema de Luís Vaz de Camões, “Sôbolos rios que vão”, também apelidado de Redondilhas de Babel e Sião, trata-se uma composição poética com cerca de trezentos e sessenta e cinco versos, composta em decassílabos, ao longo de trinta e cinco agrupamentos

Sendo que a saudade sobre a qual se equacionará este poema, será a saudade enquanto “reminiscência”. Portanto um proclamar saudosista do sujeito poético que carece de um acompanhamento espiritual por parte de uma tal entidade divina pelo qual se rege. Assim, vislumbrando uma saudade consolidada pela vontade de alcançar um lugar não adquirido, pois a alma ainda se encontra apegada ao corpo que a carrega. Neste mundo de Babel, contaminado pelas mãos do Homem pecador que corrompe o espaço onde se mobiliza.

Daí que, talvez seja tão importante realçar a dicotomia que o poeta instaura no mundo ficcional do poema. Contrapondo dois mundos oposto em termos de simbologia: Babel e Sião. Primeiramente, Babel a terra imperfeita onde o Homem nasce e procria em torno de um ambiente adulterado pelas falhas inevitáveis à construção humana. Em segundo lugar, o paraíso de Sião enquanto ideal propagandista da saudosa terra divina, em busca de Jerusalém. Algo que traduzir-se-á num tom intimista, relativo à procura incessante de um abrigo de fé longe, de uma tal Babel sombria.

XXI

Mas ó tu, terra de glória.
S'eu nunca vi tua essencia,
Como me lembrás na ausencia?
Não me lembrás na memoria,
Senão na reminiscencia:
Que a alma he taboa rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vò da propria casa,
E sobe á patria divina.

Luís Vaz de Camões

Uma nova morfologia da Saudade é reivindicada pelo olhar analítico de Camões sobre a sociedade e as forças que a fazem mover. Sendo que, desta vez o poeta aborda a problemática da saudade segundo uma perspectiva de cariz religioso. Portanto, muito direcionada para um certo velar da figura ausente do profeta. Um luto permanente que resulta numa saudade enquanto lembrança de um Bem que sucumbiu num mundo em constante luta contra o Mal. O lado da luz e das trevas, mais uma vez sucumbindo à questão inevitável da proposição da fé. Pois, para haver luz é necessário que haja escuridão que a evidencie. Dois estados de alma que a saudade sabe tão bem aglomerar no seio do pensamento do homem. Se por um lado existe luz na memória, por outro existem trevas na incapacidade de volver a experienciar tal motivo de eco na lembrança. Neste caso, nos versos de Camões a matéria que ocupa o espaço entre o vazio provocado pela saudade e o presente, será a fé. Uma partilha espiritual que faz com que o indivíduo se sinta parte de um todo, dividindo a sua dor e as suas incertezas aliviando um pouco a sua alma. Sendo também esta uma saudade “celeste”, ampliando o sentimento saudoso em relação a Deus e apaziguando a vivência terrena com a esperança de encontrar um lugar divino. Para os católicos, o paraíso do qual Adão e Eva foram expulsos, e que Teixeira de Pascoaes mais tarde aproveitou para explorar

no seu romance em verso *Regresso ao Paraíso*, que tão bem traduz esta saudade de Deus que já Camões havia mencionado em Babel e Sião.

Poema sobre a vivência de uma saudade que por vezes mais parece indefinida, uma vez que não tem ideia da fisionomia daquilo que procura. Sendo por isso, um tanto ao quanto abstrato relativamente à sua forma (“S’eu nunca vi tua essencia,”). Mas, tendo contudo a certeza do seu conteúdo, pelo qual nutre uma nostalgia incomparável àquilo que já viveu anteriormente e até ao momento. Transpondo através do poder da imaginação, comparada à medida da sua saudade, toda a glória que almeja um dia alcançar (“Que a alma he taboa rasa, / Que com a escrita doutrina / Celeste tanto imagina,”). Pois, quando o céu não lhe for mais do que uma doce memória, será então uma realidade recompensadora pela decadência sobre a qual pousou ao longo dos seus dias térreos (Que vò da propria casa, / E sobe á patria divina.”).

XXII

Não he logo a saudade
Das terras onde nasceo
A carne, mas he do Ceo,
Daquella santa Cidade,
Donde est'alma descendeo.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não he quem se ha de buscar;
He raio da formosura,
Que só se deve d'amar.

Luís Vaz de Camões

Por fim, tratando-se de uma nova saudade etérea, que se transforma pelo total rompimento com a antiga definição de carência pelo que é carnal. Camões reconhece na saudade uma filosofia que até ao momento não lhe estava associada. Algo que inspira de certo modo a doutrina de Pascoes, formulando-a para ser uma espécie de religião exclusiva dos portugueses. Daí que a associação da saudade com a teologia por parte do poeta do séc. XVI, seja vista como um elemento revolucionário no modo como se passa a olhar esta insatisfação prazerosa. Que aliás, as mais diversas religiões instigam ao manifestar no indivíduo a sistemática preocupação com o cumprimento das doutrinas, e com o resultado consequente do seu comportamento no dia do juízo final.

IV – A saudade em Teixeira de Pascoaes

I. A temática da saudade em *Marânus*

Em 1911, Teixeira de Pascoaes publicava a obra-prima, *Marânus*, alocando-se nas vésperas da fundação do movimento Renascença Portuguesa. Sendo este romance em verso, um preâmbulo para aquelas que viriam a ser as ideias saudosistas de Pascoaes para a nova mentalidade artística e cultural do princípio do século XX. Uma vez considerando que se trata de um autor que privilegia as suas raízes como fonte inestimável de inspiração literária, justifica-se a sua insatisfação perante o cenário desacreditado que a nação enfrentava durante aquela época. Resultado da instabilidade política que se refletia em todas as camadas da sociedade portuguesa, inclusive na literatura, onde a revelia se instaurava em relação a tudo quanto fosse intrinsecamente português, com alguma sintonia aos antepassados que se viam, de certo modo julgados pelo papel que haviam desempenhado na formação da identidade nacional. Algo que transparecia no rosto de desânimo do povo, ainda a recuperar das repercussões de 1890, originadas pelo Ultimatum Inglês, que diminuiram fortemente o ego lusitano. Do qual se tentariam afastar o mais possível, tentando muitas das vezes de forma rústica acercar-se das tendências que vigoravam no resto da Europa.

Assim surge a história de *Marânus* protagonizada pelo homem cujo berço é Amarante, junto à Serra do Marão, aludindo ao nome que lhe foi entregue. Tendo sido sobretudo caracterizado psicologicamente pelo autor, que o descreve como alguém que se perde em pensamentos ao longo dos passeios de que desfruta. Ao longo das paisagens montanhosas da região nortenha, que divide a região do Minho e Trás-os-Montes. Local que simboliza as raízes da alma portuguesa, tipicamente saudosista, que se vê cercada pelos vales raianos com a vizinha Galiza. Como anteriormente induzido pelo estudo de Carolina Michaëlis, pois tratando-se de uma região que tenderá a partilhar desta mesma percepção linguística ao exprimir-se acerca da saudade.

Porventura inspirada esta aculturação espiritual induzida pelo cenário bucólico que a natureza ali alcança, uma vez que também afeta o estado de espírito das personagens por ali vagueiam. Destacando a importância que o espaço remete na obra de Pascoaes, pois nele circula a predisposição filosófica centrada no pano de fundo da Serra do Marão. Constituindo este detalhe um certo tom autobiográfico, que não se deverá negligenciar, pois ao conhecer um pouco do percurso de vida de Pascoaes, as semelhanças entre o seu protagonista e o próprio poeta serão evidentes, dado o recolhimento a que se ofereceu junto à Serra que tanto apregoa. Na casa de família em Gatão, na qual haveria de encontrar o seu tão procurado refúgio de inspiração. Durante

esse período, passando a dedicar-se inteiramente à escrita. Após longos anos de saturação do meio citadino, que buscara movido pela necessidade de se formar em Direito, na Universidade de Coimbra. Sem dúvida, uma deslocação num meio cultural que haveria de influenciar o seu crescimento intelectual, ampliando a sua visão distinta sobre o mundo que o rodeia. Facto que contraria opiniões como a de António Sérgio, que o pretendiam diminuir pela demagogia das suas palavras a um simples homem do interior, que nunca tinha viajado nem conhecido mais do que a sua aldeia. Sendo que, terá sido esse desbravamento das suas próprias raízes, que mais tarde o terão inspirado ao resgate da saudade. Dono de uma noção além fronteiras, que lhe permitira ter um olhar rejuvenescido sobre a real riqueza da cultura portuguesa e da sua língua materna.

Na obra de *Marânus*, os passeios pela natureza são uma espécie de ritual grego filosófico, por parte da personagem masculina que se vê confrontado com os seus dilemas à medida que avança sobre a Serra. Numa interação empática com os elementos naturais que o rodeiam, transmitindo pela sua energia com a paisagem uma sensação de conforto e familiaridade com o local. Passo a citar: “Por isso, ele ia andando, neste doce / Enlevo da paisagem, neste encanto,/ Que paira, magoado, sobre as cousas,/ Onde, em silêncio, jaz divino canto...” (Pascoaes, 1990: 5).

Assim, reunindo as condições necessárias à sua solidão contemplativa que evoca a sua sensibilidade sobre a vida. Momentos esses em que Teixeira de Pascoaes expõe as dicotomias de que se serve para salientar as temáticas envolventes em *Marânus*. Tais como: o mundo fantasioso e a vida real, o amor platónico e a satisfação carnal, o espírito imaterial e o corpo poluído pelos prazeres térreos. Paradigmas que não se opõem necessariamente, mas que contrastam entre si. Sendo por vezes aplicados de forma metafórica, por meio de personagens como são o caso, Eleanor e a pastora. Ambas personificações do conflito com que Marânus se debate. Acerca da sua experiência interna das ações, assim como o somatório externo que destas resultam. Um conflito aceso entre aquilo que é vivido e o que na verdade é sentido pelo protagonista, que a meu ver se coloca no papel de espelho do próprio sentimento oblíquo de Pascoaes, que através da sua genialidade metafísica traduz em *Marânus* a sua relação com a Saudade.

Através do encontro, assim se introduz a narrativa da obra estimulada pela interação do homem que vagueia taciturno pelas montanhas de Marão e aquela que será a sua musa. Pois que desce o céu até si, sob a forma do espírito abstrato de Eleanor. A nostalgia encarnada no corpo indefinido de uma mulher sensual, que atrai Marânus como se vítima se tratasse do canto das sereias, como em Camões sucede aos

marinheiros que navegavam solitários pelos oceanos. Sendo que, desta vez a caminhada assume um carácter introspectivo que apontará como destino a descoberta da felicidade interna do Homem. Aparentemente condenado à angústia das incertezas, da melancolia do passado, e do descontentamento crónico que o aflige desde sempre.

Por fim, mais do qualquer outro assunto *Marânus*, conta-nos sobre uma história de amor. Uma admiração apaixonada pelo sexo feminino que se propaga em três formas distintas: Eleanor, a Pastora e a Saudade. Sendo que a última será a síntese completa do sentimento que se imortaliza por meio do desejo, da ausência e da esperança. Num jeito de messiânico de amar, Marânus enreda-se por entre os meandros da sua Serra e afoga-se nas mulheres que por ele passam, despejando nestas figuras todo o seu habitual estado de espírito hiperbólico em relação às coisas que o rodeiam. (Franco, 1997: 38) Pois, tudo o emociona desde aquele aparentemente insignificante penedo onde adormeceu um dia após o encontro com Eleanor, até à guardadora de rebanhos a quem se entregou ainda absorto pelo sonho saudoso que aquela imagem de luz lhe deixou.

Sendo esta uma personagem mística, do ponto de vista da sua aparência sedutora mas que contudo se afasta de uma aparência humana, talvez por isso muito mais próxima de um feixe de luz do que de uma mulher. Em contrapartida, o autor polariza com o aparecimento da Pastora o oposto de tudo o que Eleanor representa, uma vez que incorpora o papel de voz de chamamento para a realidade. Um eco que invoca todas as arestas por esculpir subjacentes a essa condição material do amor. Sendo que a saudade e o amor, são emoções que se transcendem na adversidade do encontro. Pois, a concretização do desejo não deixa margem à expansão platónica que o impedimento transfere ao poder da imaginação, que tudo imacula na sua virgindade idílica. Apesar de que será sempre um prazer abstrato, aquele cuja saudade traz ao amor quando este não é fecundado.

Tanto que, Eleanor traduz muito do que é a tentação do homem em relação à mulher. O desejo em incumprimento que não levanta margens à defetividade humana, que se vê nua perante a satisfação capaz de levantar o véu sobre as expectativas endeusadas do ato sexual. Note-se, no entanto, que na obra de *Marânus* assiste-se a uma fusão destes dois universos paralelos. Aquando da consumação física entre o protagonista e a Pastora que se encontra dominada pela energia mítica de Eleanor.

Destaque-se ainda, a estruturação da obra e como esta arquitetura poética influencia a interpretação do romance, como tal. Dado que, Teixeira de Pascoaes adapta visivelmente os processos de progressão da narrativa que acontecem na literatura, por

tradição aquando de um texto narrativo em forma de romance, mas neste caso ditando a sua diegese em verso. Uma escrita original que lhe permite tornar o poema mais apelativo aos leitores, que se veem entrelaçados na rede costurada pelo autor que os prende à história como um pescador que os resgata de andar à deriva no mar. Pois, o que Pascoaes afinal prega é a cultura da natureza, por vezes muito mais ainda do que da doutrina saudosista. Situando a personagem de Marânus nas profundezas da Serra do Marão que se transforma quase como um local de culto para o seu estado de espírito introspetivo, naturalmente filosófico no que concerne à sua constante melancolia. A natureza ressalta pela concordância que atinge com a paisagem interior do homem que nela se identifica, sendo que também através dela emerge a voz da musa Eleanor que tanto o encanta. Tal como diz o narrador: “E Eleanor, estendendo a mão direita,/ Apontou-lhe o horizonte montanhoso,/ De onde a florida aurora nos espreita,/ Por entre névoas de íntimo fulgor.” (Pascoaes, 1990: 25).

Ali se estabelece o refúgio primordial à condição do afastamento da sociedade corrompida, que lhe entorpece os sentidos que na natureza se tornam muito mais apurados. Assim, absorvendo a sensibilidade saudosista, tão inerentemente portuguesa. Sendo por isso, Marânus a representação personificada da essência espiritual do chamado ser português. Passo a citar: “Bem-amada paisagem! Pátrio ninho!/ Serrano coração de Portugal,/ Velha província de Entre-Douro-e-Minho!” (Pascoaes, 1990: 31). Uma terra interior no norte do país, na qual o cerne do seu povo se manifesta por entre as ramagens que ali se espalham e pelas veias dos seus próprios habitantes, que tal como Marânus dominam uma compreensão superior no que diz respeito à saudade. Assim, constando naquele lugar um fenómeno capaz de presenciar uma aparição tão lucida quanto a de Eleanor. Equiparando-se a silhueta avistada pelo homem que vagueava pela montanha, à energia sensual de uma melancolia agridoce que palpita ainda hoje nas entranhas destes que aqui vivem. Uma alegria em ser-se triste, que pela sua contradição tão dificilmente se define.

Deste modo, o autor Teixeira de Pascoaes apela à sua simbologia e significado patriótico da Saudade, através da experiência dramática vivida pelas personagens do romance em verso. Tanto que a ciclicidade do tema é denunciado pela renovação carnal atribuída ao descendente de Marânus. No momento, em que o encontro de Marânus com a possessão da saudade se sucede por vias da tensão despoletada ao ver passar a vívida pastora. Ainda que mesmo não se tratando de Eleanor, certo é que tinha a seu favor os atributos físicos capazes de gerar uma nova vida e de cativar a atenção pecadora do homem. Assim, o filho de Marânus converte-se numa espécie de filho predestinado da pátria, da saudade e da própria terra Marão, que em solo fértil e

materno, nas colinas da sua Serra deu vida ao futuro saudoso que pregará olhando as pegadas de seu pai. Nos trilhos um dia remexidos pela inquietação de que foi feito, que o educarão por intuição própria a sentir saudades do antes e do depois. Passo a citar: “Amo-te desde o vale pequenino / (...) Amo-te, desde a neve imaculada / (...) /Amo-te, ó grande serra maternal / (...) Amo-te desde as fragas do teu seio” (Pascoaes, 1990: 37).

Desta forma, o nascimento confere à cronologia da narrativa, um plano distinto que permite a elucidação temporal relativa aos cantos do poema. No sétimo, aquando do momento coital que permitiu a gestação deste fruto divino, inicia-se a contagem de praticamente um ano até ao seu aparecimento. Isto é, tendo em consideração o tempo necessário à gestação da criança no ventre sagrado da mulher, que como se sabe dura cerca de nove meses até concluir a sua formação. Durante esse período, observam-se inúmeros episódios de encontros de Marânus com diversas entidades ou personagens que contribuem para o entendimento geral da obra. (Franco, 1997: 39) Como por exemplo, foi o caso de Dom Quixote, figura emblemática da literatura espanhola provavelmente por influencia da sua lidação e amizade com Miguel Unamuno, colega do país vizinho com um profundo conhecimento sobre a literatura ibérica. Assim, Pascoaes busca resgatar um certo estado de espírito saudoso que se partilha com a região galega, talvez pela proximidade territorial com o chamado berço de Portugal.

Tudo isto claro, a par da gravidez virginal que se ia compondo a seu ritmo. Ao som do compasso dos episódios narrativos, que pela sua liberdade independente em relação ao resto do conteúdo do poema, se equiparam pela estrutura que representam a uma certa semelhança com a tipologia épica. Não se imiscuindo com a história paralela principal que retoma, após a sucessão de encontros, a aparição etérea da Saudade com a conseqüente chegada de um discípulo fruto dessa união física e espiritual que afeta a condição humana (Franco, 1997: 39).

Concluindo, Pascoaes coloca uma qualidade espacial e temporal extraordinária no poema, que enriquece a história de Marânus. Não só através do sentido estético, mas como sendo dois fatores fundamentais para a construção de uma narrativa verosímil, devido ao encaixe gestacional a que se assiste, ao longo dos cantos que antecedem o anúncio, criando um advento desde a troca de afetos fisiológica, da qual resulta a conceção do filho da Saudade, até ao seu nascimento e por aí adiante. Por fim, culminando no seu crescimento, enfim já maduro. Dado que, prontifica a elevação da alma de Marânus ao descanso eterno, junto da sua saudosa musa Eleanor. (Franco, 1997: 40). Assim contemplando-se o clímax da obra, que alia várias crenças lançadas

ao longo dos passeios pela Serra, para além da devoção à filosofia da Saudade. Sendo por isso, credível associar este brotar de uma criança, que emana a luz natural da vida ao contraponto do fim, como forma de reivindicar o messianismo que daí se denota. Tornando esta dádiva divina num profeta da religião de Teixeira de Pascoaes. Não necessariamente católica, a meu ver, mas sobretudo pela fé inabalável que transparece nas suas criações literárias. Muito mais vincadas no ato de crer em Deus, e no imaginário do cenário arquétipo do pós-vida, do que propriamente em pregar uma doutrina para além do Saudosismo. Passo a citar: “Na sua essência viva e misteriosa./ Ouve aquela palavra, que é Saudade./ Verás como traduz a tua raça,/ No que ela tem de funda intimidade!/ Religiosa, mística, infinita!” (Pascoaes, 1990: 10). Portanto, transformando a saudade num sentimento muito mais aprofundado do que aquilo que havia sido até ao momento. Em tom de um vislumbre abstrato, quase por si só um messias em forma de vocábulo, capaz de resgatar o orgulho e a essência lusitana há muito perdida. Relevando características vertebrais à capitulação de uma fé, uma vez que presenteia os seus beatos com a esperança insaciável aliada à lembrança do passado, com tudo aquilo que lhe trás à memória de doce e amargo. No fundo, Pascoaes traz à sua modernidade uma reflexão acerca do verdadeiro significado da Saudade. Tal como descreveu em *Marânus* a personagem de Eleanor, a saudade: “Era a imagem do sonho e do mistério.” (Pascoaes, 1990: 38).

Também será evidente na obra de 1911, a sua quase mentoria acerca do assunto para outros grandes nomes da literatura portuguesa, por exemplo como se revelou em Fernando Pessoa, principalmente aquando deste ter publicado a obra a *Mensagem*. Assim, proporcionando-se uma maior evidência durante esta passagem da sua carreira, pois ao transparecer de forma mais vincada a assimilação da influência que arrecadou de Teixeira de Pascoaes. Porventura através do mito da Idade de Ouro e do Sebastianismo, muito antes de Pessoa, já mencionados por Pascoaes na obra de que falamos protagonizada pela personagem de Marânus. Assim, a saudade manifesta-se pela falta dos dias passados na infância, outrora quando vivia feliz na sua inocência pura específica daquela idade, a chamada Idade de Ouro. Passo a citar: “O seu busto perfeito. Um primitivo/ Ar inocente e agreste lhe aquecia / A brancura da testa. E, nos seus olhos/ Dum negro sério e místico, sorria/ A infância, a idade de ouro. E sua virgem,” (Pascoaes, 1990: 14). Uma nostalgia impossível de recuperar, pois não haverá novamente esse olhar curioso sobre o mundo e sobre as coisas que o rodeiam. Onde Marânus descobriu um dia a beleza da sua “Montanha de ouro e rosas e purpurinas!” (Pascoaes, 1990: 37). Um amor que haveria de o acompanhar para sempre, carregando consigo o peso da neblina que se sentia nos vales daquela natureza que transpirava

solidão e saudade. Local onde viria mais tarde, em tenra idade desfrutar do encontro com Eleanor. A alma que espelhou o seu íntimo atormentado, que sozinho caminhava em busca de se encontrar consigo mesmo.

Por último, a Saudade em *Marânus* fala abertamente por meio da sua pseudo personificação feminina sobre a dificuldade em definir o seu estado de espírito que se manifesta no Homem. Sendo este um obstáculo à sua compreensão, pois tão depressa anima a disposição como lhe faz lamentar a perda que lhe a turva os olhos daquela que deveria ser a gratidão de sentir saudades de algo ou alguém. Tal como passo a citar: “E Eleanor, sorrindo: “Eu te perdoo/ Essas loucas palavras que disseste./ Tu viste-me,/ e não sabes quem eu sou./ Assim tenho vivido incompreendida.”(Pascoaes, 1990: 24).

II. Pascoaes na obra *Regresso ao Paraíso*

Como já havia referido anteriormente, Teixeira de Pascoaes terá desenvolvido desde a sua partida para Coimbra uma sensibilidade particular no que diz respeito à temática da saudade. Sendo este um episódio da sua vida pessoal que lhe marcou especialmente, pela nostalgia que a ausência da sua terra lhe provocou na época em que ainda se graduava. Afastado das suas raízes transmontanas, o jovem Pascoaes apurou este estado de espírito que tanto evitava como procurava experienciar, através do isolamento a que se viria a propor mais tarde em Gatão. Dando origem ao título que acharia por bem apelidar a sua obra de 1912, *Regresso ao Paraíso*, um pouco como o seu regresso a casa lhe terá feito sentir ao ter de volta ao ar puro da montanha. Assim, passo a citar Leonardo Coimbra, referindo-se a Teixeira de Pascoaes na revista *A Águia*: “E o Poeta adquire (liberta?) um poder de visualização evocadora do ausente, que ficará para sempre a marcar a íntima fisionomia da sua obra.” (Coimbra, 1922: 52). Contemplando ainda o mesmo no percurso biográfico do poeta de Amarante, uma crise saudosa que sucede somente após o abandono da sua terra natal, vindo este estado de alma a pronunciar-se mais tarde no seu olhar inquieto sobre o contraste estático da sua paisagem (Coimbra, 1922: 52).

Ainda antes de avançar para a análise do poema *Regresso ao Paraíso*, será importante realçar o contexto histórico da literatura moderna em que esta publicação se insere, e por conseguinte sobressai. Uma vez que se trata de uma obra que reflete a interpretação pessoal do olhar saudoso do autor Teixeira de Pascoaes, sobre a criação de um estilo literário renovador da identidade do género épico (Garcia, 2008:4). De estrutura que se diria obsoleta para a época, que tinha como objetivo o afastamento de toda essa retórica aristotélica que se diria, amarrava a criatividade espontânea do poeta

por culpa das regras que lhe opunha à liberdade de expressão artística. Uma métrica que prevê um número específico de cantos, de tipologia rimática, entre outros.

Ora vejamos que a modernidade atribuiu ao Homem uma conceção individual, centrada no seu ego e na emotividade por detrás das questões generalistas existenciais. Conjectura que prevê aquilo que mais tarde viria a surgir o dito Romantismo, segundo a teorização da literatura. Portanto, uma situação que coloca a poesia na de se adaptar à nova tendência, que mais recaí para o lirismo, que praticamente se apropriou da totalidade da poesia. Nela protagonizando as angústias e tragédias pessoais, no lugar da mitificação do herói coletivo. Agora diminuído pelo confronto com o Homem, enquanto ser amplo que é em virtude da complexidade que nele mesmo incorpora, sem necessitar de uma pátria para o acompanhar nessa batalha que supera aquela que se passa no exterior. (Garcia, 2008: 8)

Neste romance em verso, será evidente o progresso que a poesia de Pascoaes atinge após a obra de *Marânus* publicada somente um ano antes. Revela-se portanto, a urgência com que o escritor se inspirava para resgatar a saudade portuguesa do contexto moderno que a ameaçava fazer definir junto dos modelos europeus pré-fabricados, sem qualquer tipo de alma naquilo que se apressavam a imitar. Demagogicamente influenciando as massas a descartar qualquer vestígio de portuguesismo, como se de um defeito se tratasse a referenciação ao passado histórico da própria nação.

Assim, Teixeira de Pascoaes enclausura-se entre aqueles que melhor o compreendem, os elementos naturais que despertam para o seu espiritualismo pagão. Isto é, para a doutrinação de uma fé muito para além daquilo que se conhece como cristianismo, pela qual Pascoaes suporta as questões teológicas em que se baseia para a constituição da narrativa que leva Adão e Eva a procurarem o caminho de volta ao paraíso. Numa caminhada em que a lembrança e a saudade serão a principal bússola desta aventura, em que o esquecimento andarão de mãos dadas com o castigo de Satã às almas que lhe chegam ao inferno. De tal forma, que a memória atua enquanto agente desbloqueador da purificação do homem, enquanto pecador que vê perdido entre o cenário caótico de labaredas, lamas e mares a transbordar de espíritos que a maré de azar ali os trouxe. Conforme Leonardo Coimbra analisa, como sendo um romance: “Lírico tocado da beleza pagã; lírico procurando o equilíbrio do paganismo com o cristianismo; lírico entornando sobre a natureza todas as riquezas da sua alma, onde as recordações se libertaram.” (Coimbra, 1922: 52).

Nos primeiros sete cantos do poema a problemática é apresentada num curto espaço de tempo, colocando as duas personagens principais Adão e Eva na tentativa de regresso ao Paraíso. Uma lembrança que em tudo contrasta com o ambiente descrito, no qual ambos se situam e movem a caminho do perdão. Assim, tratando-se este cenário de uma tentativa de aproximação dantesca, daquele foi o primeiro dito Inferno da literatura portuguesa caracterizado segundo o olhar de Pascoaes. (Franco, 1997:47). Tendo sido por excelência da sua obra, a primeira ocasião em que na literatura portuguesa se pinta um quadro com tanta dedicação acerca deste vislumbre distópico no qual se encerram as almas que não têm lugar no céu. Isto é, do ponto de vista da religião católica que distancia os dois destinos possíveis, conforme o comportamento em vida. Evidenciando a dualidade da reprimenda através da recompensa ou do castigo do homem. Portanto, claramente uma narrativa que evoca todo o instinto de crença inerente ao trajeto introspetivo do próprio poeta que catapulta essa mesma filosofia para sua poesia. Assim:

“O *Regresso ao Paraíso* é o ponto culminante da poesia da Pascoaes. As sombras encontraram o perfeito acordo com a luz, as emoções diretas casaram-se docemente com as emoções de ordem especulativa, de modo a dar uma obra completa e harmoniosa.” (Coimbra, 1912: 197)

Segundo a análise temporal do romance, o autor terá deixado ficar alguns rastros que permitirão ao leitor contextualizar cronologicamente a demandada para o Inferno de Adão e Eva, após as respetivas mortes na Terra. Sendo um momento crucial para esta atribuição secular, as aparições de certas almas como de Mouzinho, Antero de Quental, Eça de Queiroz e até Camilo Castelo Branco, no mar infernal onde repousam figuras magistrais da nossa história que ali permanecem em lume brando à mercê do esquecimento a que foram sujeitas pelos seus pecados. Assim sendo possível afirmar que o romance em verso decorrerá seguramente no início do século XX, tal qual como na data da sua publicação. (Franco, 1997:47).

Um posicionamento que não será casualidade, uma vez que como se sabe Teixeira de Pascoes demonstra-se tremendamente ativo nas suas manifestações acerca do período controverso na cultura e política nacional. Metaforizando-se este regresso naquilo em que Pascoaes acreditava ser a verdadeira chave para o iluminar da viragem do século. Encontra na saudade muito mais do que uma palavra, mas uma forma de estar na vida que acompanha involuntariamente todos os portugueses no seu subconsciente. Uma filosofia de um povo órfão de um destino interrompido pelo desaparecimento de seu El-rei Dom Sebastião, sangue real ainda praticamente vivenciando a sua Idade de Ouro. Passo a citar:

“Olhai a sua cor inédita! Aquela frescura aprilina dilui todas as falsas tristezas do desânimo. Olhai a sua melancolia feita de vida e não de morte; é a melancolia da Saudade, que é tão só a concentração do Espírito apreendendo-se no drama da sua essência. É D. Sebastião que volta!” (Coimbra, 1912:199)

No seu conjunto, fatores culturais que criam a atmosfera ideal para a difusão desta compulsiva adoração perante o poder da lembrança e da memória, que em *Regresso ao Paraíso* atuam como fio condutor para Adão e Eva. Personagens representativas da fragilidade humana, criadas pelas mãos divinas de Deus, que sucumbem ao braço de ferro com Satanás corrompidos pelo desejo da tentação. Envolto numa cegueira que somente a saudade seria capaz de curar, apelando aos sentidos torpes envolvidos pela ausência que a falta de nostalgia provoca no ser, deixando-o num estado vazio, apelativo às forças malignas. Sendo assim, a saudade interpretada como uma forma simbólica de Deus declarar a sua presença no fundo da alma humana. Lembrança enquanto luz, pelo amor que as recordações propiciam àqueles que a ela se expõem com tudo o que de doloroso o amor também implica. Pois, como é conhecimento geral a paixão alimenta-se da saudade, da falta do outro, do imaginário fantasioso que esse reencontro passa a significar. Na obra de Pascoaes, note-se a primeira referência acerca da saudade: “Olhai sereno rosto, que a Saudade / Moldou em formas mortas que ressurgem...” (Pascoaes, 1912:13). Sentimento que surge vincado nas marcas da face de Adão, feições fruto de Deus que se materializam no corpo e no coração do homem.

Além de que *Regresso ao Paraíso* servirá para a constatação da importância da saudade, enquanto filosofia e autorretrato de uma sociedade portuguesa, que à data do lançamento da obra, atravessava uma crise existencial e de identidade catastrófica. Tornando-se o discurso do autor como que um dialeto próprio emotivo que reflete a originalidade do espírito lusitano, no modo como inventa sucessivamente diversas formas de sentir saudade. Assim, o vocábulo ganha por vias do discurso poético de Pascoaes, a credibilidade para defender a seu lado criador da essência. Passo a citar: “A dialética intranha, emotiva e criadora da realidade é a Saudade, forma lusitana da Criação.” (Coimbra, 1912:198). Um ciclo de regeneração sem fim, será aquilo que Pascoaes tenciona promover através da evolução das suas personagens, como é o caso de Adão. A figura mais representativa do todo que é a humanidade, que serve de exemplo em como a salvação ainda será possível reconquistar. Isto se o povo português estiver disposto a recuar às suas memórias e levantar delas o seu próprio pensamento crítico e artístico, que tem por mérito uma dívida incalculável para com o vocábulo saudoso. Sem nunca separar estes dois elementos que se fundem num só apenas, pois um existe porque o outro o sente e o proclama, apregoando-o nos seus versos, na sua

História e na sua forma de estar, mesmo que renegando o Saudosismo com todas as forças que o racionalismo lhe permite.

Daí que, a saudade será aquela que acorda Adão do seu sono amnésico, por culpa talvez do embalo que o esquecimento é capaz de provocar no momento de suportar a dor. Realçando-se o facto de que lembrar apesar de ser doloroso, também tem um lado controverso muito mais forte do que a negatividade a que lhe associam, pois desta memória afetiva emerge a esperança e a vontade de reconquistar os dias anteriores que estão agora perdidos, no limbo da saudade.

Tanto que, se assiste ao longo do romance uma erupção interna vinda da lembrança dos dias que Adão passava ainda no Paraíso. Situação que culmina remexendo-lhe com a consciência do espírito. Naturalmente, fazendo deste um ser renovado com novas ambições que não passavam pela sua domesticação satânica. A saudade cresce no momento da lembrança, ganhando vulto até ao ponto dessa mesma se tornar numa nova fé, conduzida por um Deus maior do que aquele que Adão seguia antes de ser castigado. Sendo este Deus um homem de sangue quente, comum à semelhança de todos os mortais, que sonharam com o seu regresso. Na esperança de que chegasse o dia, em que a sua sombra viesse salvar a miséria de Portugal. Um país que desde que perdera o seu Infante, se sentia órfã, sem rumo, nem moral que a defendesse dos próprios saudosos insatisfeitos por natura (Coimbra, 1922: 55).

Portanto, indiscutível a mancha saudosista que se espalha ao longo dos versos de todo o poema. Sendo a sua referência uma constante nas adjetivações de Pascoaes. Um vocábulo que se faz notar tanto pela sua importância descritiva dos acontecimentos, como pela graduação que ocorre em relação ao seu significado. Primeiramente, associado à memória de um Paraíso distante outrora vivido. Segundamente, enquanto nova fé, nova religião de um homem reconstruído. Saudade passará a transportar consigo uma tradução muito superior à ausência querida sobre o passado distante. A sua lembrança estará pousada no futuro, na esperança, na necessidade de renascença. Tal como o nome indica, um movimento revolucionário que segundo o Poeta teria que ser fundado nos seus antepassados virtuosos, que representaram a essência da portugalidade. Assim, Adão torna-se como que a personagem figurativa de um povo, cuja pátria se perdeu pelo caminho. Tal como acontece à semelhança de Portugal, tendo sido a obra de Pascoaes interpretada à luz das suas convicções sobre o que se adivinhava ser a futura realidade da nação. Deslocada das boas memórias e órfã da sua própria história, tal como Adão e Eva que se perderam ao deambular sobre o solo escaldado do Inferno de Pascoes.

Concluindo a minha reflexão acerca de obra *Retorno ao Paraíso*, no contexto da saudade. Penso que será essencial diferenciar aquilo que segundo o autor é o sinónimo de punição épica e recompensa. Uma vez que a memória atua enquanto elemento difusor dessa transportabilidade entre o Céu e o Inferno. Pois, no último a amnésia contém todo o poder de submissão e entrega da alma, que se vê desamparada quando não sabe onde pertence e aquilo que já passou. Uma ignorância que ao mesmo tempo protege aqueles cujo significado da saudade desconhecem, mas que em contrapartida lhes retira a mais fabulosa experiência do ser humano. A lembrança de algo que se teme não conseguir recuperar, a dor agridoce da consciência da efemeridade do momento, e da própria condição mortal adjacente ao Homem. Portanto, um misticismo que acompanha toda esta relação com a saudade dos protagonistas do poema ao longo de toda a narrativa. Passo a citar: “E a mística Saudade, a Virgem nova, / Mãe dum novo Deus, / Apontou-lhes, num gesto de piedade, / Nas neblinas do longe, esse lugar / Onde existiu, outrora, o Paraíso.” (Pascoaes, 1912: 54). Como se a saudade se apropriasse do próprio corpo carnal, oco sem a sua presença divina, que o conduz a estados de espírito extasiados pela fome de recordações roubadas pelo tempo. Cenários vividos de aromas, de sabores, de sensações que se apoderam das pobres carcaças a quem a paz do Paraíso foi arrancada.

De certo modo, envergando um certo tom nupcial no que concerne ao seu íntimo estágio com a chegada da Nova Era, do pensamento moderno descrente da riqueza que a saudade portuguesa nutre. Um vocábulo que reencarna nas personagens de Teixeira de Pascoaes, através do olhar que estas alcançam sobre a sociedade que abandonaram no momento em que foram recolhidos ao submundo de Satanás, à semelhança de Dante, inspirado nas profundezas do subsolo terrestre em erupção. Lugar onde a luz não alcança espaço para se pronunciar, a não ser claro, através do sonho. Traduzido pelo desejo saudoso de reavivar aqueles dias tão bem passados um dia, antes da tentação lhe cair em cima e terem sido expulsos do Paraíso. Uma materialização justificada pelos versos que Pascoaes escolheu para descreve-los: “E ao luar, que revela aparições, / Fantasmas e visões, que a noite cria, / Seus corpos eram feitos, / Não de carne atual, presente e viva / Mas da própria matéria da Saudade.” (Pascoaes, 1912: 59).

Uma constatação que se levanta, até pela voz do pensamento crítico de Leonardo Coimbra, como é o caso da corrupção das almas, através do esquecimento imputado pelo sono hipnótico, que caracteriza a ação dos demónios. Pois, tendo sido estes enviados para afastar o homem de Deus. Adotando assim, a teoria de que a Saudade se aproximou dos homens pela falta que lhes deixou ao roubar-lhes Jesus das

suas vidas térreas. Sendo a paixão de Cristo, o principio da saudade que havia de tocar o coração daqueles que se deixassem levar pela sua devoção, levando a que a saudade fosse o único caminho para o seu encontro. (Coimbra, 1922: 57)

Claro que, toda esta reflexão obriga a uma leitura sobretudo centrada no espírito filosófico da obra muito mais do que qualquer outra vertente romântica focada na viagem propriamente dita de Adão e Eva de volta ao paraíso. Talvez por isso, sendo tão relevante salientar a intencionalidade dos simbolismos em torno desta criação de contornos tanto ou mais épicos do que Camões havia escrito anteriormente. Salvaguardando-se muito mais nas palavras Pascoaes, na forma como se dirige aos portugueses, pois enaltecendo-os indiretamente. Através de menções aos grandes nomes que fundamentam os pilares da cultura saudosista que corre intrínseca no sangue daqueles que se dizem lusitanos. Passo a citar: “E D. Pedro Primeiro, perseguido / Pelo espectro do Amor e da Justiça. / Seu cabelo revoltado era dum doido; / E seus olhos febris, se descobria / Essa imagem fantástica e vivente, / Da Defunta, sentada sobre um trono.” (Pascoaes, 1912: 29); “E voaram sobre as ondas de Camões, / Essas verdes, oceânicas estrofes, / Rimando em velas brancas de navios...” (Pascoaes, 1912: 74). Uma vez que ao contrário de Camões, o seu contemporâneo tinha em mente uma transformação muito mais ambiciosa sobre o pensamento que a sua leitura deveria gerar aos seus recetores. Sendo por excelência esta uma ode não aos feitos já alcançados, mas sim às possíveis conquistas que a saudade poderá trazer se recuperada pelos intelectuais. Representando a revolução filosófica do novo olhar com que se vislumbra o passado. Apelidado por Leonardo Coimbra como pensamento criacionista, pela sua génese reprodutora de uma invulgar capacidade de inversão de mentalidades. Passo a citar: “Sob este ponto de vista, aliás central e basililar do poema, é o Regresso aos Paraíso uma obra que eu de acordo com o batismo do meu próprio pensamento filosófico chamo criacionista.” (Coimbra, 1922: 55).

Por último, os versos dedicados ao Saudosismo serão a evidência da novidade voltada para o luminismo esperançoso da saudade muito mais Sebastianista do que qualquer outra: “Era a cruz da alegria e da esperança. / Em vez da negra cruz do sofrimento.” (Pascoaes, 1912: 71). Tornando-se uma doutrina capaz por si mesma, pela força de projeção sobre o futuro que passa a açambarcar pela sua visão do mundo. Numa época em que o combate entre o Homem e o mal do esquecimento está mais à flor da pele do que nunca: “E Adão, na renascença do seu ser / Humano e original, – o homem novo, / Que tentava vencer e dominar / O demónio que, nele, se entranhou;” (Pascoaes, 1912: 68). Conclusão que viabilizará a atitude do movimento da Renascença Portuguesa, não sendo mero acaso a expressão utilizada para adjectivar a mudança com

que Adão se debatia. O espírito superior ao dos restantes homens, analfabetos de alma que muitas vezes não sentem com o coração e pensam somente através da lógica aquando de encontrar soluções, pragmáticas e inóspitas de fé. Passo a citar: "Eu sou o Homem; mas eles são os homens... / Eles são o Animal; eu sou o Espírito! / Posso falar, diante de ti sem medo. / O Homem fala, rosto a rosto, a Deus!" (Pascoaes, 1912: 152).

Aliás, tal como todos os versos de Pascoaes são propositados nesta obra em particular, que dignifica o seu percurso poético até aqui traçado. Num crescendo deveras genial, colocando-o no pedestal de homem visionário que honra simultaneamente a conceção de passado e de futuro, apesar do rompimento necessário com as camadas a apodrecer na sociedade sedenta de modernidade. Pensamento que se verbalizaria nos versos com que termina a sua obra, voltado para o sonho de redenção, "Concluindo a imperfeita Criação, / Que Deus iniciara..." (Pascoaes, 1912: 179).

V – O Saudosismo em Portugal no início do séc. XX

I. A Renascença Portuguesa

Recorde-se que a saudade será um assunto de especial relevo para os meados do início do século XX. Altura em que o país atravessa um crise de identidade, deflagrada pela instabilidade política que se sentia há várias décadas. Dado que priorizava a necessidade de redescobrir o que seria, de facto a essência portuguesa, o que simbolizava para o estrangeiro ser português, e as características que diferenciavam este povo dos restantes. Pois, afinal é a agregação de todos esses mitos, histórias, dialetos e folclores que se trata a cultura. O conjunto de qualidades, defeitos e feitos que constituem os contornos da personalidade da população do território que nele se instaurou.

Assim se inicia a reabilitação da alma saudosa, por meio do patriotismo intrínseco na filosofia de Pascoes. Pois, uma vez que a saudade já se encontrava adormecida nos lençóis seareiros, mesmo antes destes terem o seu próprio portal de propaganda pública. Que mais tarde haveria de resultar na publicação da revista *Seara Nova*. Uma sombra que haveria de surgir à retaguarda da pioneira revista *A Águia*, como mais adiante será esmiuçado no capítulo seguinte dedicado à fundação da mesma.

Sendo este, o pano de fundo à criação do movimento cultural Renascença Portuguesa, originalmente fecundada em 1912 ao abrigo de uma união de intelectuais que apresentavam propostas ao desenvolvimento nacional. Isto é, num “momento crucial em que se dava a queda da monarquia e a proclamação da República, no movimento anímico, na alma viva da escolha do novo regime político português.” (Cândido Franco, s/d). Em consequência de todas estas alterações político-sociais, enxergavam-se momentos de euforias e exaltação patriótica que olhavam para o futuro do país com visões completamente opostas, no que dizia respeito à relação que Portugal haveria de ter com o exterior. Recorde-se que, por coincidência ou não, tanto a Renascença Portuguesa como a República Portuguesa são constituídas pelas mesmas iniciais (RP), podendo simbolizar um sinónimo acronímico em função das expectativas que se guardavam para este novo século pós-monárquico. Onde a liberdade de expressão e o individualismo enquanto seres pensantes, eram pontos revolucionários em comparação com a penumbra que se vivia ao amparo da governação hereditária, característica do regime anterior.

De assinalar que a publicação da revista *A Águia*, teve também uma função complementar à divulgação desta nova sociedade, sendo que participou ativamente na divulgação dos estatutos anunciados em primeira mão em dezembro de 1911. Tendo

sido constituído o grupo original por nomes como: Álvaro Pinto, António Carneiro, Augusto Casimiro, Augusto Martins, Cristiano de Carvalho, Jaime Cortesão, João de Barros, Mário Beirão, Leonardo Coimbra, Raul Proença e, como não podia deixar de ser o próprio pai da saudade, Teixeira de Pascoaes. Núcleo que se tinha preocupações comuns relativamente aos segmentos da cultura, da arte e da educação. (Cândido Franco, s/d.)

Salvuarde-se também a integração neste grupo do nome de António Sérgio, personalidade antagónica da teoria da saudade cimentada por Pascoaes. Dando origem a um dos debates mais enriquecedores que já se assistiu na cultura portuguesa, relativamente ao tema saudosista. Discussão que será aprofundada mais adiante, neste capítulo dedicado ao início do século XX.

“António Sérgio também tinha estado na fundação da Renascença Portuguesa e colaborado com *A Águia* e pese embora a admiração que nutria pelo trabalho poético de Teixeira de Pascoaes, desferiu duros golpes contra a Saudade, reduzindo-a aos instintos mais primários e o saudosismo à vinculação de um povo ao passado que se queria ultrapassar por ser um obstáculo ao progresso que se buscava.” (Manso, 2017: 93)

Assim, se apresenta o antagonista da saudade em Portugal. António Sérgio, o homem que defende o pensamento lógico e a racionalidade, próprias da doutrina progressista que apontava como solução para o marasmo que se vivia há muito no país. Sendo por isso, necessário a seu ver, voltar costas a tudo o que dissesse respeito ao passado e às lembranças nostálgicas dos tempos gloriosos, que já se encontravam muito distantes da gente que habitava a desgraça precária em que a nação sobrevivia. Um erudito que analisava através da lógica os números que se lhe apresentavam, tratando por vezes de forma ingrata a literatura, pela qual ele também partilhava um certo gosto. Mas, uma paixão que achava não ser contundente com as matrizes que acreditava serem o alavancar da prosperidade económica, política e cultural. Sendo óbvio pelas suas palavras, o temor que a saudade lhe provocava. Tratando-a quase como se tratasse de um fantasma bafiento vindouro do passado.

Apesar da diversidade dos membros que compunham a Renascença Portuguesa, juntos convergiam na procura de reerguer a nação após a mudança do regime monárquico para o republicano. Uma oportunidade que surge através do campo político para alterar o modo de estar da sociedade que por este agora se rege, num panorama novo e bastante mais democrático, que conseqüentemente trará uma nova realidade ao país. Assumindo os problemas que têm urgência em ser resolvidos, como um crescimento económico que permita o desenvolvimento de uma política voltada para questões pedagógicas e culturais, que resultavam num retrocesso geral em relação ao

resto da Europa. Sendo que, uma das principais causas da Renascença Portuguesa era a construção de uma reforma educativa, que fosse capaz de alfabetizar o povo de forma a torna-lo um membro participante ativo na vida política e cultural. Objetivo que demonstra o carácter cívico por detrás desta fundação de intelectuais, sediada no Porto. (Cândido Franco, s/d.)

Recorde-se também a revista, de número único, intitulada de *A Renascença*. Edição de apenas dezasseis páginas, sobre as quais os mais variados autores desde Sá-Carneiro, a Fernando Pessoa, deram voz às suas ideias revolucionárias para a nação que embalavam agora, no seu berço renovado. Aliás, todas estas publicações artísticas lançadas durante este período da história de Portugal, têm por bem o despertar para a nova corrente moderna que estava por vir. Claro que, como já havia sido dito, essas visões nem sempre acordavam em tudo. Uns mais radicais, outros menos extremistas. Mas, concordando sempre na necessidade de virar a página, com vista a construir algo valioso que refletisse o verdadeiro potencial do país.

Aliás, repare-se:

“Renascença é, claro está, uma palavra sintomática. O desejo destas publicações iniciais do Modernismo Português, seja qual fosse o seu tom político e estético, era tentar modernizar a cultura portuguesa e fazê-la renascer na nova era republicana.” (Marques, s/d.)

Concluindo, a divulgação desta revista que se haveria de ficar pela sua primeira edição, ficaria conhecida pelo usufruto de alguns pseudónimos utilizados por membros do movimento cultural (Marques, s/d). Aliando-se sobretudo, de forma mais continuada a um outro meio de comunicação o movimento da Renascença Portuguesa. Assim, naturalmente associando-se à revista *A Águia*. Onde a maior parte dos seus participantes já integravam o núcleo renascentista que pretendia expressar as suas reformas para o país, e por conseguinte criar correntes favoráveis às suas ideologias. Neste sentido a revista serviu como propaganda a muitas das polémicas que corriam dentro da Renascença, sendo talvez o caso mais famoso e também mais pertinente para o tema do saudosismo: a polémica de António Sérgio e de Teixeira de Pascoaes. Que será aprofundada mais adiante, avaliando os argumentos de cada um, neste debate memorável acerca da saudade em Portugal.

II. As Revistas Portuguesas: *A Águia* e *Seara Nova*

Nas primeiras décadas do século XX, emergiram derivado da situação política em Portugal, diversos movimentos revolucionários com tentativas ativistas de modernizar a

mentalidade portuguesa. Havendo sido palco de todas estas explosões artísticas, o principal meio difusor da época: as revistas literárias e artísticas. Como por exemplo: *A Águia* (1910), *Orpheu* (1915) e a *Seara Nova* (1921). Cada uma, com o seu propósito de reivindicação sociocultural, e também político, principalmente no último caso.

Uma diversidade que cresceu naturalmente, apesar de terem em comum a fundação da Renascença Portuguesa, intimamente ligada às publicações d' *Águia*. Revista esta que representava sobretudo o pensamento de Teixeira de Pascoaes, numa perspetiva mais moderada em relação aquilo em que acreditava ser a modernização do país. De tal modo, que não encontrava razões que fossem plausíveis para o afastamento de certos elementos. Sendo esta separação tão simbólica quanto corrosiva, no estado caótico em que se encontrava a vida política do país, na qual a preservação da ordem e da união seriam valores a estimar. Pois, ainda que houvessem opiniões divergentes, o benefício da discussão recairia sempre para o povo português. Isto é, desde que o seu crescimento estivesse no foco da intencionalidade dos discursos. Ao invés da guerra de egos em que se vivia, que só fomentava a divisão do povo e o incentivo ao ódio.

Pois, Pascoaes sonhava com esta comunhão da cultura portuguesa entre o passado e o futuro, juntos no presente. Este era para si o verdadeiro significado da Saudade. O olhar introspetivo sobre a alma lusitana, que reivindicava um orgulho patriótico há muito perdido, como a chave para a reencontro da sua essência. Sendo que não lhe fazia sentido construir algo sem alicerces, sem coesão com aquilo que existe na genética de um povo. Tornando-se por isso, algo insípido a seu ver. Daí que o Saudosismo tenha surgido como uma ponte, que visava trazer de volta a lembrança aliando-a à necessidade de renovação da cultura portuguesa.

Passo a citar: “Ahi está o que é o “Saudosismo”, nada incompatível com o moderno espírito europeu, mas antes acompanhando-o, embora sem poder o seu perfil inconfundível” (Pascoaes: 1912, 114). Contudo, nem todos concordavam com essa possibilidade, como foi o caso dos seareiros. Certo será afirmar que Teixeira de Pascoaes, foi sem dúvida um visionário para a época. Pois, a globalização que se vive atualmente era um male que temia, fazendo-a adivinhar por conta dos estrangeirados sem limites, que se debatiam com o saudosismo na *Seara Nova*.

“Todos os povos devem caminhar para a frente todavia; é de grande utilidade à civilização do mundo, que cada povo concorra para ela com o seu quinhão original, a fim de se evitar a terrível monotonia da uniformidade.” (Pascoaes: 1912, 114)

Esta incompreensão por parte dos intelectuais da *Seara Nova*, levou a um estado de rivalidade extrema entre os seus, ditos como anti-saudistas, e os deles, saudistas da revista *A Águia*. Uma polarização desnecessária, que mais se empenhava em distorcer a mensagem da Filosofia Portuguesa do que propriamente em conhecê-la a fundo. Algo que, a meu ver, marcou de certo modo também a mentalidade portuguesa até aos nossos dias. O deslumbramento sobre tudo o que é estrangeiro, sobrevalorizando sempre o que vem de fora em comparação com o que é nosso. Padecendo quase de uma espécie de autocomiseração masoquista, em que o português tem gosto em dizer que a sua cultura está retardada em relação aos outros. Algo que Pascoaes almejava combater a todo o custo.

Sendo que, quem estaria nas melhores condições de compreender a complexidade da Renascença, os seus próprios intelectuais portugueses. Acabara por destruir a riqueza que dali poderia ter sido extraída, não houvessem tantas guerrilhas internas. Sobrepondo-se às suas vantagens, os preconceitos com que minaram a imagem do movimento. Em parte através do silêncio, outras vezes pela vulgaridade e desprezo com que se referiam a esta. (Cândido Franco, 1997: 427)

Assim, se constata a fobia gerada em torno do Saudosismo, que por sua vez prejudicou a imagem que os modernista tinham da Renascença. Uma vez que a revista, *A Águia*, que a representava era dirigida pelos principais pensadores desta corrente filosófica patriotista. Passando a citar as palavras de António Sérgio: “Não, não, mil vezes não: a função da História, para mim, - é libertar-nos da própria História; estudo o passado, eu, não para o adorar ou condenar, mas para melhor livrar-me de ser servo dele.” (Sérgio, 1926: 71). O negacionismo de tudo o que era rasto da alma lusitana, chegava ao ponto de desprezar o valor da História. Como se o passado fosse dispensável para a criação de um futuro, dando voz a um discurso radicalista que tencionava cortar qualquer laço com os seus antepassados, independentemente da importância dos seus legados para a espiritualidade do povo.

Citando, Leonardo Coimbra: “O estudo das literaturas e da história é quase ou totalmente eliminado por esses utilitários, que se julgam na vanguarda do progresso. É ainda um erro.” (Coimbra, 1910:3). Uma fatalidade para aquele que era o sonho da Renascença Portuguesa, um pensamento utópico onde uma comunidade constituída por homens académicos, seria capaz de dialogar e florescer perante toda a discussão. Conduzindo-os para um objetivo superior em termos democráticos e cívicos, tornando a vontade de crescer maior, do que o prevalecer da sua dita verdade. Sobretudo na ambição de recuperar o orgulho português perdido por entre um país de retalhos

políticos, uns pela monarquia, outros republicanos, uns nacionalistas e outros estrangeirados, que sofria com as mazelas de um passado recente marcado por eventos como o Ultimato de 1890. Apesar de que, tendo expondo-se a maior parte deles como “(...) herdeiros da Seara Nova e do seu espírito cívico, apresentaram-se, todavia, incapazes de seriedade e de isenção na apreciação do papel jogado pela Renascença Portuguesa.” (Cândido Franco, 1997: 427).

Resumindo, é notável a influência predominantemente política no conteúdo da *Seara Nova*. Sendo que este terá sido um tema abordado de forma, muito mais profunda e analítica do ponto de vista pragmático da situação financeira do país. Contudo, nada implicaria que esta vertente menos literária do progresso fosse motivo de antagonização d’ *A Águia*. Estratégia que, a meu ver, foi um golpe de mestre ao angariar a fração que não se identificava com o pensamento de Pascoes, ganhando assim uma certa visibilidade para as suas ideias. Propondo medidas novas, através de artigos publicados na *Seara*, sobre matérias que iriam desde a agricultura até ao ensino público. Tendo algumas delas inclusive sido executadas pelo governo em vigor. Dando força à crença de António Sérgio, em conseguir vir a implementar as suas ideias no país. Que escutava através da *Seara Nova*, as críticas em relação à forma como se encaminhava a nação e o futuro que essas más decisões trariam consigo. De certo modo, ajudando a expandir a seu ver a mentalidade fechada em que Portugal se encontrava naquele momento. (Sérgio, 1929:196).

Relembre-se que António Sérgio, chega mesmo a dirigir-se aos estudantes de Coimbra e seguidores da *Seara Nova*, provavelmente na tentativa de converter as novas gerações ao afastá-las do suposto saudosismo maligno. Aclamando-os numa direcção em que os educa a rivalizarem-se entre eles, pois no modo como devem lidar com os seus pseudo-opressores saudosistas. Num tom que quase proporciona um certo elemento irónico no seu discurso, de tal modo tão estrangeirado se exprime, inclusive fazendo uso de termos ingleses: “Por isso a autêntica pregação da democracia é dar o exemplo do “self-control”; é procurar a virtude em todos os actos; é ter sempre por objecto o bem da Grei.” (Sérgio, 1926: 292). Um mero exemplo da falta de cordialidade com que Sérgio se regia para difundir o seu anti-saudosismo pelos mais jovens.

Tanto que também Pascoes, em algumas das suas publicações na revista *A Águia*, acaba por satirizar a figura destes homens da economia. Passo a citar: “As criaturas de que se compõe a parte dominante da sociedade, estão já mais próximas do macaco do que do homem.” (Pascoes, 1911: 11). Pelo facto, de tudo o que não seja materialismo lhes confunde e lhes causa uma certa estranheza, tal como no caso em

que o Saudosismo quase lhes provoca uma repulsa. Talvez pelo seu conteúdo tão abstrato quanto poético, se tratarem de temas que para eles não passam de teorias supérfluas que nada servem à sociedade. Uma questão certamente discutível, pois o que seria da vida sem a literatura, que coloca o Homem a questionar-se sobre tantas questões fundamentais para a compreensão da sua existência. Como por exemplo, a vida e a morte, ou até o amor. Claro que, tudo isto será aos olhos turvos levantados pelo vento que corre pela seara, uma questão muito pouco relevante para o renascer de Portugal. Apresentando a recuperação do país, como se de uma fórmula matemática se tratasse, esquecendo que nem só de número se faz a prosperidade. Pois, o povo é feito de carne e osso, necessitando de algo mais para sonhar. Tal como o saudosismo previu, resgatando a saudade e investindo-a nessa carência, permitindo um olhar sobre o futuro esperançoso.

Assim, a revista *A Águia* relembra pela voz de Teixeira de Pascoaes, e outros tantos, que a alma do povo necessitava de ser nutrida, não só pela boca, mas pela cultura, pela sua história, pelos livros, pela lembrança, pela nossa saudade infinita. Obviamente, sem descuidar a importância fundamental do bom desenvolvimento da economia, mas não fazendo desta o único pedestal da sociedade. Pois, assim sendo apenas suportaria uma nação de bolsos fartos, mas oca de conteúdo. Passando a citar pelas palavras de Pascoaes: “Olhae-o bem; a primeira cousa que nos fére é a hostilidade que se exhala de toda a sua fisionomia. Tudo n’elle é forçado, contrafeito, artificial;” (Pascoaes, 1911: 11). Descrição que lembra o espírito dos pensadores da *Seara Nova*, que pela aparente falta de verosimilhança que transmitem dos seus ideais, culminam afastando o poeta da saudade. Pois, assemelhando-se as suas figuras ao produto industrializado, característico da própria era moderna, que tanto admiram. Sem se darem conta da incoerência por detrás de uma tentativa de forjada de imitação, ao invés de recuperar e reconstruir uma nova identidade cultural com base naquilo que é naturalmente português, como Pascoaes defender ser o sentimento da saudade.

Concluindo, será através destas revistas que se terá o melhor repertório desta fase que acompanhou a consolidação da república em Portugal. Sendo estas um objeto de estudo importantíssimo, principalmente no que concerne à literatura e ao modo como socialmente se evoluciona de uma corrente para outra. Retirando destas, as principais influências que inspiraram à criação de tantas obras durante este período que mesmo conturbado, contribuiu para uma maior diversidade da qual o público pode desfrutar e absorver, escolhendo com qual mais haveria de identificar-se. O mesmo aconteceu a nível político, para além do panorama artístico, também foram fundamentais para a agitação dos inúmeros governos que rodaram o parlamento nas primeiras duas décadas

do século XX. Tendo tanto *A Águia* como a *Seara Nova*, sido púlpitos de opiniões que certamente instruíram o povo sobre a situação, assim como já foi dito anteriormente por Sérgio, também o próprio governo chegou a escutar essas mesmas sugestões.

III. A polémica entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes

A polémica surge numa conjuntura especialmente conflituosa da cultura portuguesa. Na qual o movimento Renascença Portuguesa agita a opinião pública através das suas ideias para a nação, revelando muitas vezes contradições entre os seus membros. Devido às visões contrastantes com que analisam os mesmos problemas para os quais procuram achar soluções, ainda que guiados por caminhos diferentes. Resultando, no caso do choque ideológico entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes, do qual culminou na troca de cartas icónica na revista *A Águia*.

Meio de comunicação no qual se tornaram evidentes as diferenças entre Pascoes e de Sérgio, que tanto os seus pensamentos tinham de afinidade como de antagónicos. Uma vez que estas duas visões expressavam sobre a nação portuguesa uma enorme vontade de a ver renascer das cinzas após o Ultimatum. Por isso, num havendo uma vontade de se voltar para dentro, tal como se de uma fénix de tratasse, e noutro um impulso de romper com tudo o que era, a seu ver, decadência do passado bebendo da luz que vinha do exterior. Duas filosofias opostas com objetivos comuns, que ainda assim partilhavam diferentes formas de lidar com as suas diferenças. Pois, para Teixeira de Pascoaes havia a possibilidade de tolerância para com esse conhecimento estrangeirado, reconhecendo nele qualidades vinculativas para o progresso do país. Ao contrário de Sérgio, que se destacava pela falta de colaboração com outras vozes, para além daquelas que assentiam as suas opiniões tendencialmente voltadas para os estrangeirados. Sendo que, Pascoaes somente acreditava nessa assimilação positiva, caso não fosse feita por imitação, mas sim por assimilação fundamentada. De forma a que não fossem erradicados traços essenciais da verdadeira raça lusitana. Um parêntesis que não agradava ao futuro seareiro, que propunha uma total remodelação espiritual, cultural, política e financeira, de todo contrastante com a atual falta de confiança que se vivia em Portugal. Sendo a seu ver, por isso necessária uma intervenção radical.

Tanto que, segundo a ideologia de Pascoaes o equilíbrio residiria em introduzir uma lufada de ar fresco capaz de revitalizar a saudade, que se via há muito tempo ultrapassada. Observação criticada por António Sérgio, que logo se apressa fazendo questão de clarificar pelo seu desacordo. Dado que para si, a renovação da mentalidade

portuguesa resultaria do foco posicionado na vertente da racionalidade e do pragmatismo que procurava inculcar na forma de estar, nesta nova fase do século XX. Sendo que, a saudade remetia inevitavelmente António Sérgio para lembranças da crença num messias de carácter heróico, tal como que de um salvador da pátria se tratasse, solucionando todos os problemas do país. Memórias que só exaltavam o desprezo de Sérgio pelo Saudosismo de Pascoaes. (Manso, 2017: 94)

Talvez, por meio desta discórdia acerca dos pontos de vista com que se contempla a saudade, se tenha vindo aos poucos a criar o temperamento propício àquela que viria a ser a célebre polémica de António Sérgio com Teixeira de Pascoaes. Na revista *A Águia*, num espaço de expressão intelectual, que permitia o confronto de ideias, pois acreditava que conduzia a uma maior liberdade de pensamento por parte dos leitores. Sendo que, abria espaço a ambos os lados da discussão enriquecendo a sua opinião devidamente formada e justificada.

“O espírito da revista *A Águia* (2ª série) integra-se na dominante emergência do nacionalismo português após a instauração da República em 5 de Outubro de 1910 e 1930 enquanto resposta sólida ao ambiente decadentista finissecular iniciado com as Conferências do Casino, em 1871, e prolongado com a humilhação patriótica do Ultimato de 1890.” (Real, 2011: 237)

Portanto, situando-se a polémica numa fase de radicalismos que seguiam interpretações divergentes, que apesar de não serem necessariamente opostas, certo é que não se entendiam relação à causa locomotora dos problemas. Fundando quatro tipos de crenças nacionalistas: em primeiro lugar, o nacionalismo da revista *A Águia*, voltado para o aspeto cultural da nação uma vez que surge do movimento Renascença Portuguesa formado por escritores, poetas e académicos de Coimbra; em segundo lugar, o nacionalismo republicano positivista representado por Teófilo Braga; em terceiro lugar, o nacionalismo messiânico que daria mais tarde origem ao Integralismo Lusitano, precedente do Estado Novo; e por fim, o nacionalismo histórico providencialista. (Real, 2011)

Todas estas tentativas de salvação da alma portuguesa, massacrada pelos abalos políticos que feriram de certo modo, o orgulho do povo lusitano. Em consequência, levando-o a questionar-se sobre o rumo que estaria a seguir. Culminando numa dualidade, entre passado e futuro, na qual uns defendiam a sua coexistência temporal criando nestes os alicerces para o desenvolvimento, a par de que outros acreditavam que era necessário romper com tudo o que fosse tradição. Designando a cultura como um aspeto da vida moderna, que era acessório à prosperidade que se ansiava por culpa da miséria em que se vivia. Colocando na saudade quase que um rótulo de burguesismo, pois que fosse um deleite que os mais pobres não teriam

conforto sequer para sobre ela meditar. Algo que não corresponde à realidade, pois certo é que as mesmas angústias partilham os ricos que os pobres. Temas que os atormentam serão sempre comuns, pois a materialidade é na verdade o que realmente é acessório à vida. Sem todos esse adornos, adquiridos pelo estrato social, os Homens são todos figuras vindouras do mesmo molde. A saudade é talvez aquilo que mais une a humanidade, sendo um dos sentimentos mais refinados que se pode experimentar. Daí que, Teixeira de Pascoaes reconheça esta sensibilidade notável do seu povo, que tão bem entende este estado de alma que tanto tem de sublime quanto de angustiante. Não lhe fazendo sentido, negligenciar este aspeto tão distinto da cultura portuguesa.

Assim nasce a tumultuosa entrada no início do séc. XIX, através do choque de mentalidades de todos estes grupos sociais de estatuto elevado, que continham neles opiniões bastante rígidas, e por vezes, pouco tolerantes para com os outros. Portugal acaba dividido de uma forma grosseira, em apenas dois lados da moeda, a face da racionalidade e a da saudade. Tanto que, “Desde o seu nascimento *A Águia* e a Renascença Portuguesa, como viveiros culturais, tinham-se tornado reflexo deste Portugal conflituoso” (Real, 2011: 241)

Uma herança com rasgos de pensamento que são visíveis num passado recente, nomeadamente na Geração de 70. Grupo revolucionário que intentava, tal como a Renascença Portuguesa, revigorar o espírito de um país em decadência. No primeiro caso, de uma forma muito mais objetivamente orientada no seu propósito guiado pelas ideologias de um Iluminismo Europeu, que solucionaria a regressão cultural que se vivia em Portugal. Enquanto que, no segundo caso a Renascença fluía num caminho muito mais livre a nível de pensamento, promovendo inclusive a discórdia e as interrogações individuais, que abriam espaço para um crescimento muito mais consolidado democraticamente falando. Pois, detinha maior autonomia sobre a criação de respostas adequadas às medidas dos defeitos da nação.

Assim, o grupo da Renascença Portuguesa não opta por eleger nenhuma das correntes, pois não pretende excluir nenhuma delas. Sejam estas as teses modernistas, tendências originárias das Conferências do Casino, assim como pensamentos mais tradicionalistas do neogarrettismo. Promovendo uma liberdade de pensamento, que inspirava à procura de respostas, muito mais do que a preocupação pela origem dessas mesmas. Política que permitiu a convivência entre tantos intelectuais que ali se reuniam e criavam as mais variadas polémicas, pelo confronto de varias personalidades como era o caso de António Sérgio e Jaime Cortesão, Raul Proença e Teixeira de Pascoaes, entre outros. (Cândido Franco, 1997: 422)

Por último, antes de iniciar a análise sobre as cartas trocadas. Menciono que a polémica da saudade funcionará, a meu ver, como um espelho para o leitor. No sentido em que pela qualidade dos seus pensadores, será difícil escapar aos momentos de hesitação incendiados pelo dom da palavra de cada um. No entanto, a verdade será clara ao entender qual a tendência que mais o inspirará no final de contas.

I. António Sérgio, “Epístolas aos Saudosistas”

Em outubro de 1913, na revistas *A Águia*, António Sérgio inicia a sua demanda contra os saudosistas num artigo que lhes dedica, esclarecendo a sua indignação acerca do assunto incitado por Pascoaes. Sendo que argumenta protestando a falta de acompanhamento que a saudade sofreu ao longo dos tempos, atribuindo-a ao passado e aos ditos velhos do restelo. Como tal, desvalorizando-a e retratando a nostalgia agridoce, como sendo totalmente ultrapassada e sem fundamento perante os tempos que se viviam naquela época. Não encontrando nesta causas suficiente de dificuldades que suportassem o seu culto legitimado. Uma vez que situado na sociedade do século XX, segundo António Sérgio não haveria sentido para a autocomiseração que se lhe aponta.

“A saudade não era, como agora, premeditada; não foi um programa literário, uma combinação entre poetas, um mot d’ordre, uma mania, uma tabuleta, um artifício. Não houve mote decretado, para que os discípulos obediente e uniformemente glosassem. Repito que teve, meus amigos, suas causas sociais, as quais hoje já não existem.” (Sérgio, 1913: 98)

Sendo esta somente alvo dos poetas e escritores que se propõem aos maus tratos da saudade. Apelidando-a como sendo uma nostalgia saudosista, que não é verdadeira e muito menos concreta, pois não lhe reconhece qualquer justificação. Pois, note-se que associa a manifestação emotiva da saudade, como uma mera consequência social do ambiente económico e político em que convive. Justificando a sua falta de coerência, com a mudança partidária do estado para republicano, ao invés de monárquico. Donde na sua visão, residiam as trevas por detrás da verdadeira essência saudosa do português. Defendendo, passo a citar “A humanidade não avança”. Afirmção que comprova o quanto a saudade o transtorna pela falta de sede pela mudança. De tal ordem antiquada a ser ver, que a torna completamente incompatível para com o espírito do Homem Contemporâneo. Por isso, culpabiliza a contemplação do que já passou, pela consequente inação no presente. Contribuindo para um país estagnado à margem de corrente europeia.

Mas, recorde-se que antes disso Sérgio avança com uma definição de saudade baseada naquela que o Saudosismo adota, pois como “(...) lembrança de alguma coisa com desejo dela” e também “a velha lembrança gerando o novo desejo” (Sérgio, 1913: 98). Sendo, aquilo que António Sérgio revela verdadeiramente abominar é a forma hiperbolizada com que se exprime a saudade, outrora muito mais genuína e fluida na sua maneira de se exprimir no meio artístico. Ambiente no qual se viu incubada pelos saudosistas, que segunda a sua descrição mais se aproximam do masoquismo do que do saudosismo. Acusando-os de negarem o avanço ao país, que se tornara refém desde há muito da passividade que não se preocupa pela regeneração das artes e do pensamento cívico. Passo a citar: “Dizem que o saudosismo está de acordo com o espírito contemporâneo. Essa pretensão, como todas as do saudosismo, é precisamente o contrário da verdade.” (Sérgio, 1913: 99). Portanto, declarando a incompatibilidade verosímil entre o estado de espírito do Homem moderno, com a saudade que os saudosistas apregoam existir na atualidade, por entre as veias do povo lusitano. Conhecimento que se fosse efetivamente comprovado, seria segundo a perspectiva de Sérgio uma sentença fatal ao avanço do país, que se prenderia ao passado impedindo o mobilismo que se exige tanto durante o crescimento do indivíduo enquanto ser humano, como da própria pátria como território em evolução.

“Por estes exemplos se vê claro como a saudade contém essencialmente, a repugnância à variação e a negação do mobilismo. A saudade é por isso um gosto amargo, como muito bem afirmou Garrett: o gosto do passado e a amargura da mudança.” (Sérgio, 1913: 100)

Concluindo, António Sérgio, denuncia ainda a incoerência face à demagogia que a ser ver correm em torno da origem da saudade. Apontando uma fonte galega na sua primeira menção histórica proferida por Dom Dinis. Facto que por si só abomina o ego da alma lusitana, que se vangloria de possuir uma palavra autêntica incapaz de ser traduzida pela carga espiritual que transporta.

“Com efeito, muito ao contrário do que Pascoaes afirma, a palavra saudade é traduzível. Várias nações a representam por um termo especial: o galego soledades, soedades, saudades; o catalão, anyoransa, anyoramento; o italiano, desio, disio; o romeno, doru, ou dor; o sueco, saknad; o dinamarquês, savn; e o islandês, saknaor...” (Sérgio, 1913: 101)

II. Teixeira de Pascoaes, “Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio”

Após a leitura da “Epístola aos Saudosistas”, Teixeira de Pascoaes retalia o ataque de António Sérgio com a associação da palavra saudade a diferentes dicotomias antagónicas. Assim, expondo uma certa ignorância do ponto de vista da complexidade

que abrange o termo na nossa língua, muito mais do que somente uma memória de um momento passado. Mas, sim uma contração dicotômica vocabular que reúne uma série de desígnios tão universais como é a vida e a morte, por exemplo. Atualizando o conceito de saudade, conforme os tempos obrigam e os estudos acerca da mesma concluem naturalmente. Ou seja, desmistificando a forma como Sérgio contempla a doutrina saudosista, que ironicamente se revela mais conservadora do que supostamente seria de supor. Uma vez que, enaltecendo-se enquanto homem moderno, voltado para a luz, para o avanço e para o conhecimento, não se compreende a mentalidade retorcida em relação às ideias opostas às suas crenças.

“Consideramos a Saudade um sentimento-síntese, um sentimento-símbolo, resultante da fusão harmoniosa dos dois princípios do Universo e da Vida que, desde a Origem, se degladiam: Espírito e Matéria, Desejo e Lembrança, Dor e Alegria, Treva e Luz, Vida e Morte.” (Pascoaes, 1913: 105)

Conforme se assistiu na primeira carta dirigida a Teixeira de Pascoaes, o discurso de António Sérgio defende-se muitas vezes pelo sarcasmo com que se apoia ao contradizer os seus adversários de debate. Apesar de muito mais contido, esse rasgo não passa despercebido a Pascoaes, que acaba por ironizar devolvendo na mesma moeda. Através da forma como compara António Sérgio ao observar a sua incapacidade de compreender o verdadeiro significado da saudade, com a célebre frase de Lamartine sobre os homens e os animais. Sendo que, o ridiculariza expondo-o como um analfabeto de sentimentos, que de tão básico nem chega à sensibilidade canina. Passo a citar: “Sim, meu caro amigo, eu conheço alguns cães bem mais capazes de sentirem saudade que certos seres de espécie humana. Quanto mais conheço os homens, mais amo os cães, dizia Lamartine.” (Pascoaes, 1913: 105)

Dividindo a saudade em dois tipos, aquela que capaz de atingir qualquer ser vivo e aquela donde Camões se inspirou para criar a majestosa epopeia *Os Lusíadas*. Portanto, um sentimento nostálgico muito mais amplo do que aquele que se resume à experiência individual. Sendo a saudade portuguesa, uma noção poética de importantíssimo legado comunitário enquanto povo que pertence à mesma pátria, que partilha da mesma história, que reúne os mesmos antepassados e que aguarda o mesmo messias, Dom Sebastião. Será a essa saudade que Pascoaes se refere enquanto intraduzível, mas que António Sérgio teima em não compreender.

“Não há Poeta português que não viva dramaticamente esta Saudade. É ela a dolorosa essência metafísica da nossa autêntica literatura, incluindo a Poesia popular. É a Saudade do céu, divina sede de perfeição e Redenção, o eterno Sebastianismo da alma portuguesa e a sua transcendente e poética atitude perante o Mistério infinito!” (Pascoaes, 1913: 105)

Assim, Pascoaes acrescenta o quanto é inerente ao poeta português esta saudade. Evocando a herança do legado mítico Sebastianista, que coloca a esperança no regresso do rei morto. Na materialização de uma espera sem data, sem fim, que se propaga pelo tempo na forma de estar do povo lusitano. Inclusive acompanhando as mutações inevitáveis a que o tempo obriga numa cultura. Passo a citar, “o primeiro poeta da saudade foi, é e será o Povo”.

Mais adiante, Pascoaes defende que também a saudade é o principal ingrediente daquilo que em que se constrói um futuro com sentido. Pois, afinal dá substância a esse tempo verbal ainda tão abstrato, quanto oco pelas infinitas possibilidades que o embargam. Constituindo assim, o passado um elemento intemporal, de verdade absoluta, uma vez que já nada o poderá eliminar da cronologia. Isto se quisermos ser matemáticos, mas sobretudo o passado enquanto memória viva naqueles que estão presentes. Conforme afirma Teixeira de Pascoaes: “Sim: a saudade é a grande criadora do Futuro, mas não tira o Futuro do Nada, não consegue um Futuro de geração espontânea ou caído miraculosamente das estrelas.” (Pascoaes, 1913: 107)

Por último, retoma a acusação de Sérgio em relação ao polémico tema da exclusividade do vocábulo na língua portuguesa. Dando voz a Frei Luís de Sousa para justificar o seu ponto de vista:

“é por ventura, o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa língua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem, mas que haja vocábulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão a portuguesa.” (1913: 107)

Pois, ao contrário daquilo que os anti-saudosistas apregoam, o que está em causa não é a tradução exata da palavra saudade, mas sim de todo o significado que nela está envolto na cultura portuguesa. Todavia, mesmo que se achem vocábulos semelhantes noutras linguísticas, a tradução está sempre bastante resumida à ausência e a esse passado nostálgico em que Sérgio pretende resumir a saudade lusitana. Contudo, sabe-se que em Portugal a saudade transmite muito mais do que isso. Exemplo disso foram os inúmeros episódios que sucederam aos longo da História deste país de marinheiros, que pela sua bravura muita saudade levaram consigo e deixaram aos que ficaram em terra. Recorde-se do estudo avançado por Carolina Michaëlis, que relaciona este aspeto vivenciado pelos portugueses durante a época dos Descobrimentos, com a sua íntima relação com a saudade.

Concluindo, segundo a resposta de Pascoaes nem só Portugal tem palavras como esta, pois todas as línguas têm as suas determinadas expressões intraduzíveis. Afinal são estas que transpiram a identidade do seu povo, com tudo aquilo que tem de

genuinamente intrínseco na sua forma de estar. Sendo que o termo intraduzível, não quer dizer que não haja sinónimos noutras línguas. Simplesmente entende-se por esta dificuldade que o verdadeiro sentido do vocábulo em questão, pertence mais propriamente às nações que partilham do mesmo idioma. Tal como Garrett, desvenda ser o caso da saudade em Portugal, tratando-se a saudade de uma palavra, cujo o significado ultrapassa a interpretação literal deste termo noutras culturas, que não têm à sua disposição significado equivalente na sua língua. Assim, tendo naturalmente esta saudade na boca dos portugueses um paladar diferente daquele que se saboreia nos lábios estrangeiros que a pronunciam. (Pascoaes, 1913: 108)

III. António Sérgio, “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”

Segue-se nova carta de António Sérgio em resposta a Teixeira de Pascoaes, na publicação da revista *A Águia*, em janeiro de 1914. Havendo anteriormente o vanguardista admitido a chance de discórdia entre amigos e a concordância com inimigos. Não será por isso de estranhar, que Sérgio se dirija, no princípio da segunda carta endereçada ao colega da Renascença, com demonstração de respeito e afeição que nutre pelo mesmo. Cujo, passo a citar: “A Teixeira de Pascoaes / Meu querido e ilustre amigo” (Sérgio, 1914: 111)

Sendo, ao som deste tom amistoso que dá continuidade ao artigo. Desta vez, muito mais ponderado no modo como se expressa, evitando dar abertura ao escrutínio de falhas por parte de Pascoaes, que se demonstrara atento às suas afirmações. Algumas vezes infundadas, oriundas do desgaste que o tema da saudade lhe provoca. Observando-se uma leviandade em relação à doutrina, que o saudosista não deixou passar em branco, ripostando tão assertivamente que Sérgio terá tido que ponderar de novo a sua atitude. Principalmente, tratando-se de um tão consagrado autor na literatura portuguesa, não quereria amarrotar a sua imagem ficando aquém da polémica que o próprio iniciou.

Daí que António Sérgio, busca inspiração no incontornável nome da oratória portuguesa, Padre António Vieira. Comparando a situação de desacordo entre os dois homens, com a metáfora utilizada pelo Padre em relação aos peixes. Pois, conforme há vários tipos de peixes no mar, também há homens que pelas suas crenças não são compatíveis a corresponderem-se com clareza. Passo a citar: “Não somos dois homens muito diferentes somos substâncias incomunicáveis; somos pelo menos, duas espécies diversíssimas; somos como um rouxinol e como um peixe. – v. é o rouxinol e eu o peixe.” (Sérgio, 1914: 112). Afirmação que evidentemente coloca Pascoaes no papel de

espécie fútil à sociedade, pois não conseguirá alimentá-la, ao passo em que se eleva como animal que dá de comer aos seus. Através deste trocadilho, Sérgio ergue-se ao patamar de superioridade que o pragmatismo lhe atribui em tempos de maior pobreza. Argumento de que já se havia munido anteriormente, para convocar os ideais que acredita serem o desbloqueio do país. Passo a citar:

“Eu já sabia, meu amigo, que era infinita a distância entre um poeta amabilíssimo (divino salgueiro que se debruça nas águas lentas do puro sonho) e um voluntarista-intelectualista, esculpido à custa de machadada num tronco já seco da antiga Helénia;” (Sérgio, 1914: 112)

Mais tarde, o futuro seareiro aponta a figura de Pascoaes como sendo uma vítima do próprio país onde nasceu e cresceu. Portanto um exemplo da fatalidade que se havia gerado por culpa da convivência com a pequenez nacional, ainda que mesmo tratando-se um intelectual de profundo conhecimento político e estético. Tanto que, aos olhos de António Sérgio, a genialidade de Teixeira de Pascoaes encontrava-se enraizada à mentalidade portuguesa, que permanecia orgulhosamente isolada do resto da Europa. Resultando, na sua indignação para com a postura filosófica de Pascoaes na procura de soluções belas, mas irrealistas, que a seu entender em nada serviam a sociedade portuguesa. Realçando ainda mais as suas qualidades pragmáticas, em virtude da sua comparação com o romantismo exacerbado de Pascoaes. Como se comprova pela voz de António Sérgio: “Ah, Pascoaes, Pascoaes, meu querido amigo: V. é um puro, excelso e nobilíssimo poeta, mas uma vítima também desse ambiente social, como nós todos: desse horrível Isolamento que V. louva e eu maldigo;” (Sérgio, 1914: 115)

Por fim, António Sérgio afirma que o progresso moral de um povo está dependente do seu desenvolvimento económico favorável. Sendo que, a melhoria das condições de vida potencializa a abertura e o tempo necessários para a aquisição de conhecimentos e diálogos espirituais, mais acessórios para a sociedade do que substanciais por assim dizer.

IV. Teixeira de Pascoaes, “Resposta a António Sérgio”

Nesta resposta dada a António Sérgio, no mês de fevereiro de 1914, observa-se uma muito mais aguerrida por parte de Teixeira de Pascoaes. Talvez seja, a meu ver, uma das melhores correspondências trocadas durante toda a polémica. Pascoaes derrotou de tal forma o anti-saudosismo, que a carta que se segue terá sido tão breve, quanto provavelmente o tempo que António Sérgio demorou a entender que perderia há medida que lia a convicção nas suas próprias palavras.

Teixeira de Pascoaes acusa o rouxinol de se disfarçar de peixe somente para afastar o Saudosismo. Chegando mesmo a apelidá-lo como poeta e rouxinol: “Você é um poeta! V. é um rouxinol!” (Pascoaes, 1914: 121) Encobrimento para atrair as ideias estrangeiradas que se identificam com o discurso falacioso que difama a saudade presente na alma do seu povo. Pascoaes acusa ainda o vanguardista de se contentar com uma faceta primária da vida, focada apenas no alimento carnal do Homem. Animal que necessita de muito mais do que isso para cativar o seu espírito, sabendo-se que o sonho e a realização pessoal que constituem a pirâmide das necessidades que traduzem o bem-estar do ser humano. No entanto o saudosista, compreende que essa posição perante a vida, dependerá dos olhos que a vejam:

“Eu sei que a Vida é restrita ou vasta, conforme os olhos que a contemplam. Ela obedece ao nosso poder de visão. Há pessoas que lhe apreendem apenas a forma carnal; há outras que atingem a sua expressão espiritual e eterna. Com as primeiras não se pode discutir. São criaturas no sentido restrito da palavra, enclausuradas, mortas dentro das suas próprias ideias sem alcance. Meteram-lhe na cabeça que o Mundo é só feito de pedra... e ei-las, para todo sempre, empedernidas! Que lástimas!” (Pascoaes, 1914: 121)

Proclamando quase que ironicamente uma certa ruralidade no discurso do seu antagonista, que se reconhece segundo uma refinação que afinal parece inexistente. Constatando que António Sérgio se refugiou no seu sentido de humor, para evitar assumir que perdeu no principal contraponto que defendia acerca da doutrina de Pascoaes: a originalidade da palavra saudade na cultura portuguesa. Limitando-se a conjugar e a gracejar no seu discurso, através da combinação de algumas palavras citadas por Pascoaes e outras com as quais parece querer transparecer um diálogo profundamente erudito. Mas, que por fim não tem qualquer valor para lá do radicalismo que tenta impingir àqueles que o leem.

Mais adiante, Teixeira de Pascoaes auxilia-se do seu colega hispânico Miguel Unamuno, escritor de renome na literatura espanhola, para sustentar novamente a sua crença de que a saudade pertence aos portugueses. Dando inclusive razão a si mesmo, através das palavras de um homem estrangeiro como Unamuno, que realça o valioso patriotismo inerente ao ser português. Demonstrando a Sérgio que se depender da urgência de alguém estrangeiro ver melhor para dentro do seu próprio país, tem ali mesmo esse exemplo traçado. Pois, citando Miguel Unamuno: “Saudades, soturno, luar nevoeiro, mágoa, noivado... cuya alma es intraducible.”. Novamente, reforçando a teoria de que a saudade é única, intraduzível e dicotômica na sua forma de estar em território lusitano. Diferente daquele que é o seu significado noutras linguagens pelo mundo fora.

“Aí está o que afirma no seu livro *Por terras de Portugal y España* aquele escritor, um dos maiores da Península e um dos que melhor conhece a raça portuguesa.” (Pascoaes, 1914: 123)

Afasta a ideia de que o Saudosismo é uma ameaça e um inimigo do progresso, sendo que se encontra de mãos dadas com o futuro, contrariamente ao que António Sérgio tanto apregoa. Sendo que, Pascoaes relembra-lhe que a lembrança, ato manifesto do sentimento da saudade, trata-se por si só da ponte perfeita entre o passado e o futuro. Pois, assim como o desejo reside na ideia de algo que ainda não foi consumido, ou saciado, instintivamente leva a imaginação a vaguear pelo futuro, através das suas infinitas possibilidades.

Por fim, Teixeira de Pascoaes remata com o amor à própria raça, à cultura portuguesa e seu exponencial num todo, quer económico ou intelectual. Reconhecendo o valor das grandes potências europeias, mas dando-lhes a importância relativa que contêm. Visto que são exteriores e muitas vezes incompatíveis com a essência da nação lusitana. Por isso, aconselhando a que a aculturação do pensamento, não fosse simplesmente aplicado sem qualquer reforma. Mas sim, primeiramente compreendido e sentido, e só após este processo ponderar a forma da sua assimilação. Principalmente quando como é o caso da cultura portuguesa, em que acontece muitas das vezes ser bem capaz de saber fazer diferente e melhor.

“O que importa é que este cantinho afirme a sua independência espiritual, razão da sua independência política, sem cortar, é claro, as relações com o resto da Europa, aproveitando o que ela produza de útil no campo industrial, científico, etc.” (Pascoaes, 1914: 124)

Culmina rebatendo o racionalismo de António Sérgio, através de uma frase bíblica representativa da fé e do povo. “Nem só de pão vive o homem”, sendo que é necessário sonhar, amar, sentir até mesmo a saudade que se quer evitar. Pois, aquilo que Pascoaes ambiciona para a sua pátria é um país sem dificuldades, sem pobreza, que lhe permitam essas faltas suprimidas o elevar do sua alma etérea, há muito desgastada.

V. António Sérgio, “Despedida de Julieta”

Em abril de 1914, na revista *A Águia*, segue a carta de António Sérgio encaminhando-se desta vez a quem o lê e despreza, pois parece-lhe que a discussão com Pascoaes tem demasiada tendência a prolongar-se. Ponto em que aparenta querer diferenciar-se, pelo seu diálogo muito mais conciso durante a “Despedida de Julieta”:

“A tudo meu caro amigo, se pode responder, e são todas as discussões por sua natureza eternizáveis; da minha parte, porém, está dito o indispensável, que era mostrar a outra estrada aos jovens leitores d’*A Águia* e da *Vida Portuguesa*: a estrada não-saudosista, não isoladora, ou não purificadora.” (Sérgio, 1914: 128)

Anunciando apenas, que dá voz a uma alternativa que não a dos intelectuais de Coimbra. Sendo que, representa ao contrário deles uma solução voltada para a justiça social. Ao invés da direção que aponta a Pascoaes como tendo uma boa retórica, mas que não servindo para nada mais do que a venda de livros. Denote-se ainda, a preocupação do vanguardista em clarificar algumas questões que a seu ver poderiam denegri-lo perante a opinião pública dos mais jovens, que pretende converter à sua tese. Por isso, tentando-se desprender da rotulação materialista que o saudosismo lhe coloca na forma como apresenta as suas motivações. Passo a citar: “Porque, afinal de contas, sou um pouco mais do que uma besta: com maior justeza falou de mim quando me chamou “modernista”, quer dizer um vulgaríssimo bicharoco que horroriza o estado fóssil.” (Sérgio: 1914. 129)

Tanto que, admite não existir incompatibilidade entre a poesia e o vanguardismo. Tema sobre o qual se debruça ao longo de alguns parágrafos, sem grande deleito. Uma vez que realça apenas aquilo que a seu ver foi deturpado por Pascoaes equivocadamente. Sem se preocupar muito mais do que para além disso. Pois, pretende deixar o devidos juízos de valor a cada leitor, que certamente irá ter maior empatia com o lado da polémica que corresponder às suas íntimas crenças individuais. Por isso, não servindo mais delongas a seu ver acerca do assunto. (Sérgio, 1914: 130)

Ironicamente refere-se ainda à comparação jocosa que Teixeira de Pascoaes faz a seu respeito, quando o intitula de Romeu disfarçado de Otelo. Desta vez, António Sérgio responde: “(dir-se-ia que sou Julieta e não Romeu) eu quisera começar e terminar sorrindo: para que esta não tivesse o jeito da última carta de Julieta, dando por acabado o namoro.” (Sérgio, 1914: 130) Alusão que faz à crítica de Pascoaes acerca do seu sarcasmo, que defende como sendo a melhor forma que achou para não descambar a polémica para trânsitos mais pessoais.

Concluindo, retoma novamente a sua alçada acerca da mentalidade saudosista do preconceito que revela sobre a modernidade e avanço. Por último reforçando a quem na verdade se dirige ao longo destas trocas de galhardetes. O público indeciso, que não se vê toldado pela demagogia das palavras, e se sente de espírito livre para acolher qualquer uma das duas formas de pensamento e filosofias de vida. Conforme passo a citar:

“Falo e falarei para os neutros, os materialões, ou para os que tiverem degenerado do temperamento fantasista, impulsivo, inconsciente – , por uns classificado de idealista e por outros de retórico – , que nos formou a velha sina de conquistadores e aventureiros, retardatários da Cavalaria.” (Sérgio, 1914: 131)

VI. Teixeira de Pascoaes, “Última Carta?”

Ao interpretar o título desta carta, torna-se evidente o cansaço de Pascoaes na continuação da polémica com António Sérgio, que não parece ter fim à vista. Nesta suposta “Última Carta”, datada em maio de 1914, declara-se um apelo às tréguas entre o seu saudosismo e o anti-saudosismo, que não dá sinais de querer chegar a um entendimento. Revelando uma violência gratuita nos modos em que se dirige ao seu pensamento.

Ao ponto de Teixeira de Pascoaes, assumir cruamente o desconforto que a polémica lhe causara nos últimos tempos, notando-se “assaltado por tão horrível pesadelo” (Pascoaes, 1914: 132). Envolto numa batalha que nem julgava ter que enfrentar. Assumindo-se como um homem da literatura e da filosofia, voltado para a criatividade e deleitamento de pensares introspectivos com índole universal. Seria expectável haver um entendimento entre ambos, uma vez possuidores de uma dialética robusta capaz de responder ao poder do raciocínio desafiante.

Contudo, não detém a mesma animosidade por parte de António Sérgio. Que como já havia referido na análise anterior à sua última carta, quase parece desistir a meio da discussão com Teixeira de Pascoaes. Atitude que desilude o poeta, talvez por lhe considerar, através da sua postura de desdém, um certo desrespeito pelos saudosistas. Passo a citar: “Ah, meu caro António Sérgio, (...) então, é num momento assim que me foge e diz adeus?!” (Pascoaes, 1912: 133).

Talvez porque se manifesta como alvo principal de um grupo que atenta, sem qualquer empatia nem sensibilidade poética, contra aquela que segundo Pessoa, seria a Filosofia Portuguesa inspirada no Saudosismo. Um saqueamento que julgava não ter que assistir nunca, pois tratando-se de uma corrente tão conectada com as raízes históricas da sua pátria. Não seria de esperar tão grande advertência interna contra aquela que seria a bandeira nacional, a saudade portuguesa. Facto que se viria a consolidar cada vez mais com o passar dos séculos.

Assim, Pascoaes aproveita para dissecar a verdadeira motivação por detrás da perseguição ao Saudosismo. A falta de encontrar um bode expiatório para a degradação em que o país se encontrava, nomeadamente aquando da polémica por meados da

primeira metade da segunda década do século XX. Algo que lhe soa caricato de argumentar, pois tão recentemente se reunia a filosofia da saudade e já encontrava tantos inimigos que a culpavam de todo mal que havia sucedido em Portugal.

“O António Sérgio, no seu ódio ao Saudosismo, já lhe atribui os males de que Portugal sofre há muitos anos, como se, acaso ele fosse antes de ser... Olhe que o pobrezito mal acaba de sair do berço. É ainda uma criança inocente, irresponsável pelo crime dos maiores.” (Pascoaes, 1914: 134)

Um negacionismo que não comporta qualquer lógica, segundo o olhar de Teixeira de Pascoaes. Pois, questiona-se sobre que espécie de realidade lhes faz sentido sem qualquer vislumbre de memória do passado. Pergunta-se que atributos lhes serão atribuídos à parentalidade de tais pensamentos. Compara ainda o racionalismo de Sérgio com: “uma coisa anémica e mesquinha, semelhante a um pássaro que nascesse dum ovo... artificial.” (Pascoaes, 1914: 134)

Assim, o saudosista defende mais uma vez a recuperação da alma portuguesa há muito tempo silenciada. Pois, só assim, se criará uma nova Era gloriosa. Louvando a cultura genuína, em vez de replicando as outras num gesto de subserviência. Colocando uma crítica clara aos estrangeirados, que em prol de uma modernidade evocam uma atitude de rejeição pela própria pátria.

VII. António Sérgio, “Explicações Necessárias do Homem da Espada de Pau ao Arcanjo da Espada dum Relâmpago”

Na carta publicada de junho de 1914, António Sérgio recupera e realça a semelhança verossímil entre a metáfora do rouxinol e do peixe, que servira para expor as diferenças entre ambos. Na qual a princípio, os animais pareciam encarnar os espíritos de ambos, mas que agora parecem dar espaço a uma nova comparação, desta vez indiretamente lançada pelas palavras de Pascoaes. Nas quais Sérgio se baseia, nomeadamente na atribuição da alcunha Homem da Espada de Pau, a si mesmo, e Arcanjo da Espada dum Relâmpago, a Teixeira de Pascoaes. Algo que a início quase parece inverter os papéis de forma irónica, dado que Sérgio procura ser o homem do raio de luz num país encoberto. Contudo, a explicação corrobora as características apontadas aos dois elementos no duelo saudosista. Pois, afinal para António Sérgio, o seu arqui-inimigo não passa de um homem sonhador que julga ter poderes de anjo.

“Pois, bondoso e angelical amigo: contra todos os meus projetos, tenho de voltar às nossas cartas, por haver, entre os seus caprichos de imaginação, alguns que deixados sem resposta poderiam dificultar a compreensão do que vou expor na última parte (desta Águia e das futuras) sobre o sistema de educação que proponho ao nosso povo.” (Sérgio, 1914: 142)

Assim, o Homem da Espada de Pau rebate acusações proferidas em cartas anterior, em jeito de conclusão. Expondo as suas visões políticas acerca de determinadas situações, como é o caso da educação, tal como outros aspetos práticos da sociedade. Como por exemplo, o Bacharelismo, a questão das terras e a sua privatização, e também algumas opiniões de cariz religioso, mais precisamente em relação às instituições católicas. Também o seu estrangeirismo é analisado, do ponto de vista da sua utilidade e valor substancial para o progresso. Sendo a questão de classes, uma das suas grandes preocupações demonstradas ao longo do debate. Priorizando a situação dos mais desfavorecidos, a nível do acesso ao ensino, e na forma como esse obstáculo se transmite de geração em geração, ampliando as discrepâncias na sociedade portuguesa. Distanciando daqueles que mais necessitam o acesso a posições de relevo solucionem os seus problemas sociais e económicos, na política nacional.

“As leis da economia social têm valor para todos os povos; acreditar o contrário é o mesmo que presumir ser a higiene individual – o ar livre, a luz, a alimentação natural, o exercício, etc. - , muito útil para os Joões e os Franciscos, mas muito perniciosa para os Antónios e os Josés... Desçamos a este mundo.” (Sérgio, 1914: 143)

O vanguardista justifica a obsessão de Pascoaes pelo amor que lhe nota em relação à pátria. Sendo a seu ver, esse amor e essa virtude orgulhosamente portuguesa que o levam a sonhar com uma realidade que não existe. Assumindo ainda o respeito por esse delírio, no qual não pode no entanto consentir a sua veracidade. (Sérgio, 1914: 146)

Assim, aponta aos saudosistas um certo comodismo, que a seu ver, parecem deturpar a virtude da importância da aquisição e absorção de conhecimentos vindos de fora. Ainda que, esta interação sem fronteiras já tivesse demonstrado a sua importância para o desenvolvimento social.

VIII. Teixeira de Pascoaes, “Mais Palavras ao Homem da Espada de Pau”

Por último, na última publicação da polémica entre António Sérgio e Pascoaes, na segunda série da revista, em julho de 1914. O filósofo da saudade riposta os sucessivos ataques por parte do racionalista, atacando-o com o cerne da questão que deveria ter estado a ser debatido, e no entanto não lhe deu a devida atenção. Talvez por entender que não tinha como ganhar essa discussão. Pois, todavia é universal que a saudade se trata de um vocábulo que não é exclusivo da língua portuguesa, mas que se caracteriza na nossa cultura pela sua incapacidade de tradução no seu todo.

Ocupando-se assim, de temáticas muito mais políticas do que qualquer outra coisa, tornando este debate muito mais eleitoral do que efetivamente acerca da saudade. O real objetivo de Teixeira de Pascoaes durante quase meio ano de correspondências.

“O meu caro António Sérgio abandonou os pontos essenciais da questão (originalidade da Saudade, e o seu significado transcendente) e entretêm-se a discutir comigo a revolução francesa, S. Francisco de Assis, a propriedade rural em Inglaterra, etc. Tenho pena de não o puder acompanhar nesse campo, pois outros assuntos, de mais valor para mim, me solicitam.” (Pascoaes, 1914: 149)

Pascoaes dualiza a discussão convertendo os argumentos de parte a parte, numa escolha de identificação entre a visão científica e a visão poética. Consequentemente, voltando-se para uma equiparação, deste último caso, por um pensamento de índole mais literária do que pragmática das coisas. Inclusive, acusando, António Sérgio, de ter feito uso inapropriado da discussão para o debate de questões que eram de todo despropositadas para o tema da saudade, como foi o aconteceu com os exemplos políticos que a Pascoaes nada lhe interessavam. Passo a citar: “(...) nada disso me interessa. A mim, o que me interessa, é o meu pensamento, embora humilde e obscuro.” (Pascoaes, 1914: 149)

Sendo, aquilo que Teixeira de Pascoaes defende sem qualquer tipo de presunção elitista, é que independentemente da classe, do género e até da origem do indivíduo, não lhe é possível escapar ao efeitos mágicos das imaterialidades do amor e da saudade que a própria vida contém. Sendo, por fim, silenciado o discurso do republicano modernista, que tanto se tentou afastar ao longo da polémica da inevitável verdade científica de que também ele tem coração para além da razão, como todo o comum mortal. Uma lição que Pascoaes dirige com uma subtileza genial:

“Uma cantiga de Coimbra (de Coimbra, se bem me recordo) afirma que há mais ciência num beijo de amor que nos livros dos doutores. Através da ária irreverente, meu caro amigo, transluz uma grande verdade! É que o beijo cria a vida, dilata a criação, acende novas almas, para ver como elas foram feitas... Também há ingenuidade, infantilidade, nos sábios, meu caro António Sérgio...

Eu voto pela cantiga de Coimbra... Desconfio que a Cotovia sabe alguma coisa do Sol... talvez mais do que os astrónomos...” (Pascoaes, 1914: 150)

O saudosista reprova ainda o contexto em que António Sérgio se aproveitou das suas palavras, para se superiorizar intelectualmente. Resultado, ridicularizando-se a si mesmo mais do que a Pascoaes. Pela ignorância com que as emprega sem sentido ao longo do artigo. Segundo o alvo de gracejo, não passará de uma tentativa rústica de caricaturar a sua pessoa e aquilo que representa, o saudosismo.

“Em seguida, o querido amigo (a minha ignorância não se atreve a chamar-lhe confrade) recorre ao seu processo de misturar trechos meus, truncados, e arrancados à tã da última carta que lhe escrevi. Quer ver se lhes consegue uma atitude caricata.” (Pascoaes, 1914: 153)

Teixeira de Pascoaes encerra com a certeza de que a formação de um homem passa por muito mais do que uma educação instruída, em relação ao seu ofício, à sua terra, e ao labor que nela terá de empregar a sua força e a sua inteligência. Dependendo do caso da profissão que venha a desenvolver. Para o saudosista, a problemática da educação em Portugal, será muito mais profunda do que somente essa reforma institucional. Uma vez que, o analfabetismo não é apenas a ausência de conhecimento semântico, mas também literário e emocional. Residindo nesse estrato, afinal o grande valor que presente na doutrina do Saudosismo. Uma filosofia que tornará, aos olhos do seu criador, Teixeira de Pascoaes, a mentalidade do Homem criar o sonho de uma nação maior, e sobretudo melhor do que aquela que já foi no passado.

Conclusão

Por fim, chega o momento de refletir acerca das conclusões que se retiram desta dissertação. Tendo plena consciência de que este é um trabalho inacabado, pois são tantos os contributos para a saudade dita portuguesa, que não seriam suficientes nunca as páginas a esta dedicadas. Porque aquilo que se sabe ser o seu início, certamente não terá sido somente por aí que se principiou esta forma nostálgica de estar, meio doce e meio amarga. Se Dom Dinis ouviu falar desta saudade, será porque já havia quem dela lhe tivesse falado antes deste a empregar nos seus versos trovadorescos. Na verdade, mesmo que não lhe tivesse sido atribuído ainda o posterior significado do sentimento saudoso, o peito lusitano havia de ter carregado com toda a certeza este peso muito antes de saber que era saudade na sua alma. Pois, que fica para além da saudade, quando tudo o resto se nos vai? Fica um sentimento solitário, que acompanha os corajosos que ousaram sentir ainda que com medo de perder. O povo português é prova dessa bravura no seu percurso histórico monumental, recheado de homens filhos do mar que conquistaram terras sem nome e que trouxeram de volta a Portugal as suas almas mais enriquecidas do que nunca, através das diferentes culturas com quem tiveram o privilégio de contactar. Essa bravura, teve um custo e chama-se saudade. Choraram as mães e os pais, as mulheres saudosas que carregavam os filhos no ventre na angústia da incerteza se nasceriam órfãos. Choraram os amores que cá ficaram de coração partido, adormecidos pelo embalo da incerteza, repousando no colo dos sonhos as memórias de quando ainda não estavam apartados. E assim, cresceu a saudade dentro do núcleo mais íntimo de todos nós. Daí que não se conheça outra nação que partilhe da mesma sensibilidade semântica em relação a esta palavra.

Assim se chega a um ponto fulcral deste trabalho: a questão da tradução. Será possível traduzir a palavra saudade? A resposta é não. Contudo, se existir algum termo equivalente ao significado semântico que este vocábulo da língua portuguesa comporta, será certamente a palavra *sehnsucht*. Termo identificado no vocabulário alemão pela linguista Carolina Michaëlis. Sendo que, mesmo havendo semelhanças evidentes entre ambas as expressões, não será motivação suficientemente forte para afirmar que a palavra saudade tem tradução para a língua alemã. Isto porque, como já foi anteriormente explanado no respetivo capítulo a este separador dedicado: a saudade portuguesa não é passível de ser traduzida no seu todo. Não se trata de um sentimento nostálgico somente orientado pela ausência, ou pela falta sentida após vivenciar uma boa memória. Trata-se de uma palavra que engloba muito mais do que isso na cultura portuguesa. Daí advém a riqueza da língua aliada ao simbolismo cultural que a esta se une. Pois, nunca na língua alemã se observou a atenção dedicada à palavra *sehnsucht*,

tal como acontece em Portugal. O peso entre estas duas expressões é completamente díspar na medida que ocupam em cada nação. A saudade portuguesa é motivo de orgulho nacional, ao ponto de servir quase de bandeira ao buscar elementos representativos da nossa identidade. Dessa forma, nunca se poderá sobrepor a análise somente semântica de uma palavra que se aproxima do estado de espírito, mas que depois não acompanha com o restante significado nela assente. Um lado místico, abstrato, deveras difícil até de referir neste trabalho. Pois, trata-se de algo que se sente empaticamente entre o próprio povo. Sendo uma sensação de tal ordem indescritível, que não será fácil atribuir-lhe uma palavra, quanto mais arranjar-lhe um sinónimo noutra idioma que lhe assente tão bem na perfeição. Nisso somos únicos, e por isso devemos orgulhar-nos da nossa saudade sem preconceitos contemporâneos que a possam achar demasiado ultrapassada, sem nada de novo para acrescentar. Pois muito se enganam, a saudade está viva e assim permanecerá enquanto pulsar o coração do último português.

Observem-se os inúmeros exemplos artísticos de que a literatura portuguesa foi alvo de inspiração pela saudade:

“Camões deu a Portugal a sua alma de aventura heroica, deu-lhe os Lusíadas; Antero deu a Portugal o sacrifício do seu santíssimo corpo para que Portugal comungasse a sua alma de certeza, pela divina Tragédia de novo libertada das hesitações, das dúvidas e das angústias materiais; Junqueiro abre os olhos a esse gigante cego, debruçado numa impossibilidade secular sobre os Lusíadas indecifráveis; Pascoaes dá a esse povo a sua alma de Saudade, isto é, de cristianismo entranho, de cristianização inesgotável, sem fim e sem morte.” (Coimbra, 1912: 198)

Seguidamente a Carolina Michaëlis, a Fernão Lopes e a Camões, note-se que nesta dissertação existirá um lapso temporal de três séculos que separa respetivamente Luís Vaz de Camões e Teixeira de Pascoaes, autor que retoma a temática numa vertente mais moderna da saudade. A causa desta prolepse gerada desde o séc. XVI, reside na necessidade de aglomerar as diferentes fases de construção que a saudade atravessou na literatura portuguesa. Sendo igualmente este intervalo um período riquíssimo, mas que não se demarca tão fortemente pela inovação. Tal como acontece por exemplo com Pascoaes, o filósofo da Saudade, Arcanjo da espada dum Trovão, como diria António Sérgio ao referir-se ao poeta, que resgata a melancolia portuguesa de um enterro que às mãos dos racionalistas dificilmente sobreviveria em tão boas condições. Sendo que a sua interpretação da Nova Era, não exclui de todo a Saudade no futuro de Portugal. Assim, naturalmente tornando-se Pascoaes num autor pré-pessoano, que inevitavelmente influencia a obra deste grande nome da modernidade portuguesa, Fernando Pessoa.

Assim, recuemos até meados dos séculos XVI e XVII, e observemos aquilo que por lá se terá passado, e que de forma alguma se poderia ignorar ao concluir este trabalho. Retifiquemos portanto a falha aqui assumida na cronologia da saudade, período no qual se destacam algumas personalidades que revelam pela sua obra uma maior sensibilidade para com o temática saudosa.

Nomeadamente, Frei Agostinho da Cruz poeta franciscano com ascendência cortês. De nome secular Agostinho Pimento, que viabiliza o seu casamento com a prima Juliana, de forma a garantir a linhagem pura da família. Um homem profundamente espiritual, que reflete nos seus versos essa sua tensão entre Deus, o mundo e a natureza. Portanto um artista descentralizado, que assiste ao que sucede à sua volta absorvendo as suas conclusões pessoais. Contudo, haverá temas recorrentemente nos seus poema, como por exemplo a solidão e ainda mais importante para o nosso trabalho, as saudades de Deus e da infância. Uma ausência divina que lhe ocupa um vazio existencial, que conseqüentemente resulta numa constante contemplação do mundo e da vida. O poema “Os versos, que cantei importunado” é exemplo disso mesmo: “Da mocidade cega a quem seguia, / Queimei (como vergonha me pedia) / Chorando, por haver tão mal cantado.” (vv.2-4). Destaque-se o arrependimento de não ter aproveitado a juventude conforme devia. As saudades de um tempo ultrapassado que não tem mais retorno possível, resultando nos “Desejos de colher divinas flores / À força de suspiros saudosos.” (vv.13-14).

Ainda no mesmo século, Francisco Rodrigues Lobo é considerado o poeta bucólico da natureza. Um homem que cresce no meio rural, e que desde aí cultiva a sua íntima relação com o meio campestre. Alguém que reconhece os aromas, o tato e o sabor que a terra tem entranhado nas suas mãos. Sendo por isso, considerado um poeta verdadeiramente bucolista naquilo que é a sua identidade poética. Moldado segundo o estilo de vida pastoril, que coloca indiretamente o indivíduo num estado de recolhimento somente próprio do interior. Uma perspectiva do quotidiano contrastante com o outro lado urbano, de que também Rodrigues Lobo usufrui, durante a sua passagem académica pela cidade de Coimbra. Tratando-se assim de um homem culto que talvez pela sua sensibilidade pelo que é natural, tenha sabido reconhecer tão bem os afetos mais sofisticados da alma, como é exemplo disso mesmo a saudade. Escreveu obras como, a trilogia pastoril *Primavera* e *Corte na Aldeia*, entre outras publicações de diversos géneros literários. Assim, considerado:

“(...) o mais bucólico de todos os bucolistas. Esta feição realista vem, antes de mais, de não precisar contrafazer-se para se dar ares de aldeão. Os

outros são rústicos posições; ele é-o de verdade. Vive no campo e gosta do viver campestre.” (Jorge, 1920: 236)

Por último, ainda aprofundando a abordagem da saudade na literatura portuguesa do séc. XVII. Será oportuno realçar a figura do escritor Francisco Manuel de Melo, que pelo seu talento se revelou multifacetado em diversas áreas da sociedade, tais como no estudo da história de Portugal, e também no seguimento da sua carreira política e militar. Conhecimentos que lhe permitiram apreciar o perfil carismático da chamada *Arte de Ser Português*, aliás como Pascoaes haveria de titular a sua obra no séc. XX.

Assim sendo, Melo não escapou ao levantamento das suas próprias conclusões acerca do tema saudoso que envolve tanto envolve e apaixona o povo lusitano. Segundo este, à semelhança da posterior tese sobre a saudade de Carolina Michaëlis, este sentimento tratar-se-á de um enigma particularmente delicioso de esmiuçar, devido às motivações invulgares que cultivaram o processo de formação do vocábulo. Uma exceção gramatical, que reflete a genuinidade do significado associado à expressão, hoje contemporânea, que lhe foi atribuída naturalmente pela sensibilidade particular que assenta nesta melancólica praia lusitana. Destaque-se o papel de Francisco Manuel de Melo na criação da primeira definição de saudade alguma vez assistida, na qual se fundiram os conceitos de amor e ausência, enquanto condições necessárias à sua formação. Inspirando inegavelmente a teoria de Michaëlis ao relacionar a época dos Descobrimentos, com a tristeza que inundou a alma de um povo, que reconheceu a saudade como um elemento genético incondicional.

“Amor e ausência são os pais da saudade; e como nosso natural é, entre as mais nações, conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens ocasionam as maiores ausências; de aí vem, que donde se acha muito amor e ausência larga, as saudades sejam mais certas, e esta foi sem falta a razão porque entre nós habitassem, como em seu natural centro.” (Melo, 1660)

No que diz que respeito ao século XVIII, não haverá certamente muito a acrescentar sobre o tema da saudade. Uma vez que o centralismo ideológico girava em torno da razão, com pouco espaço para as emoções motivadas pela nostalgia do passado. Pretendia-se pragmatismo e ação, pelo que a saudade ostentava a forma de um fantasma indesejado, que se contrabandeava para evitar visões romantizadas da realidade. Em Portugal, Verney foi uma figura importantíssima para nossa História, neste período revolucionário do espírito nacional. Pediam-se reformas urgentes, que resultassem num progresso o mais imediato possível. Uma exasperação, de certo modo similar à postura adotada por António Sérgio, mais tarde no início do séc. XX. Inspirado no seu ativismo voltado para a educação, com pensamentos inovadores acerca das

metodologias de ensino, na sua opinião um tanto arcaicas em comparação com o resto da Europa. Sendo esta uma preocupação constante em relação a ambos, Luís António Verney (1713-1792) e António Sérgio (1883-1969), o acompanhamento de Portugal com as tendências que se sentiam no resto da Europa. Palpitando neles, um certo preconceito com o que é nacional, a par de uma adoração para com o conteúdo estrangeirado. Um vínculo da mentalidade portuguesa, que ainda hoje se sente principalmente em tudo o que seja cultura. Existindo um desprezo quase dissimulado, quando se afirma orgulhosamente o consumo de conteúdo proveniente de outras partes do mundo. Como se isso validasse um aspeto intelectual superior.

Contudo, felizmente esta não é uma realidade generalista. Sempre houve e existirão figuras épicas, que valorizam a passagem do testemunho de geração em geração da essência portuguesa. Enaltecendo nas suas criações um patriotismo saudável, que não prevarica os valores que realmente devem prolongar-se. Neste panorama, Bocage foi sem dúvida a exceção do século XVIII, não deixando a saudade ficar esquecida

Manuel Maria Barbosa du Bocage, o grande poeta do século XVIII. Um homem que transfere para os seus poemas a intensidade com que leva a vida, ao ponto da sua obra ser definida como um lapso pré-romântico na literatura portuguesa. Portanto, um poeta amplamente guiado pela emoção exacerbada, própria aliás da corrente que lhe foi associada e que se desenvolverá mais tarde com muito daquilo que a sua originalidade lhe deixou ficar. Sendo um autor que não se deixava corromper pelas tendências do seu tempo, seguindo sempre a sua própria inspiração que o encaminhavam para aquilo que se apelidaria de Romantismo. Versos perfumados de erotismo e rimas por vezes com vocabulário um pouco brejeiro, são talvez dois exemplos que melhor caracterizam os extremos em que Bocage se dividia. Dotado de uma inteligência fenomenal, prioriza o conteúdo em relação à forma. Outro fator que o torna num homem muito mais à frente do seu tempo, inadaptado à obsessão clássica de cumprir regras estilísticas formais, torna-se muito mais interessante pela atenção que dedica à expressão verbal das inquietudes que o atormentam. Deste panorama intimista que envolve a produção poética de Bocage, resulta a sua proximidade com ausência prazerosa ao que os portugueses chamam de saudade. Dando origem a poemas como, “Por esta Solidão, que não se Consente” e “Camões, Grande Camões, quão semelhante”, entre muitos outros onde o estado de espírito nostálgico prevalece sobre o antagonismo insípido do pensamento lógico e racional. Passo a citar: “Assim como Camões, também, Bocage sofreu a Saudade da pátria bem como a grande miséria e sofreu a Saudade da amada distante. Bocage projeta em Camões as suas angústias e desgraças.” (Madureira, 2008: 193). Um reconhecimento que Bocage deteta no seu antepassado Luís Vaz de Camões,

pois identificando-se com a sua obra absorve dela aquilo que dela melhor compreende. Resultando no que se poderá considerar um discípulo da saudade camoniana.

Assim, muitos foram os contributos do racionalismo no séc. XVIII, que contribuíram para o progresso nacional, nomeadamente para a consciencialização da importância de alfabetizar o povo português. Contudo “nem só de pão vive o homem”, daí que a saudade seja tão importante de salvaguardar na nossa cultura, independentemente da época em que se relacione. Uma vez que simbolizará, a meu ver, o reconhecimento intelectual da complexidade emergente da fragilidade humana, englobando nela o sofrimento, mas também o sonho, o passado e o futuro. No fundo, a conceção da sociedade e das regras pelo qual se deixa reger, em constante dissonância sobre o dilema entre razão e a emoção, na resposta dada aos obstáculos que se lhe atravessam.

Durante o século XIX, o tema que realmente se acentuou foi o valor sentimental sobre a vida, dando assim origem ao aclamado Romantismo. Uma estética que emerge em Portugal a partir de duas composições poéticas “Camões” e “D. Branca”, ambas publicadas em 1825 e 1826, respetivamente pelo mesmo autor: Almeida Garrett, o patriarca do Romantismo no espectro da literatura portuguesa. Um homem que revolucionou as tendências literárias da época, tornando-se uma fonte inestimável para a divulgação da estética romântica, que viria a marcar fortemente a mentalidade do século XIX. Sendo que terá sido através das suas ligações com as grandes literaturas europeias, nomeadamente francesa e inglesa, pelas quais nutria um grande fascínio e admiração. No fundo, culminando nesta viragem da sua obra. Uma assimilação que viria a destacar a cumplicidade indiscutível entre a Saudade lusitana e a dita *Sensucht* germânica (Madureira, 2008: 129).

Sentimento este que tão bem se encaixa nesta forma apaixonada de estar na vida, e por isso terá um crescimento significativo ao recurso que se lhe faz em comparação com o século anterior. Sendo portanto um intervalo da história portuguesa em a saudade foi particularmente privilegiada pela corrente estética que favorecia o seu entendimento mais sensível. Pois, o lado irracional do homem tenderá a prevalecer sobre qualquer outra motivação, que não somente a emocional. Reflexo disso mesmo foram os autores do Romantismo, exemplos que demonstram pelas suas obras a intensidade afetiva tão característica deste estilo. Personificando estes traços muitas vezes por meio das suas personagens, capazes de dar voz a este extremismo através das atitudes, pensamentos e ações. Moldando-se naturalmente a um perfil que corresponde ao chamado *pathos* exacerbada que reage às adversidades conforme o ímpeto dos seus próprios impulsos.

Assim, a saudade constituirá uma ausência insuportável que coloca o indivíduo numa angústia que apenas terá como conforto a fome saciada daquela presença, a poesia para a qual extrapolar o desgosto, ou até mesmo a própria morte. Sendo o suicídio um tema também bastante associado ao ser romântico, como se fosse o último ato e derradeira prova de amor, quer em relação ao amado e também à arte. Claro que a saudade não obstante do sofrimento que provoca, permite um distanciamento favorável à criação. Pois, deixa espaço para a imaginação ocupar o reencontro. Uma dicotomia a que esta palavra já nos acostumou. Daí que a literatura seja de facto a área que mais profundamente interpreta o Homem. Ainda mais até do que uma psicologia, ou sociologia, esta será a meu ver aquela que melhor capta o retrato da sociedade em que se move. Relatando ao longo dos anos as mais honestas inquietudes que afligem uma determinada geração, proporcionando uma visão global dos problemas realmente que atormentaram as almas que por ali andaram, seja pela fuga ou pela denúncia das questões. Por fim, justificando-se a importância desmesurada que a saudade tem na cultura portuguesa, uma vez que assiste-se não só a uma evolução dantesca do seu significado, como se constata uma resiliência de louvar nos tempos mais controversos à sua tese.

Mas, ainda mencionando o legado de Almeida Garrett, lembre-se a sua afeição admirável pela obra de Luís Vaz de Camões. Tendo por base esta identificação empática da parte de Garrett, o cerne que constituía a essência da lírica camoniana: um testemunho de honestidade e humildade no uso das palavras sem exageros. Portanto, dispensando artifícios desnecessários à superação da crise existencial com que o seu povo se deparava à época em que foram escritos os versos de cada um (Madureira, 2008: 98).

Um estado de espírito partilhado, devido à instabilidade que ambos foram obrigados a ter que lidar durante grande partes das suas vidas. Camões pela sensação de pátria órfã, após o desaparecimento de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir. Garrett pela divisão interna de uma nação rasgada ao meio, separada entre liberais e absolutistas, ao mesmo tempo que o trono negligenciava o caos portugalense e se afundava cada vez mais na riqueza investida na edificação do império do outro lado do Atlântico. Talvez por isso, tanto um como outro tivessem o sonho de restaurar o orgulho português reabastecendo as reservas de ouro espiritual que se encontravam de cofres vazios. No fundo, um desejo profundo de conseguir encontrar a harmonia entre a ambição e a paz, dentro de um povo que já estava exausto de sentir.

Sendo que Almeida Garrett, durante o seu contexto histórico pretendeu sempre devolver nas suas palavras um mundo alternativo à pobreza que o rodeava. Contrapondo o caos em que Portugal estava envolto, com um momento de ordem recolhido à páginas que debitou, enquanto as embebia no seu licor de ideal de perfeição romantizado (Madureira, 2008: 99). A saudade enquanto resgate da alma purificada do povo lusitano, será uma das maiores formas de interpretação do impacto causado nesta questão da sua identidade cultural. De tal modo, que a saudade romantizada por Almeida Garrett, em obras como *Frei Luís de Sousa* e *Viagens Na Minha Terra*, será inspiração à mitificação que Teixeira de Pascoaes protagonizou no início do séc. XX.

Aliás, como no exemplo que se segue, aqui citado:

“No capítulo XXVIII de *Viagens Na Minha Terra*, Garret ao descrever uma deliciosa vista dos arredores de Santarém observada de uma das janelas da Alcáçova, de manhã (...): “Com os olhos vagando por este quadro imenso e formosíssimo, a imaginação tomava-me asas e fugia pelo vago infinito das regiões ideais. Recordações de todos os tempos, pensamentos de todo o género me afluíam ao espírito e me tinham como num sonho, em que as imagens mais discordantes e disparatas se sucedem umas às outras.

Mas eram todas melancólicas, todas de saudade, nenhuma de esperança!...” (Madureira, 2008: 126)

Sendo uma melancolia que desbrocha devido à sensibilidade do poeta em relação à natureza em seu redor, que lhe desperta memórias passadas irrecuperáveis por culpa da vingança do tempo. O maior de todos os inimigos da saudade, pois impede que se volva a sentir pela primeira vez um momento, que mesmo encenado novamente nunca mais será vivido com a ingenuidade de quem nunca soube o que era ter saudades daquele instante.

Por fim, Almeida Garrett será sempre simbólico na história da literatura portuguesa, quanto mais não seja pelo feito memorável da peça *Frei Luís de Sousa* ter sido traduzida para alemão. Aliás, conforme se verifica na seguinte passagem: “É através de Garrett que a literatura portuguesa se torna literatura europeia. O primeiro tradutor alemão de Garrett foi o conde W. v. Luckner, que traduziu a peça *Frei Luís de Sousa*.” (Madureira, 2008: 148). Algo inédito, concretizado pela primeira vez numa obra escrita em idioma português, que se inaugura no seu novo patamar na literatura europeia (Madureira, 2008: 148). Permitindo a posterior apreciação e valorização do talento nacional, até aí menosprezado pela forma descurada com que se olhava para a tantas das nossas obras. Sendo o obstáculo da língua, uma causa natural deste retrocesso em comparação com outros países já reconhecidos no panorama europeu. Daí a necessidade urgente de tradução de obras de autores portugueses.

Em 1825, nasce o segundo grande protagonista do Romantismo, um poeta e escritor de personalidade homônima coincidente com as histórias que conta nas suas obras. Uma vida de paixões proibidas assolapadas pelo desejo de infringir as regras que a sociedade lhes impunha, muito embora já estando desatualizada com o pensamento individualista, e por isso autónomo desenvolvido quiçá pelo racionalismo implantado antes desta corrente externa. Na época do Romantismo, o homem não obedece mais cegamente às normas da religião e do matrimónio arranjado pelo interesse secundário das linhagens familiares. Sendo, Camilo Castelo Branco uma vítima deste choque de mentalidades ainda em desacordo, no comportamento quotidiano. Casado desde os seus dezasseis anos, viria a encontrar o amor fora desta união precoce. Tendo por isso algumas semelhanças o caso de Simão Botelho e de Teresa Albuquerque, com a sua própria vida pessoal. Uma vez que Camilo terá sido acusado de adultério devido à sua relação extraconjugal, tal como a personagem de Simão que foi sentenciado a cumprir pena. Tempos de reflexão que permitiram ao escritor terminar a sua obra de *Amor de Perdição*, num curtíssimo relance ainda dentro das grades.

Sendo, por isso um acontecimento que denuncia a marca autobiográfica do romance. Uma narrativa que tem por base um enredo que circula em volta de um microsistema que se rege, segundo a distinção dicotómica entre o bem e o mal, ou por outras palavras entre a luz e a escuridão (Moreira, 2013:75)

Numa alternância sinestésica que palpita conforme o tom que a narrativa estimula. Resultando num clima de permanente suspense, que agarra o leitor ao destino daquelas duas personagens, sentenciadas ao sofrimento do desencontro eterno. Tema que naturalmente propicia o recurso ao vocábulo da saudade, pois sendo a lembrança masoquista aquela que alimenta a paixão à distância. De certo modo, um elemento afrodisíaco para as mentes volúveis a transpirar de desejo, incapacitadas de ceder ao prazer carnal tão intenso numa primeira fase de enamoramento. A fome de possuir o corpo, divide-se com a tântrica saudade de não lhe chegar sequer a tocar. Comem-se as memórias de olhos fechados, da mesma forma como se põe o pão à boca. Por necessidade da carne. Assim, sacia-se a saudade em sonhos encharcados pelo poder do erotismo da proibição que o inalcançável contém. Nesta obra de Camilo Castelo Branco, a saudade, ainda mais do que o sofrimento que se soma por culpa da frustração, sobressai pela perfeição que cabe entre o vazio que separa o passado e o presente.

Neste sentido, as duas personagens femininas Teresa e Mariana disputam o amor de Simão. Por um lado, o amor platónico, e por outro o amor físico, pendente da

sua permissão para lhe oferecer a entrega do melhor remédio à cura de um desgosto amoroso. O encontro dos braços de um novo amor. Ainda assim, a saudade servirá muito mais a favor da paixão de Teresa e Simão Botelho. Dado que Teresa, tem em si edificada a figura de mulher feiticeira, colocada no pedestal do amor intocável de Simão. Sendo esta de facto a personagem que realmente o encanta. Podendo mesmo comparar-se rusticamente este triângulo amoroso, com o caso de Dom Pedro I e Dona Inês de Castro no seu pós-vida. Pois, ambos os homens procuram o conforto da presença feminina mesmo não sendo o alvo da sua paixão. Também, Dom Pedro procurou através do relacionamento com Teresa Lourenço angariar o toque ao anoitecer. Tal como, Simão em *Amor de Perdição* se vê amparado pela presença de Mariana.

Passo a citar:

“Se Teresa se apresenta como uma expressão do espírito, Mariana é concebida na expressão da carne. Enquanto o desejo de Teresa se consuma na distância e Simão se divide entre *pothos* e *himéros*, Mariana é toda ela corpo e a sua vivência erótica fundamenta-se através da presença. Mariana declara, incessantemente, perante Simão, um “Eis-me aqui”. (Moreira, 2013: 107)

Assim, a saudade no Romantismo enfrenta como obstáculo a concretização do coito. Algo compreensível, atendendo a que se trata especificamente de um estado de espírito muito mais saudoso de um amor não-fraterno. Camilo Castelo Branco representa o sensualismo desta estética apurada desde o tempo de Almeida Garrett. A virtude sugestiva que a saudade deixa à sua mercê é sugada pelo autor de *Amor de Perdição*, que se serve das profundezas destapadas por esta distância imaculada para criar cenários de orgasmos espirituais só possíveis de sentir em sonhos. A saudade, torna-se por isso imbatível perante a mera possibilidade de cedência do corpo à compulsão. Por último, relevando-se o amor saudoso muito superior à tentação.

Concluindo este parêntesis acerca do lapso temporal de que foi vítima o curto espaço de reflexão deste trabalho, em comparação ao que haveria por dizer sobre este assunto. Segue-se o último poeta do século XIX, indispensável para a saudade portuguesa no aspeto da sua consolidação simbólica, naquela que se viria a tornar uma filosofia nacional. Sendo este, António Nobre autor da obra *Só*. Um autor que se viu afetado pelo período de transição presente ao longo do finais do século XIX. Dando origem a uma obra ímpar, sem precedentes nem descendentes, pela honestidade dos seus versos, nomeadamente impressa essa tendência no próprio título empregue à obra *Só* (Pascoaes, 1911: 2).

Poeta que aglomera tantas tendências quanto possíveis, retirando de cada uma destas, aquilo que a seu ver são as suas melhores características. Desde o Romantismo até ao Modernismo, vários foram os homens das letras que inspiraram os seus versos de estilo singular, torneado pelo forte sentido emotivo e intimista. Independente a motivações alheias àquelas que realmente lhe importam saber, como a verdade nua e crua da alma. Não se deixando por isso afetar pela necessidade de agradar a certos e determinados ideais políticos, que se poderiam identificar com um certo tipo de literatura. Atitude esta que lhe valeu o reconhecimento geral do seu mérito, tanto de associado ao movimento monárquico, como ao republicano. Portanto, um homem de sentido universal que encontrou empatias comuns, em opiniões tão opostas noutros campos da vida quotidiana, tal como aconteceu com a política chamando a atenção de nomes tão contraditórios como Teixeira de Pascoaes e António Sardinha, aliás entre muitos outros casos semelhantes a este (Relvas, 2022: 438).

Destaque-se ainda, em António Nobre, o sentido patriótico latente nas suas criações literárias. Tal como, sucede em Teixeira de Pascoaes, um dos maiores embaixadores do orgulho nacional e do sentimento saudosista. Algo que Nobre reconhece em si mesmo, talvez por ter nas suas veias a saudade inerente ao fenómeno de ser português. Ou como diria Pascoaes, a *Arte de Ser Português*. Como por exemplo, acontece no poema “O Desejado”, intervenção lírica que expõe este recorrente pedido de ajuda a uma entidade ou personalidade oculta como Dom Sebastião que seja capaz de devolver a estabilidade à sua nação em crise (Relvas, 2022: 439).

Assim, a sua obra não escapa à afeição pelas suas raízes lusitanas, mesmo havendo passado um longo período da sua vida exilado em Paris. Local onde havia de publicar *Só*. Obra que se assemelha até mesmo pela sua estrutura ao romance em verso de Teixeira de Pascoaes, *Marânus*. Onde a inocência com que se contempla o espaço em seu redor, ocupa um lugar de destaque na interpretação sensorial do sujeito poético. Que tal como sucede em Pascoaes, atinge um tom narrativo de certo modo autobiográfico, pelo intimismo do olhar. Tanto que António Nobre, reconheceu quase por instinto esta saudade de futuro, tão intrinsecamente ligada ao Sebastianismo ancestral deste povo.

Passando a citar:

“(…) a Memória atinge uma dimensão ontológica, metafísica e escatológica, contemplando diferentes níveis de temporalidade, da génese à eternidade, da lembrança à saudade do futuro, perspectiva metafísica que em muito se aproxima da lembrança galega ou da estética da Saudade de Teixeira de Pascoaes (...)” (Relvas, 2022: 440).

Concluindo, a relevância de António Nobre no âmbito do estudo da saudade, tem como base a profunda marca que transparece na obra de Teixeira de Pascoaes. Temas como o misticismo que paira sobre a *Idade de Ouro*, mais precisamente o contraste entre a ingenuidade infantil e a perspetiva adulta, os contornos paisagísticos da natureza e melancolia que dela advém, agregam porventura os grandes traços que unem estes dois grandes nomes da literatura nacional. Por conseguinte também afetando Leonardo Coimbra, tendo em vista a sua doutrina criacionista que aborda a interação dependente entre o seu autor, a obra, a espiritualidade e o seu pensamento crítico sobre o mundo (Relvas, 2022: 442). Uma sinestesia de que António Nobre é exemplo, resultando numa peça fundamental aos estudos que se seguiram no início do séc. XX, tal como de movimentos culturais revolucionário como foi o caso da Renascença Portuguesa. Quiçá pelo seu talento ter sido transversal de tão concordante, no meio do caos emergente da controvérsia política e artística.

Tendo sido, Pascoaes o grande impulsionador do seu reconhecimento:

“(…) referindo-se à sensibilidade dos novos poetas, alude à poesia de António Nobre como possuidora de “alma e corpo, vibra ante a Forma e o Espírito, ao mesmo tempo e com a mesma energia...”, atribuindo a Camões, Camilo, Bernardim Ribeiro e ao próprio António Nobre uma sensibilidade “inconsciente e instintiva”, que o mentor do Saudosismo reclama como traço distintivo da sua geração (...)” (Relvas, 2022: 443)

Assim, em jeito de conclusão desta dissertação, demasiado breve para o assunto que aqui foi tratado: será possível afirmar que a palavra saudade é única, na sua forma e expressão na língua portuguesa. Sendo a sua dificuldade de tradução, equivalente à tamanha profundidade que nela assenta, muito para além dos seus sinónimos noutras culturas. Em que a seu significado terá ficado à superfície pelo sentimento de vazio, causado pela ausência, pelo distanciamento físico e temporal de uma determinada situação ou pessoa, entre tantas outras. Pois, a saudade é também tudo isso. Mas, tanto ou mais uma questão de identidade.

Neste caso de estudo, o objeto foi essencialmente a literatura, claro que a par da história de Portugal pelo contexto que engloba todos os acontecimentos que influenciaram o crescimento do vocábulo. Demos conta que reflete um traço marcante da nossa cultura, do nosso povo, no seu maneirismo original de sentir e de pensar sobre o futuro. A literatura portuguesa, enquanto faceta artística é reflexo disso mesmo, da constância deste sentimento melancólico agridoce nos lábios e nos corações que aqui vivem à beira mar. Um país, que até do ponto de vista geográfico se afasta e isola nos seus sonhos e sabores, vestindo por vezes a pele de velho do restelo, como bem sabemos. Contudo, essa dispersão sobre o verdadeiro núcleo da definição de saudade

faz com que erradamente tenha sido associada ao imobilismo que Sérgio propagandeou durante o início século XX, e que arrastar-se-ia de certa forma durante largas décadas. Sendo que, se hoje em dia a saudade é motivo de orgulho na nossa língua, a Teixeira de Pascoaes o devemos. Tendo sido, este o homem que mais recentemente na nossa história a resgatou de uma possível aniquilação moderna, presos à infantilidade de romper com tudo o que era passado, renegando as próprias raízes e imitando quase numa corrente de adolescência os seus ídolos longínquos, que em nada se pareciam com os seus pais e com os seus avós. Um retrato que executo com algum grau caricatural como será óbvio, mas que no fundo simplifica a realidade dos factos.

Assim, hoje em dia poderemos reconhecer, que o esforço do homem oriundo da serra do Marão, não foi inútil. Uma vez que, observando o princípio cronológico, notar-se-á a sistemática recorrência à temática da saudade, enquanto elemento convocatório de inspiração. Algo que serve como meio de catarse às inquietações internas do indivíduo, revelando o panorama psicossociológico que afeta este pequeno canto da Europa. Os portugueses serão sempre saudade e a saudade será sempre portuguesa. Talvez seja esta a frase mais honesta e adequada ao desfecho final que daqui advém.

Bibliografia

- Alves, Hélio João dos Santos (1999), Tese de Doutoramento “O sistema da poesia épica quinhentista – Camões, Corte-Real e os contemporâneos”, Doutoramento em Literatura Portuguesa, Universidade de Évora, Évora;
- Bernardes, José Augusto Cardoso (2020), “A Dedicatória de *Os Lusíadas*: uma questão maior”, *Revista Estudos Literários*, Vol. X: *As palavras (in)visíveis. Estudos para Carlos Reis*, Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Coimbra, pp.135-157;
- Bernardes, José Augusto Cardoso (2022), *A Oficina de Camões, Apontamentos sobre Os Lusíadas*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra;
- Camões, Luís Vaz de (1994), *Os Lusíadas*, Editores Reunidos, La^a e R.B.A Editores, S.A, Bar;
- Carreira, José Nunes (1981), *O Salmo 137 e a estrutura literária de Sôbolos rios*, *Didaskalia*, v.11, n. 2, Lisboa, pp. 29-362;
- Coimbra, Leonardo (1912), Notas e Comentários: “Revista Bibliográfica”, *Revista A Águia*, 2^a série, vol. I, N.º 6, Jun. 1912, pp. 197-199;
- Coimbra, Leonardo (1922), “Regresso ao Paraíso” (prefácio para a segunda edição), *Revista A Águia*, 3^a série, vol. I, N.º 2, Ago. 1922, pp. 49-62;
- Moreira, Tânia Marlene Furtado (2013), “O Sublime em *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco”, Tese de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto;
- *Filosofia da Saudade*, Seleção e organização: Botelho, Afonso e Braz Teixeira, António (1986), Coleção Pensamento Português, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa;
- Franco, António Cândido (1997), Tese de Doutoramento *A Literatura de Teixeira de Pascoaes*, Departamento de Linguística e Literatura, Universidade de Évora;
- Franco, António Cândido (2012), “Da Renascença Portuguesa ao Regresso ao Paraíso”, *Revista A Nova Águia*, N.º9 – 1º Semestre, pp.32-34;
- Franco, António Cândido (s/d), “Renascença Portuguesa”, Website: Modern!smo, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, Link consultado: <https://modernismo.pt/index.php/r/741-renascenca-portuguesa>;
- Garcia, Juliana Yokoo (2008), “Regresso ao Paraíso de Teixeira de Pascoaes do “trabalho épico” como reabilitação da epopeia”, *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*, *Nau Literária*, Vol.4, N.º1, Porto Alegre;

- Jorge, Ricardo (1920), *Francisco Rodrigues Lobo, Estudo Biográfico e Crítico*, Coimbra, Imprensa da Universidade. (1999) reedição fac-similada da 1.ª edição, Fenda edições, Lisboa, pp. 236;
- Lopes, Fernão (1895), *Chronica De El-Rei D. Pedro I*, Edição de Luciano Cordeiro, Biblioteca de clássicos portugueses (8º volume da coleção), Escritório 147, Rua dos retroseiros, 147, Lisboa, pp.109 – 119;
- Lourenço, Eduardo (1992), *O Labirinto da Saudade*, Publicações Dom Quixote Lda, Lisboa;
- Macedo, Jorge Borges de (1949), *Seara Nova*, N.º 1119, 18 de Junho de 1949, pp. 261-264;
- Madureira, Delfina de Araújo (2008), “Sehnsucht Saudade Para uma história comparada do pathos”, Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura, Área de Conhecimento da Literatura Comparada, Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas;
- Maia, Ana Andreia Bugalho (2012), Dissertação de Mestrado “A Saudade em Teixeira de Pascoaes”, Departamento de Linguística e Literatura, Universidade de Évora, Évora;
- Manso, Artur (2017), “Do Sentimento Anti-Saudade ao Anti-Saudosismo”, *Sobre a Saudade V Colóquio Luso-Galaico*, Zéfiro – Edições e Atividades Culturais, Lda, Sintra, pp. 89-99;
- Marques, Ricardo (s/d), “A Renascença”, Website: Modern!smo, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, Link consultado: <https://modernismo.pt/index.php/renascenca>;
- Matos, Maria Vitalina Leal de (1992), *Introdução à poesia de Luís de Camões*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, Biblioteca Breve, Volume 50, Maia;
- Melo, Francisco Manuel de (1660), Excerto de Epanáforas de Vária História Portuguesa, *Epanáfora Amorosa III*, 1660; apud: *Filosofia da Saudade*, 1986, pp.19-20;
- Michaëlis, Carolina (1990), *A Saudade Portuguesa*, Livraria Estante Editora. Coleção Estudos Literários – 4, Aveiro;
- Moreira, Tânia Marlene Furtado (2013), “O Sublime em *Amor de Perdição*”
- Pascoaes, de Teixeira (1913), “Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio”, *Revista A Águia* vol. V, 2ª série, nº22, Outubro 1913, pp.104 -109;
- Pascoaes, de Teixeira (1914), “Mais Palavras ao Homem da Espada de Pau”, *Revista A Águia*, vol. VI, 2ª série, nº 31, Julho 1914, pp. 1-5;

- Pascoaes, de Teixeira (1914), “Resposta a António Sérgio”, Revista *A Águia*, vol. V, 2ª série, nº26, Fevereiro 1914, pp 23-28;
- Pascoaes, de Teixeira (1914), “Última Carta?”, Revista *A Águia*, vol. V, 2ª série, nº29, Maio 1914, pp. 129-137;
- Pascoaes, de Teixeira (1988), *A Saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos)*, Coleção: Obras de Teixeira de Pascoaes, Edição nº251, Editora Assírio e Alvim, Lisboa;
- Pascoaes, Teixeira de (1990), *Marânus*, Assírio & Alvim, Cooperativa Editora e Livreira, CRL, Lisboa;
- Pascoaes, Teixeira de (s/d), *Regresso ao Paraíso*, Livrarias Aillaud e Bertrand, 5º volume (Edição do autor), Paris – Lisboa;
- Proença, Raul (1912), “O Saudosismo e a Renascença”, Revista *A Águia*, 2ª série, vol. II, nº10, pp. 114;
- Real, Miguel (2011), “O espiritualismo d’A Águia”, Revista da História e Teoria de Ideias, vol.28, Centro de História da Cultura;
- Relva, Susana (2022) “António Nobre visto por Leonardo Coimbra. Uma leitura criacionista de uma poética da Saudade”. Em Samuel Dimas, Renato Epifânio, Luís Loia, António Martins (Coords.), *Redenção e Escatologia. Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa - Volume III – Idade Contemporânea - Tomo 3.* (pp. 421-434). Universidade Católica Editora, Lisboa;
- Rodrigues, Pedro Jorge (2006), Dissertação de Mestrado “A personagem D. Pedro na narrativa portuguesa do dealbar do século XXI”, Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, Universidade Aberta, Lisboa;
- Russo, Rute Isabel Rodrigues (2019), Dissertação de Mestrado “A Crónica de D. Pedro I: a estratégia cronística em Fernão Lopes”, Mestrado em Estudo Medievais na Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto;
- Sérgio, António (1912), “Epístolas aos Saudosistas”, Revista *A Águia*, vol. V, 2ª série, nº22, Outubro 1912, pp.96-113;
- Sérgio, António (1914), “Despedida de Julieta”, Revista *A Águia*, vol. V, 2ª série, nº28, Abril 1914, pp. 101-112;
- Sérgio, António (1914), “Explicações Necessárias do Homem da Espada de Pau ao Arcanjo da Espada dum Relâmpago”, Revista *A Águia*, vol. V, 2ª série, nº 30, Junho 1914, pp.170-175;
- Sérgio, António (1914), “Regeneração e Tradição, Moral e Economia”, Revista *A Águia*, vol. V, 2ª série, nº25, Janeiro 1914, pp. 1-9;